



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.
(DOUTORADO)



ITAMARA FREIRES DE MENESES

**AS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE AOS OLHOS DOS NÃO
DEVOTOS**

Natal-RN
2023

ITAMARA FREIRES DE MENESES

**AS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE AOS OLHOS DOS NÃO
DEVOTOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na Linha de pesquisa Dinâmicas e Práticas Sociais, sob orientação da Profª. Drª. Maria Lúcia Bastos Alves.

Apresentada em: 13/03/2023

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Maria Lúcia Bastos Alves – PPGCS/UFRN
(orientadora)

(Profª. Drª. Lore Fortes – PPGCS/UFRN)

(Profª Drª. Maria das Graças de Oliveira Costa Ribeiro - IFCE)

(Profª. Drª. Maria Paula Jacinto Cordeiro - URCA)

(Profª. Drª. Irene de Araújo Van Den Berg Silva - UERN)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Meneses, Itamara Freires de.

As romarias de Juazeiro do Norte aos olhos dos não devotos / Itamara Freires de Meneses. - Natal, 2023.
152 f.: il. color.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Natal, RN, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Maria Lúcia Bastos Alves.

1. Não devotos - Tese. 2. Juazeiro do Norte - Tese. 3. Entretenimento - Tese. 4. Romarias - Tese. I. Alves, Maria Lúcia Bastos. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.74

*Aos pós-graduandos e pós-graduandas que enfrentam transtornos
de ansiedade, dedico esta tese.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, sentido de tudo.

Agradecer implica no reconhecimento que eu nunca estive sozinha. Eu nunca estive! O agradecimento não é direcionado apenas a pessoas, mas também às condições de existência. Eu sou cria da Educação Pública, a ela devo toda a minha formação acadêmica e o meu aperfeiçoamento enquanto ser humano, obrigada.

Reconheço o papel fundamental das políticas sociais do governo do PT que viabilizaram o meu ingresso no curso de graduação e posteriormente nos cursos de mestrado e doutorado. Foram iniciativas importantes não apenas para o meu ingresso na Educação Superior, foram indispensáveis para a minha permanência. As políticas públicas voltadas à educação revelaram que a Universidade é casa de todos e não de poucos, muito obrigada.

Deixo também o meu agradecimento às instituições de apoio à pesquisa: Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico (FUNCAP), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As bolsas angariadas por estas instituições viabilizaram o desenvolvimento das pesquisas e a minha permanência na graduação e na pós-graduação.

Agradeço com muita emoção e alegria aos meus pais, Terezinha e Alberto. Nunca mediram esforços para realizar os meus sonhos que também são os sonhos deles. Vocês são tudo na minha vida, sem vocês nada seria possível.

Agradeço às minhas irmãs, Ianne e Iêda, companheiras da minha vida. Ao meu sobrinho, Gabriel. Biel é tudo para mim.

Agradeço a todas as professoras e a todos os professores da educação básica com os quais tive o prazer de encontrar e, nesse encontro, encontrar-me.

A minha orientadora Maria Lúcia, mulher de um coração bondoso e generoso. Maria Lúcia me acolheu no mestrado e no doutorado com muito afeto.

Aos meus interlocutores, deixo registrado um agradecimento especial, vocês são os responsáveis pela construção desta tese. Agradeço pela acolhida, pela atenção e pela confiança.

Agradeço aos professores e professoras do Departamento de Ciências Sociais da URCA, que grande time temos ali. Foram indispensáveis na minha evolução acadêmica.

Agradeço, de modo especial, às professoras Otília e Adriana Simião, mulheres de força e sabedoria.

A Cleylton, trocamos muitas mensagens de carinho, todos os dias, ele sabe a importância que tem na minha vida. Cleylton é um ser humano de uma leveza indescritível, uma energia incomparável, ele me ajuda a enxergar a vida com mais carinho. Caminhou e caminha ao meu lado, sempre. Ele é riso, alegria, felicidade. Ele é também força, coragem e muita sabedoria.

A José, agradeço todas as falas de incentivo, todos os momentos compartilhados, agradeço por sempre acreditar em mim. Ele me lembra, constantemente, da minha força. Obrigada, meu amor.

A professora Paula Cordeiro. Paula é um espelho que reflete o que há de melhor no ser humano. Querida, obrigada por todo o aprendizado nos anos de graduação, por conduzir com tamanha leveza e doçura as aulas e a vida. Gratidão por mais uma vez contribuir com o meu crescimento.

A professora Irene Van Den Berg. Obrigada pela rica contribuição no momento da qualificação e por aceitar continuar contribuindo com a minha tese.

A professora Lore. Mulher de um coração generoso. Querida, obrigada por sua disposição em contribuir com a minha tese.

A Maria das Graças. Agradeço pela disponibilidade em contribuir com a minha tese.

A Renata Marinho Paz. Sempre que menciono o nome Renata Marinho com os meus colegas de graduação, todos têm algum elogio a fazer. Uma professora incrível, inteligente, sábia, uma didática impecável, linda, elegante, uma oratória de dar inveja, são coisas deste tipo que escuto ao mencioná-la. Renata é mesmo isso e muito mais. Obrigada, querida. Obrigada pela orientação no curso de graduação e por todas as orientações posteriores.

Agradeço às minhas duas grandes amigas, Hayane Mateus e Marcyana Macedo, com elas os anos da faculdade ganharam um sabor de afeto, alegria e segurança. Com elas caminho até hoje.

Agradeço a Luiz e Samuell, como eles caminho até hoje também.

Agradeço a todos os colegas da graduação.

A Felipe Alves, amigo que a URCA me apresentou. Compartilhamos os quatro anos do curso de Ciências Sociais e muitos outros anos e momentos. Felipe é amigo e companheiro de pesquisa. Percorremos juntos muitas romarias.

A Luana e Luma, grandes companheiras com quem sempre pude contar.

A Karoline, uma mulher de força e coragem, você é fé e persistência. Obrigada por me lembrar o sentido e o valor da vida, irmã.

A Nino, amigo de um coração lindo. Obrigada por sua amizade e pela gentileza de me ajudar com a revisão do texto.

A Camila, agradeço pela leitura do meu texto e por acreditar no meu trabalho.

Agradeço a Clécio, Amanda e Hayane. Compartilhamos tantos momentos lindos e também difíceis. Vocês foram fundamentais na minha passagem por Natal, quero vocês comigo, sempre.

Não poderia deixar de agradecer a Laísa. A vida nos separou, mas o sentimento de gratidão que tenho por ela continua aquecendo o meu coração. Laísa foi uma grande amiga que Natal me deu, me acolheu nas minhas piores crises de ansiedade, esteve ao meu lado nos meus piores dias. Obrigada por ter sido segurança onde eu só enxergava medo. Espero que um dia você possa ler isso.

Agradeço a Daniele, colega de doutorado que foi força todas as vezes que precisei.

Agradeço a Ribamar, vivemos grandes momentos em Natal. Obrigada pela partilha, querido.

As professoras e aos professores da pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN, que tive o prazer de encontrar, deixo o meu agradecimento.

Agradeço a Otânio, secretário da pós-graduação, excelente profissional, sempre me tratou com sensibilidade.

Agradeço, com muito carinho, a mim mesma. Construir esta tese foi um processo importante de autoconhecimento. Sorrisos, lágrimas, alegrias, sentimento de impotência, crises de ansiedades, realizações e vitórias, marcaram a construção deste trabalho. Apesar de tudo, eu venci, nós vencemos.

Esta lista não contemplou uma gama enorme de envolvidos no meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal, a estes, deixo as minhas sinceras desculpas. Não estão aqui porque falta espaço para tanto agradecimento, mas não falta o sentimento de gratidão que rege a minha vida. Obrigada!

Despedida

Leonardo Valente

Eu queria poder lhe dar um abraço bem forte nesse momento tão difícil, mas não vai ser possível. Seu marido acaba de partir aqui do meu lado — contou chorosa a médica intensivista do hospital de campanha no Estádio do Maracanã, em videochamada da tela de seu tablet para o smartphone do primo.

O mundo que ameaçava desmoronar em etapas desabou por inteiro de repente. Tudo ficou turvo, sem sentido e aquelas palavras não pareciam conexas. Como assim ele morreu? Dez anos mais novo, 32, saudável, uma vida pela frente. Lindo. Engenheiro civil bem-sucedido, amante das artes, sensível. Como assim o casamento de um ano e meio terminou? Aquele casamento com uma festa inesquecível para as duas famílias na beira de uma praia paradisíaca ao pôr-do-Sol, como ele ousou ir embora? Quem vai fazer o jantar depois de um dia cansativo de trabalho? Quem vai se jogar no sofá, sorrir e falar sobre as bobagens e problemas do dia? Quem vai envelhecer junto e organizar a aposentadoria para morar em Portugal? Como ele tem coragem de interromper planos tão pequenamente grandiosos, tão doces e tão dependentes dos dois?

Você precisa ser forte, primo, muito forte — pediu dessa vez aos prantos a médica, que precisou respirar fundo para continuar — você não pode sair do seu apartamento porque com certeza está contaminado, só não tem os sintomas. Não temos mais testes para confirmar, não temos mais equipamentos de segurança, não temos mais nada, nem sei como conseguiram montar essa UTI aqui no estádio, o hospital era para ter só leitos de enfermaria, mas a situação está muito grave, muita gente doente jogada nas calçadas, muita gente morrendo em casa. Seu filho está bem na casa da sua mãe, deixe-o lá por mais umas duas semanas, pelo menos, nem ele nem ela podem ter contato com você, e nem podem ir à rua, para o bem deles.

O filho. O que será do filho? O menino de três anos adotado e que chegou para alegrar a família quatro meses antes da pandemia. Como será criado só por um em vez de dois? Como é que se paga sozinho a prestação do apartamento? E a pequena poupança que está na conta dele? E o carro que está em nome da sogra, mas que é de ambos? E a conta no Instagram com fotos da família dignas de novela, quem tem a senha? E o amor, e o companheirismo, e os cinemas às sextas, teatros aos sábados e restaurantes aos domingos? Quem foi que morreu? Não pode ser ele, é algum engano, com certeza não faz o menor sentido, a TV tem denunciado muito erro desse tipo. — Ele foi embora dormindo, nós o mantivemos em coma induzido. Foi tudo muito rápido, apenas três dias de UTI. Pelo menos não sofreu muito — tentou consolar a médica.

Meu Deus, três dias. Só três dias. Cinco de enfermaria de hospital e três de UTI. Semana passada ele estava em casa, fazendo risoto no meio da quarentena quando começou a tossir. Ponta de febre, coisa leve. Dormiu bem, acordou com um pouco de falta de ar e achou melhor ir ao médico. Ficou internado por precaução, ligava para casa duas vezes por dia, perguntava como estava o menino, como estava tudo. Parou de ligar quando piorou e foi transferido do hospital superlotado em Copacabana para a UTI no Maracanã.

A prima disse que ele era forte e que ficaria bem, que daria notícias toda hora, que já já voltava para casa. Cadê as notícias sobre o estado dele? Ela está devendo. Quando ele volta? Por que não pode falar no celular?

— Assim que você me ligou para falar da transferência, vim para cá e me ofereci como voluntária, eles estão sem médicos e cuidei dele cada minuto. Você tem comida em casa, primo? Paracetamol? Tem Rivotril? Você vai precisar tomar. Ninguém pode ficar aí com você, ninguém vai poder te abraçar, te consolar e dar o ombro para você chorar. Você precisa segurar essa barra sozinho, mas nossa família está com você mesmo à distância. Se passar mal ou tiver falta de ar avise e corra para um hospital. Quer que eu peça para deixarem compras na portaria? Prefere comida pronta? O que você está precisando, olha para mim, fala alguma coisa, pelo amor de Deus. Eu também vou precisar de você agora, de sua ajuda, por ele.

Comida? Pra que comida? Comida em quarentena engorda. Alguém tem que ligar para a mãe dele que mora em Roma, ela nunca atende o telefone. O maldito genocida que está no Planalto não disse que era só uma gripezinha? Ela votou nele, filha da puta! Como se contrata funeral sem sair de casa? Ele precisa de um funeral digno, precisa de tudo de bom e do melhor que se pode oferecer, de carinho, de companhia, de alguém que atravesse essa barra junto, que segure as pontas porque tudo vai passar, sempre passa. Ele precisa de uma linda coroa de flores, quem vai trocar a roupa e fazer a maquiagem? Ele é muito vaidoso, não pode parecer abatido no funeral. Como pega atestado de óbito? INSS dá direito à pensão para casal homoafetivo? Ele vai precisar tomar uma sopa quando chegar em casa. Sem sair de casa fica difícil comprar as coisas para a sopa que tanto gosta, de repente ela pode realmente deixar algumas compras na portaria.

— Não vai ter funeral, primo. O corpo vai ser levado em caixão fechado para ser cremado em outra cidade. O caminhão do Exército vai levar. Aqui não tem mais como. O lado de fora do estádio está cheio de caixões, as calçadas do bairro estão lotadas também, só na entrada do metrô tem uns trinta. Eu preciso de você, primo, eu preciso que seja forte, porque a gente precisa liberar o corpo, é o que a gente pode fazer de mais digno para ele neste momento. Quanto mais rápido a gente liberar o corpo, melhor para ele, menos tempo vai ficar por aqui. Você me ajuda, meu querido? Vou resolver tudo, mas preciso de você.

O apartamento acabou de ser pintado, está novinho. O quarto do filho está todo decorado. Ele cuidou dos papéis de parede, escolheu a dedo, tanto o do canto da sala, preto e branco, quanto o do quarto do menino, todo azul. O imóvel de três quartos, com uma suíte e uma varanda, está lindo. Os tempos são muito duros, ninguém sabe quem vai segurar o emprego, o Brasil tem um governo insano e perdido que vai matar mais que o vírus, mas um casal unido e que se ama supera tudo. Não tem problema, as férias programadas para a Europa, por exemplo, vão virar férias no Nordeste os três serão muito felizes nessa viagem. Praia, Sol, pousada, comida típica, forró à noite, vai dar para fazer tudo. Essa doença maldita vai passar, serão necessários alguns sacrifícios e muita solidariedade, mas todos sairão mais fortes dessa. É horrível ficar em casa sozinho, mas é para o bem da família e essa fase vai acabar. O menino está seguro na casa da avó que mora no Rio, e que fica a duas quadras. Ele mesmo pegou o carro e o levou, para em seguida ir para o hospital. Tudo está bem e continuará bem.

— Meu querido, fala comigo, você não disse uma palavra, fala alguma coisa, por favor — pediu a médica ainda chorosa e muito preocupada com o primo. — Eu vou virar o tablet e vou mostrar o rosto dele para você, tudo bem? Não vai demorar. Eu mostro e você me diz sim, é ele, ou só faz um sinal de positivo com a mão, está certo? Ele está bem, não está inchado, está como se estivesse dormindo, só com os lábios um pouquinho roxeados e o rosto um pouquinho mais pálido, mas ele é lindo assim mesmo. Sempre foi muito bonito, está tão bonito quanto no dia do casamento de vocês. Assim, você também se despede dele, meu amor. Você manda um beijo, diz que o ama. Tenho certeza de que ele vai te ouvir, pode ser?

Sim! Todo mundo ouviu o aceite emocionado em alto e bom som naquela cerimônia inesquecível. Um casamento entre iguais que se amam é sempre um evento histórico, um recado de que há algo mais forte a unir os homens do que apenas a vontade dos hipócritas. Ali, todo mundo tinha certeza de que seria para sempre, “até que a morte os separe”, como disse o juiz. Quanto tempo ainda de quarentena? Por que o ministro da Saúde cada dia recomenda uma coisa diferente? Haverá uma guerra depois disso tudo? Como estará o país quando chegarem as bodas de prata? Como é que se corta o cabelo no meio dessa confusão toda se os salões estão fechados? E o funeral, ela não explicou o que é preciso fazer para organizar o funeral, é tão difícil nessas horas. Não! Espera! Parece que a construtora em que ele trabalha tem auxílio funeral, eles organizam tudo, mas será que está valendo, mesmo com o corte de metade do salário? Se cortaram o plano de saúde no meio da pandemia, podem ter cortado o auxílio funeral também, as empresas não se importam com ninguém. Será que ele conseguirá segurar o emprego?

— Querido, olha ele aqui — disse a médica, apontando a câmera do tablet para o corpo do rapaz em cima da maca de UTI, com um avental azul e uma placa de metal bem sobre o peito com o número 2020 — Ele está sereno, ele está bem, primo. Ele precisa ir, outros estão esperando essa vaga aqui, tem muita gente precisando, tem fila de gente morrendo. É hora de se despedir. É ele? Diz para mim ou só faz um ok com a mão.

— Não é ele! Sou eu!

O ano era 2020. Com lágrimas nos olhos reli o conto escrito por Leonardo Valente. Na primeira vez que li este conto, decidi deixar registrado no meu trabalho de doutoramento como uma maneira de prestar homenagem a todas as vítimas da Covid-19. A pandemia nos afetou de diferentes maneiras, todos fomos impactados, mas em decorrência de uma sociedade tão desigual, as formas com as quais os grupos foram afetados apresentou-se de modos diversos. Entretanto, o conto “A despedida”, retrata algo em comum experienciado por todos que sofreram o processo do luto, do adeus: a despedida. Até o momento em que escrevo este texto, o Brasil registrava 695 mil mortes pela Covid-19. Este número é absurdamente maior. Quem ficou, morreu um pouco também.

O conto me fez refletir sobre a dor de quem fica. A resignificação da despedida foi um dos elementos mais dolorosos apresentados pelo contexto pandêmico. O beijo no rosto não foi dado, às carícias no cabelo, também não, o toque que carrega a sensação de que é possível sentir a filha, a mãe, o irmão, o marido, o amigo, mesmo que pela última vez, foi substituído por um vazio impossível de traduzir em palavras. A todos que foram, deixo aqui a minha singela homenagem, aos que ficaram e convivem com a terrível lembrança do que foi perder alguém para a Covid, deixo o meu abraço. Deixo também registrado o meu sentimento de revolta frente ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro,

ser humano de uma apatia assustadora que deve ser responsabilizado pela condução criminosa da pandemia da Covid-19 no Brasil.

RESUMO

Esta tese parte de uma interpretação das romarias de Juazeiro do Norte aos olhos dos *não devotos*. Sujeitos que, destituídos de devoção ao Padre Cícero, retratam as romarias da cidade por meio de experiências voltadas ao entretenimento. Desde os primórdios observamos, nestes eventos, elementos referentes tanto ao campo do sagrado como à esfera lúdica, possibilitando conexões e cruzamentos de símbolos, além de um trânsito das mais diversas pessoas, ressoando em processos híbridos (CANCLINI, 2019). Este panorama assegura a possibilidade de experienciar as romarias por meio de olhares que não estão necessariamente ancorados na noção do sagrado, e no empreendimento das práticas de devoção. A leitura das romarias de Juazeiro aos olhos dos sujeitos que não se qualificam enquanto devotos do Padre Cícero, permite percebê-las, assim como também o Juazeiro, pelo viés do entretenimento. O referido município dispõe do segundo metro quadrado mais valorizado do Ceará, apresentando-se como um importante centro comercial e cultural, reverberando no quadro das cidades cearenses que mais crescem. Considerando a ideia de que Juazeiro, reconhecido como um dos maiores polos de romarias populares do Brasil, é concebido como um interessante centro comercial e cultural, acaba por atrair sujeitos com distintos interesses. O processo metodológico empregado foi, substancialmente, o trabalho de campo, fundamentando-se no conceito de descrição densa (GEERTZ, 2019), assim como na preocupação antropológica com o olhar, o ouvir e o escrever (OLIVEIRA, 2000). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, alinhadas a um aparato bibliográfico, conversas informais e registros fotográficos. A investigação que privilegia o olhar dos *não devotos* a respeito do fenômeno em questão, demonstrou a capacidade de uma leitura das romarias de Juazeiro distante das práticas de devoção, voltada, sobretudo, ao entretenimento.

Palavras-chave: Não devotos. Juazeiro do Norte. Entretenimento. Romarias.

ABSTRACT

This thesis starts from an interpretation of the pilgrimages of Juazeiro do Norte in the eyes of non-devotees. Subjects who, devoid of devotion to Padre Cícero, portray the city's pilgrimages through entertainment-oriented experiences. Since the beginning, we have observed, in these events, elements referring to both the sacred field and the ludic sphere, allowing connections and intersections of symbols, as well as a transit of the most diverse people, resonating in hybrid processes (CANCLINI, 2019). This panorama ensures the possibility of experiencing the pilgrimages through perspectives that are not necessarily anchored in the notion of the sacred, and in the undertaking of devotional practices. Reading the pilgrimages in Juazeiro through the eyes of subjects who do not qualify as devotees of Padre Cícero allows us to perceive them, as well as Juazeiro, through entertainment. This municipality has the second most valued square meter in Ceará, presenting itself as an important commercial and cultural center, reverberating in the context of the fastest growing cities in Ceará. Considering the idea that Juazeiro, recognized as one of the biggest poles of popular pilgrimages in Brazil, is conceived as an interesting commercial and cultural center, it ends up attracting people with different interests. The methodological process employed was, substantially, fieldwork, based on the concept of dense description (GEERTZ, 2019), as well as on the anthropological concern with looking, listening and writing (OLIVEIRA, 2000). Semi-structured interviews were carried out, aligned with a bibliographic apparatus, informal conversations and photographic records. The investigation that favors the look of non-devotees regarding the phenomenon in question, demonstrated the ability to read the pilgrimages of Juazeiro far from devotional practices, focused, above all, on entertainment.

Keywords: Not devotees. Juazeiro do Norte. Entertainment. Pilgrimages.

RESUMEN

Esta tesis parte de una interpretación de las peregrinaciones de Juazeiro do Norte a los ojos de los no devotos. Sujetos que, carentes de devoción al Padre Cícero, retratan las peregrinaciones de la ciudad a través de experiencias lúdicas. Desde sus inicios hemos observado, en estos eventos, elementos referentes tanto al campo sagrado como a la esfera lúdica, permitiendo conexiones e intersecciones de símbolos, así como un tránsito de las más diversas personas, resonando en procesos híbridos (CANCLINI, 2019). Este panorama asegura la posibilidad de vivir las peregrinaciones a través de perspectivas que no necesariamente están ancladas en la noción de lo sagrado, y en el ejercicio de prácticas devocionales. Leer las peregrinaciones de Juazeiro a través de los ojos de sujetos que no califican como devotos del padre Cícero nos permite percibirlos, al igual que a Juazeiro, a través del entretenimiento. Este municipio tiene el segundo metro cuadrado más valorado de Ceará, presentándose como un importante centro comercial y cultural, repercutiendo en el contexto de las ciudades de mayor crecimiento en Ceará. Teniendo en cuenta la idea de que Juazeiro, reconocido como uno de los mayores polos de peregrinaciones populares de Brasil, se concibe como un interesante centro comercial y cultural, termina atrayendo a personas con diferentes intereses. El proceso metodológico empleado fue, sustancialmente, trabajo de campo, basado en el concepto de descripción densa (GEERTZ, 2019), así como en la preocupación antropológica por mirar, escuchar y escribir (OLIVEIRA, 2000). Se realizaron entrevistas semiestructuradas, alineadas con un aparato bibliográfico, conversaciones informales y registros fotográficos. La investigación que privilegia la mirada de los no devotos sobre el fenómeno en cuestión, demostró la capacidad de leer las peregrinaciones de Juazeiro lejos de prácticas devocionales, enfocadas, sobre todo, al entretenimiento.

Palabras clave: No devotos. Juazeiro Norte. Entretenimiento. peregrinaciones.

LISTA DE IMAGENS

	Pág.
IMAGEM 1 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: JOGO DE AZAR -----	61
IMAGEM 2 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: LOJA LOCALIZADA NO HORTO -----	65
IMAGEM 3 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: INTERLOCUTORA MONTADA NUM TOURO, NO HORTO -----	66
IMAGEM 4 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: CARRINHO DE VENDA DE PEN DRIVE -----	71
IMAGEM 5 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: CENÁRIO DO “VELÓRIO DO PADRE CÍCERO” -----	75
IMAGEM 6 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: TRIO DE RECIFE TOMANDO CERVEJA NA CALÇADA DE UMA POUSADA -----	78
IMAGEM 7 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: PEDRA DO PECADO -----	84
IMAGEM 8 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: ROMEIRA QUE FICOU PRESA NA PEDRA DO PECADO -----	86
IMAGEM 9 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: BAR DO MACARRÃO --	89
IMAGEM 10 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: SERESTA NO BAR DO MACARRÃO -----	90
IMAGEM 11 – FOTOGRAFIA FEITA POR CLÉCIO JAMILSON: CAMINHADA EM DEFESA DA LIBERDADE RELIGIOSA -----	97
IMAGEM 12 – FOTOGRAFIA FEITA PELA COMISSÃO DO EVENTO: CAMINHADA EM DEFESA DA LIBERDADE RELIGIOSA -----	98
IMAGEM 13 – FOTOGRAFIA EXTRAÍDA DA INTERNET: 13 RONALDO FRAGA E SUYANE MOREIRA NA CENA DO VÍDEO DA COLEÇÃO "TERRA DE GIGANTES" -----	104
IMAGEM 14 – FOTOGRAFIA EXTRAÍDA DA INTERNET: CHAPADA DO ARARIPE APRESENTADA NA COLEÇÃO "TERRA DE GIGANTES" -----	105
IMAGEM 15 – FOTOGRAFIA EXTRAÍDA DA INTERNET: SUYANE MOREIRA NA CALÇADA DE UMA IGREJA, CENA DA COLEÇÃO "TERRA DE GIGANTES" -----	108
IMAGEM 16 – FOTOGRAFIA EXTRAÍDA DA INTERNET: SUYANE MOREIRA DENTRO DA IGREJA, CENA DA COLEÇÃO DA "TERRA DE GIGANTES" -----	110

IMAGEM 17 – FOTOGRAFIA EXTRAÍDA DA INTERNET: SUYANE MOREIRA NO HORTO, CENA DA COLEÇÃO DA "TERRA DE GIGANTES" -----	111
IMAGEM 18 – FOTOGRAFIA EXTRAÍDA DA INTERNET: RONALDO FRAGA E SUYANE MOREIRA, CENA DA COLEÇÃO DA "TERRA DE GIGANTES" -----	111
IMAGEM 19 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: CRIANÇA APRESENTANDO UM SHOW MUSICAL NA PRAÇA PADRE CÍCERO -----	121
IMAGEM 20 – FOTOGRAFIA FEITA PELA AUTORA: DEVOTA DO PADRE CÍCERO, NO HORTO -----	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Juazeiro do Norte como terra do Padre Cícero: a cidade que me apresentaram	25
Meus passos: minha relação com Juazeiro	28
Caminhos	33
Pausa dolorosa: A resposta de Juazeiro a pandemia da Covid-19	37
 CAPÍTULO I – A RELIGIÃO E AS FACETAS DAS ROMARIAS	44
Da hegemonia ao declínio: o retrato da queda do catolicismo	47
Padre Cícero e as primeiras romarias: compromisso dos romeiros com o padrinho, negligência com a Igreja	50
Romaria: uma categoria fluida	54
 CAPÍTULO II – OS PASSOS DOS NÃO DEVOTOS: UMA LEITURA ETNOGRÁFICA	58
Distante do santo e perto do encanto: atravessada pela romaria	62
Caixão, flores e defunto: hora de velar o padre Cícero	74
Cerveja, conversa boa e curtição	78
Santo Sepulcro e a foto no Instagram	82
Do corredor das almas ao Bar do Macarrão	88
 CAPÍTULO III – JUAZEIRO DO NORTE E O CARIRI CEARENSE: OUTROS OLHARES	93
Outros olhares sobre romaria é também outros olhares sobre Juazeiro do Norte	93
Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa	96
A terra já era sagrada	99
 CAPÍTULO IV – DISTÂNCIAS E APROXIMAÇÕES: É TUDO ROMARIA	115
“Peca, peca, peca...vieram quase tudo nu”	124
Cinema Homoerótico	137
 QUE VENHAM OUTRAS ROMARIAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
 REFERÊNCIAS	150

INTRODUÇÃO

Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (Chimamanda Adichie)

O cenário das romarias é atravessado por aspectos que fogem de uma linearidade, aliás, linear não pode ser pensado enquanto característica de um quadro em estado de erupção. O que seria romaria? Qual o fundamento dela? Que sensações são provocadas por este fenômeno? Um panorama tomado por tamanha heterogeneidade aguça a reflexão. De que maneira a pesquisadora pode centrar seu olhar, diante de elementos específicos, estando frente a uma realidade tão heterogênea e hibridizada? O que ver? Como ver? O que não ver? Em que condições se torna possível apresentar distinções de realidades imbricadas e contaminadas? A romaria é uma realidade híbrida (CANCLINI, 2019), multifacetada, permeada por processos profundamente interligados, características que a tornam encantadora, é o “tempo feito festa” (SANCHIS, 2006). Quem esteve em uma romaria, sabe.

Quem não esteve, pode conceber este trabalho como uma maneira de conhecer algumas das características de uma romaria. Quem já esteve, pode sentir-se afetado por uma interpretação que a compreende pela perspectiva do entretenimento, distante do sentimento de devoção. Para o leitor de uma forma geral, que, em algum momento, possa ter interesse neste trabalho, saiba que esta tese é fruto do “estar lá” (GEERTZ, 2014), fruto de quem se dispôs a vivenciar as romarias de Juazeiro do Norte no intuito de compreender as dinâmicas que impulsionam um conjunto de interações sociais (GOFFMAN, 2011). As romarias de Juazeiro serão abordadas, nesta análise, tomando como enfoques questões relacionadas ao entretenimento. Neste trabalho me distancio de uma romaria religiosa, pautada no relacionamento com o sagrado, a fim de discutir o olhar de quem não apresenta devoção.

Busco, com esta tese, compreender como os *não devotos* interpretam e vivenciam as romarias de Juazeiro do Norte. Distantes de um sentimento, primordialmente religioso, observo trajetos alicerçados em outras percepções sobre o fazer romaria. O olhar dos *não devotos* revelou ser possível refletir sobre as romarias, sem necessariamente, ter como fundamento da experiência uma relação de intimidade e afeto com um santo. A

interpretação apresentada pelos sujeitos que não se qualificam enquanto devotos do Padre Cícero revelou vivências, compreensões e práticas desvinculadas de ações orientadas pela fé. Revelou-se, portanto, a romaria como festa, como viagem, passeio, assim como também uma oportunidade de realizar práticas sexuais. A romaria que, na ausência da fé, também se configura como romaria, é isto que esta tese defende.

O esforço desta tese concentra-se em demonstrar que as dinâmicas localizadas no fazer romaria, distantes de devoção, sinalizam uma expressividade importante ao pensar as romarias. A categoria romeiro, como dito anteriormente, é flutuante, deve ser refletida tendo em consideração as muitas formas de se apresentar, sobretudo, no que se refere a pluralidade de sentidos que orientam as práticas. O mesmo ocorre com os *não devotos*. Não parto da ideia de que existe uma única forma de se apresentar como um *não devoto*, reitero que a ausência de um sentido de romaria atravessado pela ordem do sagrado, permite pensar em sociabilidades a exemplo de idas aos bares, de horas sentado em uma praça, das paqueras, da conquista, interpretações que fogem do modelo hegemônico.

Problematizar a presença de pessoas sem vínculo devocional com o Padre Cícero nas romarias de Juazeiro do Norte, é demonstrar que as romarias não se sustentam apenas na relação devoto-santo, assim como Juazeiro, e a região do Cariri, não se esgotam na contextualização da tríade, beata-milagre-padre. O cariri cearense parte de um território com uma ampla riqueza cultural, caracterizada pela diversidade. A região acolhe e acolheu as mais diferentes práticas culturais e religiosas. Outros olhares sobre romarias e os atores que as compõem é uma tentativa de resgatar as narrativas dos *não devotos* do Padre Cícero, e enfatizar que esse olhar sobre as romarias e sobre o Juazeiro, enriquece ainda mais as interpretações sobre o fenômeno.

Este olhar conduziu-me a uma interpretação de romaria compreendida como uma ocasião de experiências ancoradas em atividades voltadas ao entretenimento, orientadas pela diversão, por encontros, paqueras, visitas. São sociabilidades pautadas na ausência de compromisso com o santo. Os *não devotos* revelam vivências que, deslocadas de uma conotação religiosa, voltada ao aspecto devocional, demonstram maneiras curiosas de conceber e perceber o fenômeno em pauta. Compreender a trajetória de quem não se qualifica no grupo de apadrinhados do Padre Cícero Romão Batista, viabiliza a percepção de Juazeiro, e das romarias, pelo prisma do entretenimento. Nesse sentido, práticas estimuladas pela devoção cedem lugar a ações de diversão. O *não devoto* é o sujeito que experiencia o evento mediante atividades recreativas, ressignificando, portanto, o espaço sagrado.

Ao pensar a ideia de espaço sagrado é importante ter em mente o processo de ressignificação formulado pelos sujeitos destituídos de devoção. O leitor perceberá que, os *não devotos* estão localizados em vários espaços da romaria, existe, portanto, um trânsito constante: praça Padre Cícero, bares, santuários, festas, horto, caminhadas aleatórias pelo centro da cidade, são exemplos desses espaços. Ao me deparar com relatos e descrições de ambientes historicamente percebidos como sagrados, a investigação demonstra que estes lugares não são exclusivos da presença de devotos, visto que, os *não devotos* também se apropriam desses ambientes. No momento em que os lugares santos são visitados e experienciados pelos sujeitos da pesquisa, observo, contudo, a atribuição de sentidos que fogem de uma conotação religiosa, apresentando-se como uma forma de entreter.

Busco então compreender os sentidos atribuídos (GEERTZ, 2019) pelos *não devotos* ao que vivenciam na temporalidade romeira de Juazeiro, tomando como prerrogativa, as narrativas que demonstram a condição reflexiva (GIDDENS, 2009) dos agentes. Condição que permite uma reflexão sobre as estruturas que estão postas, e as decisões de como atuarão nas dadas circunstâncias, entendendo o agente como um sujeito de ação. As práticas que interessam neste trabalho, partem das vivências atravessadas pelos elementos recreativos da festa, tendo em vista que são estes aspectos que envolvem os interlocutores que pautam esta tese. O olhar dos *não devotos* desponta a interpretação de uma romaria comprometida, primordialmente, com prazeres da ordem do profano.

Estou pensando os eventos romeiros de Juazeiro, tomando como perspectiva os “agentes humanos” (GIDDENS, 2003) que possuem a capacidade de criar e recriar as romarias por meio das suas experiências. Reforçando com isso, a “condição reflexiva” da atividade humana. Buscamos, então, compreender as romarias como um fenômeno que oportuniza diversas possibilidades de agenciamento.

O conceito de agência (GIDDENS, 1996) é utilizado na tentativa de demonstrar uma certa liberdade adquirida pelos sujeitos, frente a determinadas condições sociais. Sendo agência nas palavras de Giddens “eventos dos quais um indivíduo é o perpetrador, no sentido em que ele poderia em qualquer fase de uma dada sequência de conduta, ter atuado de modo diferente” (GIDDENS, 1996, pág.11). Uma perspectiva que possibilita perceber a relação dialética entre estrutura e ação, permitindo não enxergar os agentes como meros fantoches de uma realidade dada. “Falar de indivíduo é ter em mente a ideia de agente, extravasando a simples noção de sujeito”. (GIDDENS, 1996, pág.13).

Refletindo sobre a capacidade dos agentes projetarem e produzirem algo por meio da relação entre estes e o mundo social. “O produto reage sobre o produtor. A exteriorização e a objetivação são momentos de um processo dialético contínuo”. (BERGER, LUCKMANN, 1978, p.87). Compreendemos os eventos romeiros de Juazeiro, através das narrativas que demonstram a condição reflexiva (GIDDENS, 2003) dos agentes. Um fazer romaria atravessado por práticas que demonstram a emergência de uma romaria que comporta desde experiências que dialogam com o sagrado até perspectivas que desafiam a concepção hegemônica cunhada sobre o fenômeno. Compreender a dinamicidade de uma romaria é entender as possíveis sociabilidades regidas pelo fenômeno.

A romaria é um campo interativo. Pensá-la através do entretenimento se deve ao fato de compreendê-la enquanto um fenômeno híbrido, “entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2019, p. XIX). Desse modo, a conjuntura desses eventos, observada perante um trabalho de campo efetuado nas romarias de Juazeiro, permite assimilá-la como um evento notadamente híbrido. Visto que acomoda as mais diferentes manifestações de práticas e ações, ações que não se opõem, na realidade, se complementam, se misturam, coexistem nas relações mútuas de combinações.

Sendo, portanto, uma romaria de “narrativas híbridas” (COVALESKI, 2010). Ao pensar os mecanismos de publicidade de marcas, centralizadas na ideia de consumo e entretenimento, o autor em questão chama atenção para a hibridização presente nas campanhas publicitárias. Essas narrativas atuam através de quatro dimensões: “força persuasiva, função entretível, capacidade interacional e estímulo ao compartilhamento” (COVALESKI, 2015, p. 117). No que se refere ao contexto de romaria, é possível identificar tais dimensões como processos que constituem a romaria no seu caráter híbrido. A ideia de narrativas híbridas opera no sentido de atender as demandas de um público diverso.

São narrativas “construídas a partir da colaboração de fãs das marcas e apresentadas ao público como conteúdo midiático para ser experimentado como entretenimento” (COVALESKI, 2015, p. 117). Diante da ideia de uma romaria voltada ao entretenimento, é possível pensá-la como uma peça publicitária. Tomada por elementos recreativos, a exemplo dos shows religiosos ou não, da variedade do comércio, dos passeios aos parques aquáticos, da movimentada e badalada Praça Padre Cícero, a

romaria passa a ser experimentada como entretenimento. Os sujeitos, múltiplos, apresentam gostos e interesses que vão sendo englobados como conteúdo dos eventos romeiros, “nos quais se hibridizam o conteúdo de marca – branded content – e o entretenimento” (COVALESKI, 20115, p. 107).

Orações, infinitos pedidos, agradecimentos pelas graças alcançadas, joelhos no chão em sinal de respeito, são ações de cunho devocional que demonstram intimidade e uma certa dependência do devoto frente ao santo. Contudo, há também na romaria o caráter lúdico que seduz quem não carrega no seu repertório disposições imbuídas de valores místicos. Estes, a qual estou categorizando, *não devotos*, assimilam as romarias de Juazeiro como um momento de descontração, movidos pelo desejo de entreter, conhecer a cidade e tudo que ela pode oferecer. No tocante aos espaços sagrados, os *não devotos* o apreendem pela ótica da recreação. O espaço em que muitos ajoelham e rezam, é o lugar em que os sujeitos desta pesquisa vislumbram pela perspectiva do divertimento e também da curiosidade.

Os espaços que constituem a romaria vão sendo estrategicamente orientados pelos interesses dos sujeitos. São os sujeitos que, partindo das suas motivações, se apropriam dos lugares e ressignificam ao seu modo, guiado pelos seus estímulos, um jogo que, de acordo com Certeau, podemos definir como “táticas e estratégias”. “A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças” (CERTEAU, 2009, p. 93). Tendo em vista a autonomia da estratégia, a tática “aproveita as ocasiões e dela depende” (CERTEAU, 2009, p. 95). Diante dessa conjuntura, a romaria, como um evento marcadamente religioso, pode ser experienciado também pelo entretenimento, mediante seu caráter híbrido e a possibilidade da efetivação das táticas produzidas pelos *não devotos*.

As conexões, as combinações, as misturas entre os sujeitos e interesses, viabilizam a promoção de uma estrutura que extrapola a condição firmada nos aspectos sagrados. Sagrado e o profano assumem então uma relação pautada na cumplicidade. Esta relação permite, portanto, vislumbrar os eventos romeiros por muitos ângulos. O viés que orienta este trabalho fundamenta-se na romaria enquanto entretenimento, e percebe que isto só se torna possível diante da compreensão de que os ângulos não atuam de modo separado. O conceito ancorado na noção de campo de possibilidades (VELHO, 1994) abre um diálogo sobre o que não está posto. Nesta perspectiva, o autor sugere, mediante este

conceito, uma maneira de entender as singularidades de uma dada realidade, entendendo-a através da dinamicidade e, sobretudo, das possibilidades de atuação.

Tomando de empréstimo o conceito de hibridismo (CANCLINI, 2019), proponho entender as manifestações romeiras de Juazeiro, pelo viés dos sujeitos que a apreendem pelo espírito jocoso. Os *não devotos* exibem, por meio de percepções e comportamentos, uma romaria que privilegia aspectos como: andanças pela cidade, passeios, compras, encontros, paquera e atividades sexuais, são elementos como estes que evidenciam a emergência do espírito da romaria para este grupo. Além disso, o contato com atributos culturais, ligados ao imaginário do Padre Cícero, são ressignificados através de uma interpretação voltada ao lúdico. Não explico uma relação de oposição resistente entre devotos e *não devotos*, ressalto uma relação de complementaridade, inclusive no agenciamento do sagrado.

Existem, evidentemente, interesses e motivações distintas. Este fato levanta, em alguma medida, conflitos entre as mais diversas categorias presentes nas romarias, contudo, o que observo reflete um cenário em que tudo acontece. No cenário observado, chamo a atenção para os sujeitos que constituem o grupo de *não devotos*. A romaria apresentada por estes sujeitos realça os aspectos lúdicos, os coloca numa posição de primordialidade, secundarizando práticas de ordem religiosa. Nos itinerários construídos por aqueles que não creem no Padre Cícero, observo que, os bares, as festas, os encontros, o agenciamento do espaço sagrado pela ótica recreativa, ganham protagonismo.

No decorrer do texto o leitor poderá perceber que o sagrado é tocado, que o *não devoto* é afetado. Entretanto, no momento em que ocorre esse contato são elaborados novos sentidos e atribuídos novos significados. A forma com a qual o *não devoto* é afetado pelo sagrado parte da premissa recreativa. Sendo assim, a romaria de Juazeiro pelo olhar dos sujeitos desprovidos de sentimento de devoção não é elaborada apenas nos espaços profanos. Estes sujeitos circulam por vários ambientes, usufruindo dos lugares e das sensações provocadas por eles. No tocante a pensar os cenários dotados de um imaginário sacro, o interlocutor apreende os objetos através de uma experiência desvinculada da noção sagrada.

Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuta-se numa realidade

sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania. (ELIADE, 1992, pág.13).

O *não devoto* se distancia de maneira significativa da ideia de *hierofania*. Para ele, a pedra que se revela sagrada, aos olhos dos que creem, não passa de uma pedra. Este objeto é, portanto, ressignificado. Dito isto, é importante ressaltar que, o sujeito em questão também lida e experiencia com os espaços de devoção, alimentado, sobretudo, pela curiosidade. Não se limita, portanto, aos bares, aos shows, à pegação, ele também partilha dos aspectos sagrados. Entretanto, o contato que ele estabelece com as questões da ordem do sagrado não exige dele um olhar imbuído de fé e veneração. O respeito com essa cosmovisão é perceptível, contudo, a relação que eles estabelecem com essa ordem assume outra conotação.

A sacralidade vislumbrada nas práticas romeiras, por intermédio da concepção de que a romaria é sagrada, é sinalizada, nas práticas dos *não devotos*, por meio de uma visão profanada. O evento romeiro, na percepção deste grupo específico, trata-se de uma festividade para entreter. Ao tempo em que não se apresentam enquanto devotos do Padre Cícero, assim como também não elencam disposições de cunho religioso, como fator determinante do deslocamento, o *não devoto* interpreta a romaria e o Juazeiro como uma oportunidade de se divertir. Não se deslocam ao Juazeiro para receber a benção do padrinho, como é carinhosamente chamado pelos devotos, assim como também não chegam ao Juazeiro atendendo a um pedido de Nossa Senhora das Dores. Os *não devotos*, retratam a emergência de uma romaria que reposiciona o anfitrião da festa, Padre Cícero.

Esse reposicionado pode ser compreendido através de uma maneira de ressignificar a vivência da festa. Para os sujeitos assinalados, Juazeiro passa a não ser vista como santuário de recebimento de benções, a visita ao horto não é entendida como um agradecimento aos milagres alcançados. O percurso até o Santo Sepulcro não é observado pela ótica do sacrifício, pode se configurar apenas enquanto passeio, uma possibilidade de realizar uma trilha. Aqui é interessante pontuar o olhar dos devotos a respeito desses lugares para assinalar que, os *não devotos* também vivenciam os trajetos sagrados. Uma leitura apressada poderia compreender que estes espaços não são de interesse deles, contudo, no trabalho de campo encontramos muitos *não devotos* nestes lugares. Entretanto, as maneiras de apropriação dos cenários são diferentes.

A problemática justifica-se ao tempo em que percebo que, assim como os devotos oferecem uma leitura das romarias e do Juazeiro do Norte, os que não devotam também apresentam um olhar sobre o cenário. Um olhar que carrega fatores para pensá-la como diversão, como momento de entretenimento, a romaria como “festa do povo” (CORDEIRO, 2010, p.77). O cenário de uma romaria pode ser pintado de inúmeras cores, visualizado de infinitas maneiras, experienciado conforme os mais diversos sentidos e motivações. Aponto aqui, uma interpretação de romaria observada por sujeitos destituídos de devoção, um olhar que chama a atenção para a possibilidade de interpretá-la distante de práticas consolidadas nos atos de fé.

Juazeiro do Norte como terra do Padre Cícero: a cidade que me apresentaram

Neste tópico será apresentado um panorama de Juazeiro do Norte a partir dos aspectos predominantes retratados na história oficial. Este olhar, fixado na trajetória do Padre Cícero e do catolicismo oficial, constitui a leitura hegemônica sobre Juazeiro e as romarias da cidade. Considero importante apontar a perspectiva majoritária para entender os mecanismos que operam na construção de uma realidade. Juazeiro é a terra do Padre Cícero, é assim que contaram. Não nego este olhar dominante, entendo, contudo, a necessidade de compreender como operam os mecanismos de validação da construção de uma dada realidade e, em que medida, a história oficial invalida outras interpretações.

Juazeiro do Norte que me apresentaram é a terra do “Padim Ciço”. Em muitas das minhas andanças pela cidade, observei a presença do Padre Cícero em todos os lugares, a cidade parece ser exclusivamente dele, uma figura onipresente. Na verdade, é algo quase inconsciente, a ausência de uma reflexão implica em naturalização, naturalizamos que Juazeiro do Norte é do santo padre. É preciso compreender os mecanismos necessários para se chegar ao estágio da não observância, da condição de olhar e não ver, da ausência do questionamento, da interiorização de costumes, comportamentos e visão acerca de um dado fenômeno social, da constituição de um *habitus*.

Habitus entendido como “operadores de distinções” (BOURDIEU, 2011, p. 22). Além de funcionar enquanto instrumento de distinção social, o *habitus* opera naturalizando gosto, costumes e cosmovisão. Partindo de um processo eficiente de interiorização que possibilita a manutenção do que Bourdieu denominou de “violência simbólica”. Uma violência que atua silenciosamente, mascarada, sigilosa, uma violência que ganha força na cumplicidade. Na ausência do confronto físico, recebe potência ao

tempo em que se reproduz de forma rápida e com um alto grau de eficácia. “Nós nos esquecemos de que as coisas culturais foram inventadas e, então, elas aparecem aos nossos olhos como se fossem naturais.” (ALVES, 2014, p. 39).

O Juazeiro que me apresentaram é um município predominantemente católico. A cidade não carrega apenas a característica de hegemonia católica, é também centro de romarias, um dos maiores do Brasil. Pelo fato de o Padre Cícero estar propagado por todos os cantos da cidade, faz com que não enxerguemos mais nada além da presença do catolicismo caracterizado pelo padre/santo. Passamos então a construir a ideia de Juazeiro como territorialidade não somente da Igreja Católica, mas, sobretudo, de um santo que dita formas de expressão de religiosidade e ganha materialidade na realização das grandes romarias.

O Juazeiro que me apresentaram não carrega um repertório simbólico frente a trajetória da beata Maria Magdalena do Espírito Santo Araújo. A beata, que teve a hóstia transformada em sangue na boca, detentora de um capital milagroso, não ganhou um terço do prestígio carregado pelo Padre Cícero. Maria de Araújo apresenta um papel de coadjuvante diante de uma ocorrência que, sem maiores problemas, poderia torná-la protagonista do fenômeno. Contudo, há um grande empecilho. Estou referindo-me não apenas a uma mulher, fato que já a coloca numa posição subalterna, Maria de Araújo era uma mulher negra. Logo, não seria permitido a uma mulher negra um papel de destaque no fenômeno que ocorrera na Igreja de Nossa Senhora das Dores, conforme apontado em trabalhos anteriores, (MENESES, 2016).

Padre Cícero é uma invenção da beata Maria de Araújo, é a partir da beata que ele vai existir, até então ele existia praticamente no anonimato, é ela que vai dar o lugar que o padre Cícero vai adquirir e depois vai cultivar esse lugar e vai tornar-se padre Cícero, sem a beata Maria de Araújo não haveria praticamente a história de padre Cícero como ela é contada hoje. (LINS, 199, on-line).¹

A história contada, posiciona-se como grande personagem, Padre Cícero. O sociólogo Daniel Lins, assertivamente, argumenta que Padre Cícero é uma invenção da beata Maria de Araújo, parto da perspectiva que o sacerdote seria também uma invenção das autoridades religiosas da Igreja Católica. A elite eclesiástica cumpriu bem a função de deslegitimar o papel da beata Maria de Araújo frente a trama do *milagre da hóstia*.

¹ Link do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg0BlulnwAl>

Padre Cícero também sofreu penas rigorosas, advindas do alto clero. “O Santo Ofício sugeriu que padre Cícero deixasse o Joazeiro para sempre e reiterou sua suspensão, imposta por Dom Joaquim em 1892, de pregar, ministrar a confissão e aconselhar fiéis”. (CAVA, 2014, p. 149).

Contudo, a Igreja Católica foi inferindo acerca do poder de influência do padre sobre os pobres e sertanejos. Ao tempo em que a instituição lançou mão de estratégias para eliminar a beata Maria de Araújo da condição de “esposa fiel de Cristo”, como ela se denominava, Padre Cícero foi ganhando proeminência entre os fiéis. Inicialmente, a Igreja, enquanto instituição, se colocava contrária aos personagens dessa trama. Entretanto, percebendo a força que o Padre Cícero adquiriu vinda dos fiéis, achou por bem caminhar ao lado dele. Dado que, estar ao lado do sacerdote, implicaria em estar ao lado dos fiéis.

Ao afirmar que Padre Cícero é uma invenção da Igreja Católica, não estou negando ou deslegitimando a fé do povo no santo. A ideia é pensar como são construídos socialmente vilões, mocinhos e santos, estou refletindo sobre os elementos agenciados no que diz respeito à construção de personagens históricos. Os fiéis declaram graças alcançadas por intercessão do santo padre, realizam uma infinidade de atos em devoção ao sacerdote, ações profundamente legítimas. Problematicando aqui, os arranjos sociais e definidores sobre a história de um lugar, em como é concebida a construção de um santo.

O Juazeiro que me apresentaram invalidou o papel de protagonismo da beata Maria Magdalena do Espírito Santo Araújo em detrimento do Padre Cícero Romão Batista. Ao segundo, anteriormente rechaçado, foi dado o posto de destaque e reconhecimento. Coube ao padre o papel de protagonista que, diante dos fatos, seria de direito da beata. Entretanto, a beata não atendia aos requisitos básicos exigidos pelo modelo europeu-ocidental. Do outro lado apresentava-se um perfil admissível: homem, branco, de cabelos e olhos claros. Um padrão de fácil aceitação para compor a historiografia oficial de Juazeiro do Norte, coube ao padre Cícero o papel principal.

Tomando como norte o que ocorrera no ano de 1889 na Igreja Nossa Senhora das Dores, compreendo que “a verdade é um lugar de lutas” (BOURDIEU, 2011, p. 83). Julgo de extrema relevância enfatizar o nome da beata Maria de Araújo. Visto que, neste tópico reflito acerca da construção histórica do meu lócus de pesquisa, nesse sentido é importante levantar a voz dos personagens silenciados. Maria de Araújo não dispunha de capital social para atuar no campo de poder que decide o que deve ser considerado

relevante e o que fica no campo da imaginação. Embora a beata, na trama contextualizada, tivesse operado como protagonista, na história contada foi tão somente mais uma beata. Manipulações assim estão presentes nas histórias oficiais contadas por grupos privilegiados como forma de manutenção de poder. “Nesse sentido, pensar a partir de novas premissas é necessário para se desestabilizar verdades”. (RIBEIRO, 2020, p. 24).

O Juazeiro que me apresentaram para além de uma cidade com um bom desenvolvimento socioeconômico é uma cidade santa. Dado o caráter de santidade, provinda da narrativa que confere ao município um alto grau de diferenciação. O contexto assinalado nunca foi suficiente para tecer questionamentos sobre elementos utilizados na construção de um imaginário pautado na concepção de terra santa. Uma vez que, a legitimação vem justamente do processo de naturalização. A história oficial é constituída, sobretudo, mediante um saber oriundo de relações de poder.

O Juazeiro que me apresentaram não é uma farsa, mas também não se limita aos elementos construídos pela história oficial.

Meus passos: minha relação com Juazeiro

No momento em que me disponho a escrever sobre a minha trajetória de pesquisa, julgo ser importante no tocante a pensar como se deu a construção da problemática, e em que medida fui afetada por ela. Afetada não implica em tendenciosa, sugere que a pesquisadora está imersa em um universo de valores, de interesses e emoções, revela a capacidade de se colocar diante de uma realidade e analisá-la mesmo estando imbricadas por princípios e convicções. O caminho da pesquisa é por vezes longo e doloroso, escrever sobre os passos na caminhada que se propõe compreender um fenômeno social demonstra fragilidade e, ao mesmo tempo, força. Sou apaixonada pelo trabalho de campo, minha paixão ratificou que “os bons textos de antropologia são simples e despretensiosos”. (GEERTZ, 2018, p.12).

A simplicidade e despretensão encontradas nos bons textos de antropologia não empobrece a escrita, tampouco, as compreensões sobre o fato. Dissertar acerca dos processos no trabalho de campo, das situações encaradas, das ilusões, do desespero instalado, são maneiras de legitimar o trabalho da pesquisadora. O que teoricamente apresenta-se como vulnerabilidade é uma maneira de validar o esforço e empenho de quem esteve em campo. Estar em campo não é tarefa fácil, comprovar que esteve lá parece um desafio ainda maior. Cabe, portanto, à pesquisadora o dever de, mediante uma

linguagem simples, demonstrar o feito de estar lá. A linguagem simples surge enquanto posicionamento político que entende a necessidade de se fazer entender. A ciência deve estar mais preocupada em facilitar o acesso aos seus esforços, e menos apreensiva frente a necessidade de legitimar uma escrita incompreensível como estratégia de poder.

A capacidade dos antropólogos de nos fazer levar a sério o que dizem tem menos a ver com uma aparência factual, ou com um ar de elegância conceitual, do que com sua capacidade de nos convencer de que o que eles dizem resulta de haverem realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se você preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, “estado lá”. E é aí, ao nos convencer de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita. (GEERTZ, 2018, p. 15).

Escrever sobre os acontecimentos presentes na trajetória de pesquisa é uma maneira de revelar os elementos que endossam os bastidores. Convencer o leitor de que esteve lá é uma forma de garantir legitimidade às análises. Demonstrar como se chegou lá é também uma importante ferramenta no que diz respeito a provocar seriedade ao que tem sido dito. Nesse sentido, colocar em pauta pontos cruciais da trajetória, questões de ordem valorativas, não invalida a objetividade científica do trabalho (WEBER, 2006). Revela, sobretudo, a relação entre pesquisadora e interlocutor que reverbera todo o processo de interpretação e escrita. Este tópico deve ser compreendido como uma oposição à aparelhagem rígida no que concerne pensar os instrumentos de uma ciência limitada aos pares, seria ele uma maneira de despir a pesquisadora, e consequentemente a sua problemática.

Sou natural da cidade de Bodocó, município localizado em Pernambuco. Tenho uma relação de profundo afeto com a região do Cariri, em particular com a cidade do Crato. Enquanto universitária morei no Crato para cursar Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri–URCA. Tornei-me uma apaixonada pela cidade e uma defensora da URCA. No que se refere a pensar o Juazeiro, nunca tive uma relação de grande carinho, de gosto pela cidade no tocante a pensar o lugar como minha casa. Essa relação de afeição é provocada pelo Crato, lugar que tenho muito apreço. Entretanto, mantenho uma ligação com o Juazeiro que ressoa, sobretudo, na minha trajetória acadêmica e profissional, o Juazeiro me fez pesquisadora. Dado que, foi em Juazeiro que realizei a minha primeira pesquisa, foi lá que entendi, para além do que a abordagem teórica demonstra, o que é de fato um trabalho de campo nas Ciências Sociais.

O meu relacionamento com o Juazeiro se limita à esfera da academia e profissional. A cidade sempre se apresentou, na minha concepção, como um espaço com características das grandes cidades brasileiras, ocorre que eu não gosto de cidade grande. A minha antipatia se revela, sobremaneira, pela circulação intensa de pessoas e automóveis, pelas ruas sempre cheias, pelo comércio apelativo. Elementos que denotam o crescimento e desenvolvimento do município. Eu, sempre preferi lugares mais tranquilos, mais silenciosos, cidades pacatas que entre outras coisas emitem uma certa proteção e cuidado. Bodocó propicia essa sensação. O Crato, apesar de ser uma cidade maior que Bodocó, ainda consegue despertar sensações parecidas.

Apesar de não sustentar uma relação de grande afeto por Juazeiro, pelos motivos mencionados anteriormente, reafirmo a importância da referida cidade na minha vida, mantenho um vínculo com o município, afinal, a aproximação com algo ou alguém pode se manifestar através de inúmeras sensações. O que me liga ao Juazeiro é, sobretudo, a minha trajetória acadêmica e profissional, ou seja, uma boa parte da minha vida pode ser pensada através das experiências adquiridas em Juazeiro. Julgo importante destacar um pouco dos meus sentimentos sobre a cidade para então indicar que, assim como os *não devotos*, minha relação com o Juazeiro não se fundamenta na fé, ou seja, não se sustenta pela devoção ao Padre Cícero.

Quando criança visitava Juazeiro na companhia e proteção da minha mãe. O lugar, na concepção dela, é visto pelo porte de cidade grande, lá ela encontra tudo que falta na nossa cidade. Por ser um reconhecido palco de romarias populares, o município ganhou proeminência na economia, tornando-se também um importante centro comercial. Antes de ingressar na universidade, eu tinha uma visão sobre o referido município voltada apenas para à ideia de mercado, enxergava enquanto um lugar de consumo. Poucos quilômetros afastam a minha família de Juazeiro, sempre recorremos à cidade na necessidade de comprar algo que não encontramos na pacata Bodocó. Juazeiro do Norte funciona enquanto uma espacialidade que nos permite comprar o que almejamos sem necessitar nos deslocar até a capital.

Faço parte do grupo dos *não devotos*, assim como a minha mãe, o meu pai e as minhas duas irmãs. Não somos devotos do Padre Cícero, assim como também não prestamos devoção a Nossa Senhora das Dores. Juazeiro do Norte nunca nos interessou pela perspectiva religiosa. Apesar de ser oriunda de uma família de católicos praticantes, de prezar por alguns princípios advindos do catolicismo, não tenho relação de devoção com o Padre Cícero. É possível refletir que a minha condição de não devota tenha, em

algum momento, fomentado o meu interesse por expressões de religiosidade que estão para além da figura mística do Padre Cícero. Talvez esse fato justifique, em alguma medida, a minha imersão nos estudos a respeito da presença evangélica no Juazeiro. Visto que, meus trabalhos anteriores estavam voltados para esta questão.

Diante deste contexto, apresento duas questões importantes no que concerne a pensar sobre a minha entrada nos estudos da religião: o primeiro ponto diz respeito ao fato de ser uma religiosa pesquisando sobre religião, afinal, sou proveniente de uma família de católicos, a segunda questão refere-se aos preconceitos que alimentavam a minha visão sobre as igrejas evangélicas. A minha infância e adolescência foram atravessadas pela presença assídua à igreja católica. Integrei movimentos de jovens, as minhas relações de amizade em sua maioria são de pessoas do meio. As expressões de religiosidade que fundamentaram a minha conduta, estavam baseadas nos preceitos católicos, e por desconhecimento e ignorância, nutria um certo preconceito pelos evangélicos.

A minha primeira visita a um templo neopentecostal foi possibilitada por uma pesquisa de iniciação científica orientada pela professora doutora Renata Marinho Paz, a pesquisa intitulada “Neopentecostais: uma análise preliminar sobre o trânsito religioso em Juazeiro do Norte”, é um desdobramento de um projeto anterior, denominado “A fé que se move: um avanço pentecostal em Juazeiro do Norte”. A finalidade do projeto maior era realizar um mapeamento das igrejas evangélicas no Juazeiro, para assim compreender o crescimento evangélico na localidade. Assim, iniciaram-se os meus primeiros passos na caminhada na construção de trabalhos científicos, e a minha primeira imersão na compreensão de outras formas de religiosidade, pois até então, o catolicismo funcionava enquanto minha única referência. Foram muitos os desafios a encarar.

O desdobramento do projeto maior, levou então a minha entrada no segundo projeto, no ano de 2011, orientado pela professora Renata Marinho Paz, e financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. Na pesquisa sobre o trânsito religioso em Juazeiro, apresentamos como principal objetivo uma análise acerca da circulação de fiéis entre variadas denominações religiosas, fato que observamos ocorrer, predominantemente, entre as igrejas neopentecostais. Com o referido projeto, analisamos o percurso traçado pelo fiel que transita por várias igrejas e o sentido atribuído a essa circulação. A pesquisa teve duração de mais de dois anos, colocou-me em constante contato com os neopentecostais, fazendo despertar o meu

desejo em investigar, de modo mais aprofundado, as formas de atuação da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD.

O conhecimento que eu nutria a respeito das igrejas neopentecostais, representado especialmente pela Igreja Universal do Reino de Deus, advinha de perspectivas do senso comum. Devido a isso, até então a minha visão acerca da IURD é que se tratava de uma igreja que explorava seus fiéis, roubava dinheiro dos seus adeptos e, além disso, colocava demônio nas pessoas. Uma visão um tanto preconceituosa alimentava e dificultava o meu olhar sobre as práticas e sentidos experienciados na igreja Universal. Enfrentei um grande desafio no que se refere ao abandono de pré-noções como forma de fortalecer e compreender, de uma maneira mais aberta, às ações promovidas pelas lideranças da IURD. Seria necessário, portanto, um processo de desconstrução tão caro às análises de cunho científico.

No trabalho monográfico, portanto, meu olhar estava direcionado para a presença do neopentecostalismo na cidade de Juazeiro do Norte. Naquele momento abordei uma compreensão sobre a atuação da Igreja Universal no âmbito institucional, objetivando entender as estratégias da instituição sobre os discursos em relação à cura e à libertação. Considerando que em Juazeiro constata-se a presença simbólica de um padre que para os devotos têm poder de cura, ambicionava compreender a atuação da IURD diante das questões sobre cura naquela espacialidade. Observei com isso que as possibilidades a respeito do agenciamento do sagrado em Juazeiro, não se restringiam ao viés católico, a Universal detém um reconhecimento.

No mestrado, mais uma vez tomei Juazeiro como campo de pesquisa, investigando a atuação dos Jovens Com Uma Missão (JOCUM) nas romarias de Juazeiro do Norte, sob a orientação da professora doutora Maria Lúcia Bastos Alves (PPGCS). Nos dois momentos, na monografia e na dissertação de mestrado, voltei a minha atenção para um Juazeiro que existe e resiste para além do Padre Cícero. É evidente que o santo padre e as romarias se configuraram como elementos da pesquisa, contudo, a apreciação contemplou um Juazeiro a partir da proliferação de outras manifestações de religiosidade. O estudo desenvolvido demonstrou que há em Juazeiro uma participação ativa de evangélicos, inclusive, com presença nas romarias.

Como feito nos processos anteriores em que os estudos se voltaram para sistemas de crenças e significados apontando Padre Cícero de forma secundária, no doutoramento sigo a mesma linha. Meu olhar sobre as romarias de Juazeiro parte de um esforço de compreender outras expressões, para além, das questões de devoção ao padre. O

município foi ganhando o interesse de historiadores, poetas, antropólogos, sociólogos, intelectuais interessados em análises voltadas, sobretudo, aos aspectos devocionais. Devotos de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero passaram a se constituir como principais interlocutores no que diz respeito à compreensão do que seria o Juazeiro e como veio a se tornar uma cidade experienciada por meio da ideia do sagrado.

As minhas investigações, desde a graduação, estiveram voltadas também para a ideia do sagrado, todavia, um sagrado posicionado nas igrejas evangélicas. Diante de produções de cunho socioantropológico, fui amadurecendo o meu olhar perante questões voltadas aos estudos do fenômeno religioso. Observei com isso, uma maciça presença de sujeitos que não enxergam no padre o poder experienciado por aqueles que o devotam, uma forte presença evangélica. Desde então, venho acompanhando o caminhar de quem enxerga em Juazeiro do Norte possibilidades que não se restringem ao Padre Cícero Romão Batista. Estes, não estão apenas nas igrejas evangélicas, estão também nas romarias de Juazeiro.

Caminhos

A pesquisa respalda-se numa abordagem microssociológica. Partindo de uma discussão micro, as reflexões, mediante uma interpretação das ações dos sujeitos, compreendem a dinâmica efetivada nas romarias de Juazeiro por meio das experiências dos sujeitos que viabilizam o fenômeno religioso e potencializam transformações nas estruturas. A análise privilegia uma discussão que coloca em questão a compreensão dos eventos romeiros por meio da relação dialética entre estrutura e ação. Demonstrando a importância de uma sistematização teórica, defendida por Alexander (1986).

No texto “O novo movimento teórico”, Alexander (1986) defende uma perspectiva que aponta para uma síntese teórica no que se refere às análises micro e macrossociológica. Entendendo que “essa fase é marcada por um esforço de juntar novamente a teoria sobre a ação e a estrutura” (ALEXANDER, 1986, p. 13). Assim, as romarias de Juazeiro do Norte foram refletidas, como fenômeno social que se configura mediante uma relação dialética entre agentes reflexivos e as estruturas, possibilitando possíveis transformações nas estruturas ao tempo em que recria novas formas de pensar a romaria.

O percurso metodológico empregado na construção deste trabalho privilegiou a observação participante, frente a um esforço de uma produção mediante uma descrição densa dos fenômenos. (GEERTZ, 2019). As observações junto às romarias de Juazeiro do Norte ocorreram nos anos de 2019, 2021 e 2022. Nas ocasiões foi realizado um intenso trabalho de campo caracterizado por entrevistas, conversas informais, observações e também o acompanhamento de alguns grupos. Na oportunidade realizei entrevistas semiestruturadas que expressam as minhas inquietações referentes a pensar como as romarias são vivenciadas e interpretadas pelos *não devotos*. As conversas informais se apresentaram como um instrumento importante da pesquisa, são nelas que surgem elementos muitas vezes não contemplados na presença de um gravador.

Abordei várias pessoas pelas ruas da cidade com o intuito de ouvi-las a respeito das práticas realizadas no evento. O primeiro questionamento feito a todos os interpelados foi voltado ao relacionamento estabelecido com o Padre Cícero, no intuito de identificar a ausência de devoção. Em seguida, por meio de entrevistas, procurei aspectos, a partir das experiências dos sujeitos sem vínculo devocional com o Padre Cícero, que fizessem refletir a interpretação desses sujeitos a respeito da romaria. Em decorrência de inúmeros romeiros que vão, primordialmente, mas não exclusivamente, requerer graças, também agradecer e pedir a benção do santo, procurei então compreender o que os *não devotos* buscam na romaria.

Nos caminhos percorridos, ouvi também alguns devotos do Padre Cícero. Ficou evidente que o grupo majoritário também se sente atraído pelos atributos lúdicos da festa, como bares, por exemplo. Muitos romeiros desfrutam da música, do comércio, das festas, todavia, é no Padre Cícero que colocam toda a justificativa para estarem no Juazeiro, é para ele e por ele as ações efetivadas na romaria. Ao tempo em que os sujeitos destituídos de devoção secundarizam a figura do santo padre, para o devoto, tudo é feito a partir dele. As atividades recreativas podem até entreter, mas são as ações voltadas ao devocional que atribuem sentido às experiências dos romeiros.

As conversas informais foram importantes aliadas, desempenharam um papel fundamental na obtenção de dados da pesquisa. São nas conversas informais que percebo uma maior desenvoltura dos interlocutores. Ficam mais despojados, menos apreensivos e conversam com mais naturalidade. Nessas conversas elementos interessantes vão surgindo e os sujeitos apresentam questões novas que enriquecem o andamento da pesquisa. A utilização do gravador é imprescindível, entretanto, muitas vezes é percebido como intimidador. Nesse sentido, cabe uma maleabilidade e a necessidade de ficar atento

para compreender que a ausência de um instrumento de gravação pode se configurar como uma estratégia interessante.

No arcabouço metodológico a ideia de “pesquisa participante” (BRANDÃO, 2006) ofereceu contribuições significativas. Este procedimento metodológico parte da condição de que as relações interativas entre pesquisador e sujeito pesquisado, é crucial para a construção de um trabalho disposto a legitimar as interpretações dos interlocutores. A pesquisa participante fundamenta-se pela ótica da sensibilidade em ouvir os sujeitos da pesquisa, desconstrói um viés que coloca o aporte teórico como ferramenta superior na validação de um trabalho científico. Afasta-se de uma ciência arrogante, condenando, portanto, “um olhar preso demais ao mundo universitário” (BRANDÃO, 2006, p. 27). Um olhar que, muitas vezes, cega em relação ao que os interlocutores estão tentando mostrar.

O registro fotográfico foi também um importante aliado atrelado ao papel do caderno de campo. O caderno de campo se compreende como uma ferramenta na preservação de dados, visto que, o olhar, o ouvir, são limitados, portanto, as anotações creditam um valor na sistematização de dados. Da mesma forma ocorre com a fotografia. A romaria é um evento plural, dinâmico, muitas coisas acontecem em simultâneo. Nesse sentido, as anotações rápidas feitas no caderno de campo e as fotos realizadas dos momentos oportunos, garantem a maturação, posterior, dos dados. Foto também fala.

A descrição densa (GEERTZ, 2019) coloca-se como um mecanismo primordial. Diante de tantas escutas, inumeráveis informações, cabe um exercício profundo de interpretação, método que rechaça a ideia de uma descrição simplória dos fatos. Geertz argumenta a necessidade de atentar para as interpretações que os nativos atribuem ao que vivem, a observância dos significados. Cabe à pesquisadora, conseqüentemente, imergir no universo dos interlocutores, dar voz, e, a partir dessa voz, construir o trabalho. Sobre o processo de escrita, Oliveira (2000) aponta “como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas à construção da teoria social” (OLIVEIRA, 200, p. 18). Atribuindo ao ato de escrever um papel de excelência.

Não obstante, sendo o ato de escrever um ato igualmente cognitivo, esse ato tende a ser repetido quantas vezes for necessário; portanto, ele é escrito e rescrito repetidamente, não apenas para aperfeiçoar o texto do ponto de vista formal, quanto para melhorar a veracidade das descrições e narrativas, aprofundar a análise e consolidar argumentos. (OLIVEIRA, 2000, p. 32).

Roberto Cardoso de Oliveira, retrata bem o ato de escrever. O caderno de campo me acompanhou em toda a pesquisa, são muitas as informações que estão nele. Incertezas, inseguranças, dados, sentimentos, cenas apressadas, falas, este é o contexto que compõe o enredo do meu caderno. A escrita requer muita maturação e inúmeras revisões para conseguir textualizar um cenário tão diverso. O momento da escrita é caracterizado como uma ocasião de paciência, renúncia e reflexões. As descrições e as narrativas devem acompanhar a profundidade do campo, como nos lembra também Geertz (2019). O trabalho do antropólogo frente ao olhar, ouvir e escrever surge como uma “unidade irreduzível” (OLIVEIRA, 2000, p. 12).

No tocante a pensar o olhar e o ouvir como constituinte do trabalho do antropólogo, me vi diante de um grande desafio. O trabalho de campo é fascinante, entre outras coisas, por surpreender, em alguns momentos, o pesquisador. Como venho enfatizando, a romaria é um campo de dimensões incalculáveis, um cenário que abriga muitos sentidos e possibilidades. Neste cenário da pluralidade de práticas, tomei nota da existência de um cinema homoerótico na cidade de Juazeiro e do seu intenso fluxo, na temporalidade romeira. O campo me apresentou um dado instigante e provocador: homens que estão viajando em romaria aproveitam o momento para vivenciarem experiências homoeróticas.

Como venho pensando práticas, distante de um olhar ortodoxo sobre o fazer romaria, pensando a romaria para além da ideia hegemônica cunhada sobre o fenômeno, o dado me interessou. Entretanto, o cinema é exclusivamente masculino. Instigada pelo desejo de conhecer melhor a dinâmica estabelecida no cine e, sobretudo, o trânsito intenso nos períodos de romaria, tentei pensar estratégias de como acessar o lugar. Entrei em contato com amigos que residem no Juazeiro para coletar informações sobre a questão em pauta. Ouvi alguns relatos de homens que frequentam o cine e confirmaram que em períodos de romaria, observa-se uma forte circulação de homens.

Weber (2006) conceituou o tipo ideal como modelo da realidade, sendo um recurso metodológico que possibilita o entendimento de não tratarmos da verdade que se objetiva, como absoluta, mas parâmetros, modelos de realidade que orientam a busca pela cientificidade. A metodologia weberiana ajuda a perceber que não estamos lidando com tipos puros/fiéis, permitindo perceber o erro de enquadrar categorias, tendo como consequência a limitação do que se pretende investigar. Este trabalho não se compreende como uma tentativa de desconstruir o tipo ideal de romaria ou de romeiro, nem mesmo

categorizar o *não devoto* com a finalidade de apreendê-lo como uma única coisa, o esforço vai no sentido de compreender configurações que fogem do modelo.

Dito isto, o aparato metodológico que conduziu este trabalho foi substancialmente a observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais, registros fotográficos e anotações no caderno de campo. No que diz respeito às questões que serão apontadas sobre o cine homoerótico apego-me aos relatos de alguns sujeitos que apresentam experiências com o cinema. A presença de homens que viajando em romaria experienciam o cinema homoerótico, reforça a compreensão de uma interpretação de romaria comprometida com práticas alicerçadas em desejos que extrapolam a lógica sagrada.

Os caminhos dos *não devotos* foram acompanhados mediante a metodologia apresentada. A observação participante apresenta-se como uma metodologia predominante, a fim de contribuir no entendimento de como os *não devotos* interpretam e apreendem as romarias de Juazeiro do Norte. O trabalho de campo, contudo, foi tomado por uma pausa forçada, a pausa dolorosa.

Pausa dolorosa: a resposta de Juazeiro do Norte a pandemia da Covid-19

O ano de 2020 não constava no cronograma de atividades da construção da tese no que se refere ao trabalho de campo. Em 2020 o mundo viu-se diante de uma das piores crises sanitárias da história. As pessoas foram atingidas por uma onda de desesperança e incerteza. O medo tomou conta dos lares, das instituições e das ruas. O mundo vivia a pandemia da Covid-19. Imersas no contexto pandêmico, as sociedades vivenciaram profundas transformações provenientes de uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-Cov-2. A infecção causou, em alguns casos, problemas respiratórios de alta gravidade, e em todo o mundo, provocou mudanças de caráter sistêmico.

No ano de 2019, mês de dezembro, a cidade de Wuhan, na China, identificou os primeiros casos do novo coronavírus. Em março de 2020 o Brasil começou a sentir sintomas do que seria uma das piores crises de saúde pública da história. Medidas de segurança pautadas, sobretudo, no distanciamento social foram instauradas. O vírus é extremamente contagioso, portanto, se fez então necessário o lançamento de estratégias objetivando diminuir o contágio.

Diante de um cenário que evoca um filme de terror, foram impostas medidas de segurança visando atenuar as contaminações. Os especialistas asseguravam não existir tratamento precoce para a Covid-19, não há recurso medicamentoso. Diante de tais condições, o consenso científico orientou uma única forma de diminuir o contágio: o distanciamento social. A Organização Mundial da Saúde (OMS) instaurou medidas que proibiam aglomerações, orientando o fechamento dos comércios, impossibilitando, assim, a livre circulação. Um vazio refletido em ruas desertas, no comércio fechado, na ausência do abraço, do afeto. O mundo testemunhou, perplexo, milhões de pessoas infectadas, um número exorbitante de mortos, colapso no sistema de saúde, desemprego em alta, um caos instaurado. O advento de um estado de anomia (DURKHEIM, 1988).

A sensação provocada pela pandemia da Covid-19 refletia uma pausa na vida, ao mesmo tempo, em que provocava sentimentos muito intensos e dolorosos. O mundo parou, as pessoas foram tomadas por emoções intensamente conflitantes e perturbadoras. Nos primeiros meses do ano de 2020 ainda não era possível compreender a dimensão do problema, fato que deixou o mundo imerso numa pandemia de trágicas consequências. É compreensível no início da pandemia os equívocos cometidos por muitas autoridades no que diz respeito à elaboração de estratégias de combate a Covid-19, pouco se conhecia sobre o vírus. Contudo, no Brasil, a gestão da pandemia foi negligenciada de forma criminosa. O presidente em vigência negou: a doença, as vacinas e a vida. O Brasil assistia, atônito, os casos crescentes de contaminados pela doença, um número absurdo de mortos, vítimas da Covid-19, e em grande medida vítimas do governo Bolsonaro.

A pandemia provocou a emergência de sentimentos que atuaram no tocante a provocar desalento ao refletir projeções sobre o futuro. Todas as populações foram atravessadas pela vulnerabilidade despertada pela crise pandêmica. É digno ressaltar, contudo, que a pandemia foi mais severa com alguns grupos sociais. Os grupos que compõem o Sul, como denomina Santos (2020) são tomados por prejuízos insanáveis, tendo em vista sujeitos violentados historicamente. O panorama advindo da crise sanitária fortaleceu condições sub-humanas já vivenciadas pelas minorias no seu cotidiano. O Sul se configura enquanto “metáfora do sofrimento injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e sexual”. (SANTOS, 2020, p. 15). Todos fomos afetados pelo contexto pandêmico, mas em graus distintos.

Juazeiro do Norte, palco de grandes romarias, viu-se obrigado a alterar de forma significativa a sua agenda. As autoridades eclesásticas e o poder público orientaram aos romeiros que não se deslocassem. O mercado local sofreu uma queda significativa. A

intensa circulação de sujeitos nos períodos de romarias movimenta a economia de Juazeiro, na ausência destes eventos observou-se um panorama sinalizando um prejuízo econômico. A pausa na realização das romarias presenciais rompeu, de certo modo, com a ligação entre conteúdo da marca e o entretenimento “o branded content associado ao entretenimento têm gerado visibilidade diferenciada para as marcas, fortalecido o engajamento do público e incrementado a efetividade dos resultados mercadológicos” (COVALESKI, 2015, p. 120).

A ruptura desse processo híbrido, ou seja, o rompimento da atuação simultânea entre elementos culturais, econômicos, artísticos, religiosos, recreativos, enfraqueceu um campo muito bem alimentado pela realização das romarias, o campo econômico. O resultado mercadológico indicou uma queda considerável, tendo em vista a ausência de romeiros, de *não devotos*, dos sujeitos que circulando e consumindo os bens ofertados no Juazeiro através da concretização dos festejos romeiros, impulsionam o mercado.

De acordo com estudo realizado pela Secretaria de Turismo e Romaria (Setur) de Juazeiro do Norte, cada romeiro gasta, em média, R\$ 754, englobando alimentação, transporte, estadia e custos extras. Levando-se em consideração que a cidade recebe em torno de 770 mil pessoas nas quatro principais romarias, estima-se que meio bilhão de reais deixe de circular entre julho e fevereiro do próximo ano.²

Centros de romarias dependem do fluxo de romeiros, peregrinos, turistas, visitantes e de sujeitos destituídos de devoção, pois estas categorias se rentabilizam. Os grupos assinalados alimentam o mercado hoteleiro, o comércio de bebidas, estabelecimentos de indumentária, postos farmacêuticos e a feira livre. São estes que, atravessados por uma pluralidade de práticas e sentidos, concebem a grandiosidade das festas religiosas efetivadas na cidade de Juazeiro do Norte. As romarias vão sendo concebidas enquanto eventos atravessados por aspectos que dialogam com várias esferas, inclusive, as de ordem econômica.

Em tempos de romaria a cidade ganha outro tom, as ruas ficam cheias, o comércio aguarda, ansiosamente, a chegada das multidões que colorem o local, e deixam dinheiro. Com o reconhecimento de Juazeiro como importante centro religioso, o fluxo de pessoas

² Disponível: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/sem-romarias-r-500-milhoes-podem-deixar-de-circular-1.2966976>. Acessado em 18/03/21 às 14:42).

em épocas deslocadas do calendário romeiro, também é notável. A imagem de um grande centro urbano angaria olhares díspares. Estes, visitam também a cidade em momentos em que a atenção não está dirigida ao santo popular, ou seja, em períodos da não observância de eventos romeiros. Interessante apontar o relato de um tradicional comerciante de Juazeiro sobre a questão em contexto:

Ah, nós temos aí, realmente a visita ela se divide em grupos de turistas e de romeiros. Os turistas eles compram também, a visitação é grande, é enorme, principalmente fora de época, fora de época de romaria eles vem sempre, mais nos finais de semana ou feriado, realmente o feriado a gente não abre, mas o domingo, também não abre, mas a sexta e o sábado já têm um fluxo melhor de turista. Nós recebemos visita aqui de todo o país, não apenas em época de romaria, eles vêm sempre, os turistas, pessoas do Rio Grande do Sul, a parte Centro Oeste, do Sul, vem tudo pra cá... Porém tem mais devotos do que turistas, bem mais devotos. Os que não são devotos, são neutro, são em cima do muro, esse pessoal que fica em cima do muro, mas eles também deixam alguma coisa financeiramente em Juazeiro, compram muito pra levar de lembrança, então a gente precisa trabalhar, nós comerciantes precisamos trabalhar em cima disso, kits de lembrança da cidade, nós estamos devendo para os turistas e para os romeiros. (Raimundo, 72 anos. Entrevista realizada no dia 02/11/2021)

Raimundo argumenta que a visita a Juazeiro é dividida entre romeiros e turistas, que os últimos optam pela visitação em épocas que não estão acontecendo as romarias. Tendo em vista o fato de os romeiros enxergarem na romaria, primordialmente, um ato de fé e devoção, é compreensível a ausência desse grupo em outro contexto. O grupo de turistas, apesar de se sentir atraído, em alguma medida, por questões religiosas, são também cativados por elementos de outra ordem. O que estou denominando de *não devoto* é classificado pelo interlocutor como “em cima do muro”. Entendo que, para um tradicional comerciante de Juazeiro e devoto fervoroso do Padre Cícero, a ideia da presença de sujeitos que não se relacionam com o santo, mediante um laço de fé e reverência, é estranho, colocando-o, portanto, na condição de um indeciso. Todavia, o que pude observar dos *não devotos* foi um posicionamento objetivo quanto à ausência de devoção.

No que se refere à ideia de mercado, o interlocutor enfatiza que, os grupos de modo geral contribuem com o desenvolvimento socioeconômico da região, uma vez que, são consumidores. Todavia, mesmo considerando que o consumo parte, maioritariamente, dos romeiros, tendo em vista o fato de ser o grupo hegemônico, Raimundo enfatiza que os grupos formados por sujeitos que não são romeiros apresentam uma demanda, a compra de lembrancinhas da cidade. O comerciante relata a carência do produto e a existência da demanda, destacando a necessidade de os comerciantes

produzirem o que ele chamou de “kit de lembranças da cidade”. O kit em questão pode referir-se a perspectivas plurais sobre a cidade, considerando que as lembrancinhas referenciando o Padre Cícero é um produto que não costuma faltar.

O contexto pandêmico inviabilizou os lucros decorrentes dos eventos romeiros, impossibilitando também as sociabilidades estimuladas pelo tempo de romaria. As romarias digitais, lançadas como uma estratégia frente a ausência dos eventos presenciais, cumpriu um papel, mas não contemplou a romaria enquanto festa. Ao acompanhar algumas romarias virtuais observei que, os *não devotos* não se sentiam atraídos por esse formato de romaria. Os comentários nos vídeos, nas fotos e vídeos, partiam de devotos que faziam sempre menção ao Padre Cícero e a saudade da cidade santa. Corroborando com a hipótese de que aos olhos dos *não devotos*, a romaria que os interessa é percebida, sobretudo, pelo entretenimento.

O que antes eram abraços, paqueras, encontros, visita aos parques aquáticos, ida ao shopping, músicas, bares, visitação aos pontos sagrados, transformou-se em uma programação notadamente religiosa. No ano de 2020, assim como as demais instituições, a esfera religiosa necessitou reinventar-se, construiu assim o que foi denominado, romarias digitais. A romaria digital consolidou-se como uma romaria que almejava levar o Juazeiro aos devotos, a programação privilegiou a transmissão de missas, discursos, preces, oração do terço, ou seja, um cronograma voltado aos anseios do devoto.

Programação que não atende ao grupo de sujeitos destituídos de devoção. A exemplo da viagem, o deslocamento físico é motivo de festa, as compras realizadas no comércio abrangente, os passeios, os encontros, são vivências impossibilitadas pelas romarias no formato digital. “Eu gosto do passeio, né!? Comprar as coisas, conhecer a cidade”. (Joaquina, 60 anos, Itamaracá – PE). Nas experiências de sujeitos como Joaquina, congregante da igreja Universal, que não experiencia as romarias pelo viés devocional, é necessário ir ao Juazeiro desfrutar do que a romaria presencial e o Juazeiro têm a oferecer. O contexto pandêmico fechou as portas para a romaria pensada enquanto festa, pelo viés do entretenimento, a romaria desejada pelo *não devoto*.

A pausa dolorosa referente ao contexto pandêmico vivenciada nos eventos romeiros de Juazeiro do Norte, provocou mudanças drásticas no fazer romaria, assim como na estrutura de outros eventos, afinal, estou falando de mudanças sistêmicas. No que se refere aos eventos romeiros de Juazeiro, observo que o formato digital, contemplando uma programação marcadamente religiosa, não atraiu o *não devoto*. Demonstrando com isso que, os aspectos lúdicos das romarias, pautados, sobretudo, na

viagem, nos passeios, nos encontros, nos parques aquáticos, e também nas visitas aos pontos sagrados, são os elementos que constituem o fazer romaria do *não devoto*.

Nesta primeira parte do texto detive-me na apresentação da problemática da tese e nos caminhos que me conduziram. Os passos seguintes serão dirigidos nos quatro capítulos que estruturam este trabalho. Nos quatro momentos, o leitor perceberá perspectivas das romarias, assim como também de Juazeiro do Norte por ângulos que não estão alicerçados na narrativa oficial. A interpretação dos *não devotos* expressam questões que confrontam o pensamento hegemônico sobre romarias, sobre o catolicismo e o Juazeiro. A hegemonia tende a limitar e invisibilizar muitas experiências, nesse sentido, abro mão do discurso dominante, centralizado na devoção, para assim possibilitar ouvir outras compreensões. Nesta tese, debruço-me, portanto, na interpretação dos *não devotos*, dos sujeitos que vivenciam a romaria, desconsiderando as práticas de devoção.

No primeiro capítulo, discuto a função social da religião, atrelada à concepção de uma instituição social que opera a partir de uma lógica reguladora. Apresento o caráter hegemônico do catolicismo como resultante de um processo historicamente violento, decorrente do silenciamento de outros sistemas de crença. Reflito a consolidação de Juazeiro do Norte como terra santa, apontando o apagamento de outras manifestações religiosas por entender que estas questões precisam ser pautadas, uma vez que não encontram espaço na narrativa dominante. No primeiro capítulo discorro também sobre a ideia de uma romaria fluida como uma forma de encorpar experiências voltadas ao entretenimento.

O segundo capítulo apresenta uma leitura etnográfica. No referido capítulo a categoria, *não devoto*, vai sendo melhor compreendida a partir da interpretação e descrição das práticas e relatos dos interlocutores, além de registros fotográficos. O relato etnográfico aponta os passos dos *não devotos* demonstrando que este grupo ocupa também espaços sagrados, desconstruindo o pensamento de que sujeitos destituídos de devoção são localizados apenas nos shows e bares. A minha imersão ao campo identificou que, embora os sujeitos da pesquisa usufruam de muitos espaços onde o fazer romaria não atravessa práticas de devoção, como bares, no tocante aos ambientes percebidos como sagrados pelos devotos, o *não devoto* experiencia o lugar através de um processo de ressignificação, por meio de um olhar recreativo.

O terceiro capítulo aborda questões que pensam o Juazeiro do Norte como um lugar de possibilidades. Interpretar as romarias da cidade por meio do olhar dos *não devotos* oportunizou refletir também sobre Juazeiro para além do olhar do devoto, olhar

que centra sua atenção nos feitos do Padre Cícero. Nas primeiras páginas deste trabalho, argumento que ao me distanciar de uma reflexão de romaria fundamentada no caráter religioso, discorro sobre uma romaria de possibilidades, plural, multifacetada, uma romaria híbrida. Protagonizada, sobretudo, por quem não centraliza suas experiências nas relações com o santo. Nesse sentido, na terceira parte da tese dedico-me a discorrer sobre Juazeiro como uma cidade cosmopolita e detentora de outras manifestações de caráter religioso e cultural. Esta leitura sobre Juazeiro está pautada no fazer romaria expressado pelos *não devotos*, na valorização e reconhecimento da diversidade religiosa, como também em uma breve análise de um vídeo que apresenta a coleção “Terra de Gigantes”, produzida pelo estilo brasileiro, Ronaldo Fraga.

No quarto e último capítulo, abordo algumas práticas efetivadas nas romarias de Juazeiro, demonstrando-a como um campo inesgotável. São práticas que confrontam, de maneira incisiva, um fazer romaria alicerçado nas práticas de cunho devocional. Neste capítulo, explano pontos de tensão entre o fazer romaria pela compreensão dos que carregam um repertório de devoção e os que apontam outros sentidos para justificar a experiência. Reflexão que indica em que medida devotos e *não devotos* aproximam-se e afastam-se. Ao dialogar sobre a presença de quem não atribui sentido de fé às vivências viabilizadas por meio do contexto de romaria, é preciso sinalizar as tensões que operam nesse contexto. Parto do pressuposto que, a complexidade do fenômeno em questão atravessa a concepção de agentes que ao atuar, revelam contradições e disputas, disputas funcionam como alimento do campo, nesse sentido, o último capítulo chama a atenção para as disputas de narrativa como garantidora das diversas interpretações sobre o fazer romaria.

Ao tempo em que compreendo “a linguagem como mecanismo de manutenção de poder” (RIBEIRO, 2020, p. 14), apresento uma tese de doutorado comprometida com a democratização da ciência. Tomada por essa responsabilidade, parto de uma escrita acessível e didática que me faça ser compreendida por grupos não contemplados na ideia de pares. O conhecimento científico produzido na academia, não deve se limitar a ela, visto que, parte de uma produção que depende, sobretudo, dos sujeitos que estão para além dela.

CAPÍTULO I – A RELIGIÃO E AS FACETAS DAS ROMARIAS

A religião apresenta-se como um sistema de representações que possibilita, entre outras coisas, atribuir sentido às mazelas humanas. As primeiras concepções que o ser humano produziu de si e do mundo foram de natureza religiosa, conforme aponta Durkheim (1996). O caráter social conferido aos sistemas religiosos pelo referido autor, estabelece a concepção da religião como uma instituição que regula o comportamento da sociedade. Esta seria, portanto, deste mundo, fundada em valores marcadamente coletivos. Entrelaçada aos códigos morais da esfera social, funciona perante uma lógica que a coloca como orientadora da conduta humana.

“A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir” (ALVES, 1999, p. 13). Ao tempo em que penso o caráter da religião, debruço-me em uma discussão que pauta a concepção de que as experiências de ordem religiosa atravessam o nosso cotidiano. A religião é simbólica, é cultural. “A religião é construída pelos símbolos que os homens usam” (ALVES, 1999, 29). A apropriação desses símbolos se apresenta de formas diferentes, visto que, a humanidade é constituída de uma diversidade de atores, moldados por uma série de interesses e valores. A romaria é estruturada por meio de um aparato simbólico, as maneiras com as quais os sujeitos são atravessados pelos símbolos configura-se, também, de forma subjetiva. Desse modo, é necessário estar atento às interpretações dos sistemas simbólicos e culturais.

Geertz aponta a religião como um sistema cultural (2015). O antropólogo ressalta a importância da interpretação do sentido e significados atribuídos pelos sujeitos ao que experienciam. Os sistemas culturais atuam na formação de um ethos. O ethos, no que lhe concerne, tem a capacidade de orientar condutas e, sobretudo, formar valores, fica a cargo dos símbolos sagrados a incumbência de modelar e aperfeiçoar o comportamento humano. Como um sistema cultural, este *modus operandi* não se limita aos que creem, aos que professam fé em um determinado credo, estende-se, contudo, a sociedade pensada de uma forma geral. A religião seria reguladora do social.

A romaria, como um espaço de uma variedade de símbolos, consegue abrigar grupos que enaltecem o caráter sagrado do fenômeno, como pelos sujeitos que partilham da ideia de que a romaria é, sobretudo, um mercado, tendo em vista o aumento das demandas, e também por aqueles que percebem nos eventos romeiros a possibilidade de sair do tédio. A romaria abriga todos esses interesses, todas essas maneiras de percepção

e vivência. Dada essa condição, é possível observar que, como fato social total (MAUSS, 2008) os eventos romeiros podem ser analisados através de muitos aspectos, inclusive privilegiando um olhar que secundariza os elementos sagrados.

Os lugares sagrados são constituídos por intermédio de um imaginário que evoca questões pautadas na lógica do desconhecido, do mistério e, sobretudo, do sobrenatural. O encontro com o santo remete ao pedido de graças, ao pagamento de promessas, as infinitas preces, e ao compromisso de um breve retorno. Uma estrutura que contempla também um cenário marcado por outras sociabilidades: encontros, busca por sexo, a procura do lucro, enfoques brincantes da festa, entre muitas outras coisas. Prismas diversos compartilhando o mesmo território, públicos plurais que divergem no que se refere às motivações e interesses, mas que compartilham a ideia de a romaria ser mesmo um evento singular.

As mudanças vigentes no campo religioso são indicadores importantes nas reformulações pelas quais o contexto da romaria tem passado. Percebe-se que as transformações vigentes são consequências do processo de modernização, processo este que sinaliza um enfraquecimento substancial do poder de atuação dos sistemas de crenças, pensados no campo institucional. Segundo Steil (2001), a iminência da pluralidade religiosa encontra sentido no momento em que a Igreja Católica apresenta os primeiros sinais do desmoronamento do seu monopólio. Este contexto, segundo o autor, oportunizou o surgimento do trânsito religioso, um trânsito que consiste na facilidade de sair e ingressar em uma dada denominação religiosa. A circulação dos fiéis entre variadas igrejas, permite perceber a flexibilidade no manejo das práticas instauradas no campo do sagrado.

Estas mudanças, observadas, sobretudo, em virtude da queda do catolicismo, tem promovido profundas transformações. As formas de se relacionar com o sagrado ganhou novas dimensões no tocante a pensar que as estruturas eclesásticas perderam, de forma significativa, o controle que outrora fazia-se rígido. Na contemporaneidade os sujeitos têm elaborado, mediante aspectos voltados ao caráter individual, as condutas de interações com o campo do sagrado, a exemplo da escolha por circular por várias igrejas, como observado por Steil. No campo das romarias, as reformulações têm sido percebidas no que se refere ao caráter dinâmico do evento romeiro e as maneiras com as quais os sujeitos agenciam essa dinamicidade.

O desencantamento do mundo retratado por Weber (1982), justificado pelo processo de secularização, encontra sentido mais na caracterização de uma sociedade

pouco regulamentada pela religião enquanto instituição, e menos no fim da religião. A religião continua viva e cumprindo um papel importante. Contudo, observa-se que este papel, antes limitado ao poderio da Igreja Católica, está aberto como um leque de possibilidades. A queda no número de católicos se coloca como um dos dados mais importantes no que se refere a pensar a emergência da diversidade religiosa.

Nesse sentido, o traço que marca a religião na contemporaneidade está atrelado à concepção da desinstitucionalização (HERVIEU-LÉGER, 2008). Diante desse panorama, não se vê o desfecho da religião, de outro modo, fica perceptível a fragmentação religiosa, ancorada na diversidade de credos, acompanhada da maleabilidade na aceitação ou rejeição de determinado princípio religioso. A versatilidade de mudar de religião abre espaço para uma flexibilidade também no que concerne a pensar as formas que as ações serão efetivadas. Na atualidade, não é apenas possível escolher a sua crença, é também perfeitamente admissível definir como será agenciado o seu repertório de práticas.

A religião está em toda parte, antes centralizada nos valores de uma única Igreja, hoje, fracionada em muitas outras. A fragmentação abriu caminhos que outrora eram orientados apenas pela Igreja Católica. Desse modo, a diversidade religiosa oportunizou não apenas a observância da infinidade de maneiras de crer, propiciou, além disso, uma maior liberdade para agenciar a crença. Este trabalho encontra sentido na compreensão de que a religião contemporânea pode ser pensada mediante uma infinidade de possibilidades. Ao me deparar com as romarias de Juazeiro do Norte pude perceber a amplitude do campo a qual estou imersa, e as mudanças nas maneiras de fazer romaria.

O cardápio de uma romaria apresenta uma variedade de produtos, a maneira como esses produtos são apropriados e agenciados permite observar que, as mudanças no cenário social repercutem na esfera religiosa, resignificando, no caso das romarias, as maneiras de vivenciá-la. A romaria feita por quem não crê no santo, apresenta-se como uma maneira de vivenciar o momento sem compromisso com as questões de ordem religiosa, o contato se dá mediante um manejo que reporta a uma curiosidade não pelo elemento sagrado, mas pela possibilidade de agenciá-lo da maneira que melhor interessar. A religião pensada enquanto mercado oferece aos participantes, produtos com uma flexibilidade de uso, fazendo com que o objeto possa atender a uma variedade de interesses.

A lógica mercadológica sob a qual a esfera da religião opera produz, entre outras coisas, o aumento da importância das necessidades e desejos das pessoas na definição dos modelos de práticas e discursos religiosos a serem oferecidos

no mercado. Ao mesmo tempo, demanda das organizações religiosas maior flexibilidade em termos de mudança de seus "produtos" no sentido de adequá-los da melhor maneira possível para a satisfação da demanda religiosa dos indivíduos (GUERRA, 2003, p. 01).

O papel social da religião é incontestável, afinal ela é fundante do social (DURKHEIM, 1996). As mudanças sofridas pelo campo religioso, também são evidentes. O fim da religião não parece ser algo próximo. O que ocorre são mudanças que acompanham as transformações de caráter mais geral. As mudanças vigentes devem ser consideradas, a exemplo da perspectiva de uma religião de mercado. Ao me distanciar do olhar da romaria pelo viés religioso, apresento outros olhares a respeito da religião, ou melhor, dos eventos religiosos, no caso a romaria, em sintonia com uma sociedade cada vez mais estável e dinâmica, uma sociedade líquida (BAUMAN, 2021).

Os eventos romeiros da cidade de Juazeiro não chamam a minha atenção pela quantidade expressiva de devotos do Padre Cícero que todos os anos vão ao Juazeiro em devoção ao sacerdote. As práticas estimuladas pela fé, inegavelmente, um dado extraordinário, também não estimularam a produção deste trabalho. Tenho muito respeito por tudo que foi escrito sobre o Juazeiro do Norte, sobretudo, a relação dos romeiros com o patrono da cidade. Entretanto, o que instiga a minha atenção não diz respeito a romaria alimentada pela prática de devoção, mas a romaria compreendida como entretenimento, como uma maneira de descontração, de diversão, uma romaria sem a benção do santo.

Da hegemonia ao declínio: o retrato da queda do catolicismo

A ideia de religião ou mesmo de religiosidade, desde tempos remotos, apresentou-se como sinônimo de Igreja Católica. Portadora de um capital simbólico (BOURDIEU, 2001) significativo, operou, por muito tempo, como protagonista em vários contextos. Detentora de um poder socioeconômico, não se preocupava com coadjuvantes, ela detinha o poder. Um poder que extrapolou os muros da Igreja e atuou em outras esferas sociais, como no campo da cultura, no campo da política, e da economia. A Igreja Católica se apresentava, portanto, como mediadora exclusiva entre Deus e os indivíduos. Mediante preceitos advindos do catolicismo, os sujeitos regulavam sua relação com a divindade, e sua postura diante da sociedade.

Ao tentar ler o contexto histórico do catolicismo, julgo ser possível qualificar de abusiva a relação que a Igreja Católica estabelecia com os fiéis e, sobretudo, com outras

manifestações de religiosidades. As estratégias utilizadas pela Igreja, no decorrer da história, visando uma posição de privilégio, foram violentas. A hegemonia do catolicismo foi alimentada por muito sangue e uma política de negação. A história da religiosidade brasileira sofreu profundos cortes, com marcas que, na obrigatoriedade do silêncio, choram. São lágrimas que regaram e regam as muitas expressões de religiosidades e suas histórias de resistência. “O que vemos é o apagamento e o silêncio das crenças originárias e, mais adiante, das crenças de origem africana, ou seja, crenças não eurocêntricas”. (NOGUEIRA, 2020, p.37).

O Brasil é um país majoritariamente católico. Ao falar de uma nação católica, é imprescindível que se diga os instrumentos utilizados na consolidação dessa supremacia, torna-se fundamental compreender os traços racistas da narrativa que compreende o caráter hegemônico do catolicismo. Soberania resultante do genocídio dos povos originários. A construção do discurso que coloca a religiosidade brasileira atrelada aos valores advindos do catolicismo, nega toda uma diversidade de expressões de crença. A Igreja Católica construiu o seu poderio através da seguinte estrutura: foi dado como verdade a voz de quem teve condições de falar, sendo legitimado o silêncio dos grupos que foram, violentamente, silenciados. “A questão da definição de verdade, portanto, em última análise, é uma questão de poder”. (ALVES, 2020, p. 138).

Esta realidade não foi observada apenas no Brasil, as raízes do cristianismo, em todo o mundo, estão fundamentadas em violências, omissões e opressões. No contexto brasileiro, o que identificamos refere-se a uma política de propagação dos valores e princípios católicos e da negação de outros códigos de crenças. “É importante destacar que a tríade lei-rei-fé especificamente se referia à lei de Portugal, ao rei de Portugal e a fé-religião católica apostólica romana”. (NOGUEIRA, 2020, p.37). Um contexto que suprimiu toda e qualquer diferença, visto que, o catolicismo dominava em números. “Houve um longo, longo tempo e não muito antigamente, em que eram católicos mais de nove entre dez brasileiros”. (PIERUCCI, 2004, p. 21).

Como dito anteriormente, a Igreja Católica parecia não se intimidar com outras manifestações religiosas. Deleitando-se em direitos e ocupando vários espaços de influência na sociedade, o catolicismo atuava por meio de uma lógica que o colocava como única opção religiosa. Entretanto, presenciamos uma mudança substancial, e conseqüentemente, uma ameaça para a supremacia católica: o crescimento evangélico. O grupo que, na década de 1940, somava apenas 2,6% da população brasileira, número que não apresentava uma ameaça ao catolicismo, em 1980 passou a representar 9% dos

brasileiros. Ocorre que, o crescimento dos evangélicos acompanhou uma queda expressiva no número de católicos. A queda do catolicismo e o crescimento evangélico foram uma constante no Censo do IBGE de 2000 e no de 2010.

Nos anos 2000, 73,8% da população brasileira se declarava católica, e 15,4% se apresentava como evangélica. No último Censo do IBGE, datado de 2010, 64,6% se declaravam católico, e os evangélicos somavam 22,2% da população. Diante de uma expressiva queda no número de católicos e um avassalador aumento no número de evangélicos, a Igreja católica passou a considerar a ameaça representada pelos evangélicos no Brasil, e a necessidade de se reinventar. “Podemos observar uma ‘reinvenção’ da tradição e uma revitalização de rituais impregnados de emoção, abrindo a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos no seu campo hegemônico”. (STEIL, 2011, pág. 117).

No tocante as últimas projeções, a Igreja Católica tem com que se preocupar, como demonstrado no artigo “A aceleração da transição religiosa no Brasil: 1872-2032”, do sociólogo José Eustáquio Diniz Alves:

Os católicos com 49,9% das filiações religiosas em 2022 (pela primeira vez abaixo de 50%) e com 38,6% em 2032, e os evangélicos apresentando percentuais de 31,8% e 39,8% no mesmo período. Ou seja, os evangélicos devem ultrapassar os católicos nos próximos 10 anos e contribui para isto o fato de estarem mais bem posicionados, em termos de dinâmica demográfica, na população urbana, pobre, jovem e feminina. As demais religiões devem passar de 5,2% em 2010 para 8,5% em 2032 e o grupo sem religião deve passar de 8% para 13,1% no mesmo período. Sendo assim, haverá mudança na hegemonia entre os dois grandes grupos cristãos, em um quadro de maior concorrência e pluralidade religiosa. (ALVES, 2023).

Os evangélicos, apesar de tratados cotidianamente como um só grupo, apresentam muitas particularidades, trata-se, portanto, de uma vertente tomada por uma diversidade de comportamentos, crenças e perspectivas, evidenciando uma expressiva pluralidade. Mais do que um caráter plural, observa-se também tensões entre as muitas vertentes evangélicas, homogeneizá-los seria um erro. Os protestantes históricos, por exemplo, tendem a ter uma certa repulsa por algumas igrejas pentecostais, “geralmente expressa um distanciamento educado. O pentecostal seria como um primo pobre do interior”. (SPYER, 2020, p. 56).

Os pentecostais estão atuando no Brasil desde a primeira década do século passado. Em 1910, formou-se no Brasil a Congregação Cristã, em São Paulo, e a

Assembleia de Deus, em 1911, em Belém do Pará. Os pentecostais, até algumas décadas atrás, constituíam um grupo insignificante no que se refere a termos quantitativos, não era uma ameaça ao catolicismo. Entretanto, a expansão pentecostal ganhou uma certa notoriedade, com uma amplitude mundial, e vem crescendo aceleradamente. O Brasil posiciona-se em lugar de destaque, com mais de 50 milhões de evangélicos (entre protestantes, pentecostais e neopentecostais) (MARIANO, 2005). Essa tendência de expansão começou a tomar vulto por volta dos anos 70 do século passado, mais especificamente com o que alguns autores classificam de “terceira onda” (FREESTON, 1993) ou neopentecostalismo (MARIANO, 2005).

O retrato que observamos a nível nacional pode ser visualizado, com singularidades, na cidade de Juazeiro do Norte, lócus da pesquisa que resultou na construção deste trabalho. Juazeiro, lugar hegemonicamente católico, centro de romarias populares, apresenta um crescimento evangélico (PAZ, 2012). Uma expansão que, de certo modo, é ofuscada pela concepção de Juazeiro como terra santa, terra católica. A supremacia do catolicismo conta com o capital simbólico do padre Cícero. Este, visto como santo por milhares de romeiros, fez de Juazeiro um recinto de devoção e, conseqüentemente, um lugar visto pelo monopólio católico. Vamos, portanto, compreender algumas implicações desse contexto.

Padre Cícero e as primeiras romarias: compromisso dos romeiros com o padrinho, negligência com a Igreja

Ao sul do estado do Ceará está localizado o município de Juazeiro do Norte, especificamente na Região Metropolitana do Cariri, a população é estimada em 276.264 habitantes, segundo o IBGE (2020). Juazeiro apresenta-se como um dos maiores centros de romarias populares do Brasil. As romarias oficiais organizadas pela Diocese e Secretaria de Turismo de Juazeiro são estas: romaria dos Santos Reis – 06 de janeiro; romaria de São Sebastião- 20 de janeiro; romaria das Candeias – 02 de fevereiro; romaria do Padre Cícero (nascimento) - 24 de março; romaria do Padre Cícero (falecimento) – 20 de julho; romaria da Nossa Senhora das Dores – 15 de setembro; romaria de São Francisco – 04 de outubro e a romaria de Finados – 02 de novembro.

Juazeiro configura-se enquanto lócus que compreende um aporte simbólico de expressiva proporção, berço da religiosidade católica, abrange um cenário de práticas e manifestações provenientes do catolicismo popular. Uma conjuntura que tende a

invisibilizar outros sistemas de crenças, lemos Juazeiro, predominantemente, pelas lentes do catolicismo. Apesar do caráter hegemônico da Igreja Católica, é interessante observar que há uma presença evangélica na localidade (PAZ, 2011). Mais do que isso, é importante considerar as muitas diversidades de credos localizados na cidade. Ao tempo em que chamo a atenção para ler as romarias pelos olhos de quem não presta devoção ao Padre Cícero, reafirmo a necessidade de olhar outras manifestações religiosas na localidade.

O milagre da hóstia, fenômeno protagonizado, sobretudo, pela beata Maria Magdalena do Espírito Santo Araújo, repercutido na figura do Padre Cícero Romão Batista, provocou intensas transformações. “Mudaram a configuração do seu contexto social, religioso, econômico e político de forma definitiva” (PINHO, 2015, p.2). O episódio aconteceu no ano de 1889 na Igreja de Nossa Senhora das Dores e rapidamente tornou-se notícia na região, “antes uma pequena vila sem muita importância, passou a se sobressair nas páginas dos jornais” (PINHO, 2015, p.2). O milagre pode ser considerado, portanto, como a semente que propiciou o desenvolvimento de Juazeiro em todos os aspectos.

Todos os anos a cidade de Juazeiro recebe milhares de romeiros que visitam e prestam devoção ao padre que se tornou padrinho dos sertanejos. Padrinho, protetor, santo, mas também político, articulador e um grande estrategista. “Ídolo, trazendo nas mãos as rédeas do poder em Juazeiro”. (ONOFRE, 2020, p. 99). As muitas características atribuídas ao Padre Cícero, permitem perceber que se tratava de um homem que apresentava uma relação distinta com os elementos de ordem espiritual, mas também um homem que parecia lidar bem com os elementos do plano terrestre.

Além de fiéis e devotos do Padre Cícero, Juazeiro recebe milhares de outros sujeitos que podem ser classificados enquanto turistas, visitantes, curiosos e *não devotos*. São pessoas que experienciam as romarias da cidade destituídas de sentimento de devoção. Vivenciam o evento de maneira lúdica, ressignificando, portanto, as manifestações religiosas. A presença destes, enseja a percepção do quão as romarias são fenômenos tomados de riqueza cultural e de múltiplas interpretações. Defendemos a tese de que, a romaria experienciada por quem não crê no Padre Cícero, também é romaria.

Romarias são manifestações culturais que mobilizam interesses e motivações diversas, tornando-se um campo conflituoso (BOURDIEU, 2001). Um conflito que ganha força na imbricação dos contraditórios, “dentro tudo se mistura” (CANCLINI, 2019, p. 20). A romaria é uma mistura que nega “qualquer tentativa de ordenar o mundo em

identidades puras e oposições simples” (CANCLINI, 2019, p.). Fenômeno de dimensões incalculáveis, possibilita a construção de um sistema que oportuniza formas variadas de percebê-lo e vivenciá-lo. Uma conjuntura que abre espaço ao contraditório ao mesmo tempo, em que encontra sua riqueza exatamente naquilo que se percebe antagônico.

Em Juazeiro, a romaria, em seu primórdio, implicava em resistência, estas “configuram um movimento fundado numa heresia e marcado pela renitência dos devotos”. (PAZ, 2011, p. 24). A constituição de Juazeiro enquanto espaço sagrado sempre foi permeada por conflitos, sobretudo, entre o Padre Cícero e as autoridades eclesásticas. Assim, o princípio dos eventos romeiros foi tomado por hostilidade e oposição. As romarias de Juazeiro foram constituídas a partir do compromisso dos devotos com o padrinho.

Ao assumir um compromisso com o Padre Cícero, os devotos, consequentemente, reprovaram o posicionamento das autoridades religiosas no que diz respeito a renegar o movimento que iniciara e que posteriormente tomou uma corpulenta proporção. Os eventos romeiros foram fundamentados em um contrato estabelecido entre o povo e o padre Cícero. “Sobretudo entre os pobres, eram as credices o meio mais eficaz para coibir a dureza e as adversidades da vida”. (DELLA CAVA, 2014, p.62).

Diante de um contexto tomado por grandes secas, os sertanejos foram colocados em situação de extrema pobreza, o padre Cícero foi um importante conselheiro. Naquele contexto, o catolicismo popular passou a ganhar força. Um fenômeno que ocorre não apenas na região do Cariri, como lembra Della Cava “Também no Cariri, como em quase todo o resto do Brasil, nos anos que antecederam a década de 1860, estava o catolicismo ortodoxo em estado de decomposição (DELLA CAVA, 2014, p. 61)”.

As transformações decorrentes do milagre da hóstia, que posteriormente transformam Juazeiro em uma referência do catolicismo no Brasil, apresentou o seguinte enredo: hóstias ensanguentadas, beata ocultada e um padre perseguido. Hoje, Juazeiro em nada se parece com o pequeno lugarejo, cenário de uma trama que propiciou a construção e o crescimento de uma cidade. Enquanto a beata Maria de Araújo foi sutilmente apagada do tecido constituinte da memória juazeirense, o Padre Cícero foi ganhando proeminência.

Não há dúvidas de que o padre Cícero foi um homem astuto e dotado de um intelecto que possibilitou conduzir toda a conjuntura. Ao tempo em que se dedicava ao povo humilde e necessitado de suas orientações, esteve rodeado por políticos, pessoas influentes, fazendo com que obtivesse prestígio entre o seu rebanho e grupos de alto poder

aquisitivo. Através das ações de padre Cícero, Juazeiro foi ganhando fama de lugar agraciado, “terra da mãe de Deus”. O padrinho não fez de Juazeiro apenas um lugar santo, viabilizou a emancipação do município e o desenvolvimento socioeconômico da região.

Ainda que partindo de uma mesma base estrutural, o que permite explicar algumas contradições inerentes à figura de Pe. Cícero, que aparentemente o aproxima da figura de um coronel, a relação entre o Padrinho e seus afilhados era pautada por um clientelismo diferente daquele existente entre um coronel e sua clientela, já que Pe. Cícero transitava, ao mesmo tempo, no espaço do sagrado e do profano. Isso se como critério de divisão desses dois espaços, definimos o profano como a esfera do político e do econômico e o sagrado como a esfera do espiritual e do religioso. É, portanto, na interpenetração dessas esferas e espaços que o clientelismo do Pe. Cícero ganha tons que o torna diferente daquele tipo que vamos encontrar na relação coronelística que marca o mandonismo local do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, é como se a relação entre Pe. Cícero e seus romeiros tivesse sido marcada por uma espécie de clientelismo católico, no qual os aspectos morais e religiosos se encarregaram de dirimir aquilo que poderia o aproximar do coronelismo político, no seu lado mais perverso, notadamente a questão da violência. (BRAGA, pág. 233-234, 2007).

De acordo com Braga, Padre Cícero possuía algumas singularidades que permitiam fazer dele um tipo especial de coronel, ou mesmo consagrar um caso particular de coronelismo. O fato é que, o santo padre era dotado de muita inteligência e carisma, traços que possibilitaram o trânsito por vários universos. Foi padrinho dos sertanejos, e também um político astucioso, e apesar de toda uma conjuntura que refletia em constantes atritos com a Igreja, o religioso cumpriu o seu papel no que diz respeito ao sacerdócio. “O padre Cícero não era menos ortodoxo e zeloso do que a maioria dos seus colegas que serviam na Vale do Cariri”. (DELLA CAVA, 1975, pág. 126).

As romarias de Juazeiro são, portanto, tão plurais como as personalidades conferidas ao padre Cícero. Podem ser compreendidas como comércio, tendo em vista, a estrutura com fins lucrativos montada em tempos de romaria, pode ser entendida como mercado sexual, considerando as pessoas que vão às romarias em busca de realizar práticas sexuais, como a prostituição. Além da prática majoritária, ou seja, as de cunho devocional, romaria pode ser muita coisa. Na verdade, a estrutura da romaria permite um olhar sobre todos esses elementos, e a maneira como estão interligados.

A sociedade que Zygmunt Bauman denominou de líquida (2011) é justamente caracterizada por constantes transformações, incertezas, remodelações e misturas. Não seria mais possível - ou talvez nunca tenha sido - analisar as romarias desconsiderando sua fluidez, seus arranjos e os múltiplos atores, tão distintos quanto seus interesses. Necessita-se perceber as romarias dentro de uma estrutura religiosa, social, cultural e

econômica. Embora algumas das práticas que elenquei acima, possam ser observadas por um viés profano, é digno de ressaltar que a romaria também é profana. Visto que, ao compreendermos as romarias pelas práticas ali estabelecidas é possível observar que, sagrado e profano são inimigos inseparáveis.

Envoltas nessa trama, as romarias de Juazeiro seguiram em seu crescente e contínuo fluxo, despertando interesses religiosos, políticos e econômicos que contribuíram para seu aproveitamento turístico, com forte impacto no desenvolvimento sociocultural e consideráveis benefícios políticos e econômicos para o município de Juazeiro do Norte (VIANA, 2014:67).

Estudos sobre romarias assinalam uma abordagem voltada, primordialmente, para questões de devoção, evidenciando uma relação de compromisso entre devotos e o santo. Análises direcionadas para uma perspectiva mais lúdica do evento têm sido feitas, no entanto, um olhar proeminente compreende o caráter predominantemente religioso do fenômeno, apresentando estudos sobre experiências dos romeiros com o padre Cícero. Como refletido por estes autores: (MACEDO (1969), DUMOULIN (1990), FEITOSA (1991), MACHADO, (2001), CORDEIRO (2010), PAZ (2011), PINHO (2019).

O trabalho de Cordeiro, apresenta uma ótima reflexão ao propor uma compreensão sobre tipologias romeiras, considerando a dimensão festiva das romarias de Juazeiro. A discussão proposta apresenta uma contribuição no tocante aos estudos sobre eventos romeiros pelo viés lúdico. “As ressignificações do evento adaptadas ao novo tempo de incentivo do turismo e as formas de relacionamento desses significados foram criando categorias diferenciadas” (CORDEIRO, 2010, p. 16). Observam-se, portanto, novas maneiras de experienciar as romarias.

Romaria: uma categoria fluida

Neste trabalho estou considerando a fluidez presente na categoria romaria. A romaria pode ser entendida como o compromisso do devoto com o santo, “uma relação tradicionalmente pouco regulada pela Igreja” (SANCHIS, 2006, p. 86), conforme ocorreu no Juazeiro. Tendo em vista que, o comprometimento se deu com o Padre Cícero e não com a Igreja, fazendo dos eventos romeiros de Juazeiro um fenômeno de cunho popular. A discussão que pauta este estudo refere-se, contudo, a pensar a romaria, mediante a ausência de um compromisso com o Padre Cícero. Um dos elementos basais

caracterizantes desta concepção, seria justamente a ausência dos aspectos voltados à devoção.

A concepção de romaria pode ser compreendida a partir da ideia de encontro. Sujeitos que, deslocando-se, encaram uma série de situações que vão desde perrengues a grandes encantamentos, saindo em busca de firmar uma aliança. O santo pode ser considerado a principal figura que propicia a necessidade de deslocamento, entendendo, no que lhe concerne, o desejo de encontrar-se com o santo como uma espécie de combustível que alimentava toda uma viagem romeira. Diante desse cenário, Sanchis argumenta que a romaria pode ser pensada como:

Um caminhar, muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorado, mas cheio de encantos – imersão numa natureza selvagem e encontros lúdicos no caminho – até a concretização da apresentação e presença do peregrino a um “Santo”: santuário próximo ou longínquo, Sagrado feito gente, com quem se conversa, se troca bens, energia e saúde (promessas), perto de quem se vive uma pequena porção de tempo, o tempo feito Festa: comida, bebida, encontros, dança; até a volta para um cotidiano transfigurado já na espera de outra romaria. (SANCHIS, 2006, pág.86).

A definição de romaria apresentada por Sanchis, coloca em pauta a concepção de uma romaria do povo, perspectiva que aponta para a ideia de que os eventos romeiros estão posicionados no sentido da religião popular. O fato de tratar-se de um evento que coloca em sintonia elementos pautados nas questões advindas do sagrado e o do profano, secundariza, de certo modo, a influência institucional da Igreja. Nesta interpretação a romaria é concebida como o “tempo feito festa”, uma festa pouco ajustada aos mandos da Igreja. Na verdade, o que se observa são sociabilidades desenvolvidas mediante práticas da religião popular.

Steil (2003) concebe a romaria a partir de dois parâmetros: O primeiro, *communitas*, voltado a uma questão fraternal em que haveria uma relação fundamentada na emoção, nas relações mais afetuosas, no religioso, propriamente dito. O segundo princípio, *societas*, estaria fundado nas práticas que possibilitam enxergar as romarias para além do caráter genuinamente religioso. A noção de sociabilidade *societas*, oferece um melhor subsídio para a proposta deste trabalho, tendo em vista estar centrada nas características recreativas da festa.

Nesse sentido, tomamos a romaria como um discurso metassocial que comporta duas formas de sociabilidade que operam a partir de lógicas opostas: da *communitas*, para a qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal

fraterno da comunhão; e da societas, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção. (STEIL, 2003, p. 251).

A devoção designa-se como a principal peça, esta funda as demais engrenagens de uma romaria. Apesar da variedade de ações efetivadas em um evento romeiro, são as práticas devocionais que a tornam possível. Visto que, trata-se de um evento marcadamente religioso. O deslocamento até o lugar pretendido como sagrado, tem como principal motivação, a fé. São os elementos dotados de uma aura sacra que desde as primeiras romarias se colocaram como estímulos da viagem. Entretanto, os elementos seculares presentes na festa religiosa também, e apesar da centralidade na figura do santo, o secular desfruta de um importante papel. “Romaria passa a ser festa, aventura, encontro, folga, férias, lazer e passeio nessa retórica de percursos e sociabilidades”. (SILVA, 2017, p. 54).

Pensar que as romarias estão associadas a festas religiosas produz um espaço de convergência de narrativas teóricas, já que a festa, assim como as peregrinações ou mesmo as viagens turísticas carrega um sentido comum de suspensão do cotidiano. Romaria e festa produzem uma combinação poderosa de experiências extracotidianas, mediando relações de intimidade entre o homem e o mundo, entre os participantes e os aspectos mais abrangentes de sua cultura, de forma que essas classificações por vezes se confundem quando a romaria se torna própria festa, ou a festa consiste em fazer a romaria. (CORDEIRO, 2010 pág.91-92).

Os eventos romeiros são concebidos enquanto fenômenos marcadamente religiosos, alicerçados na compreensão de que a experiência devocional efetua-se através do relacionamento dos fiéis com lugares santos. A definição de lugar santo está firmada nos aspectos que fortalecem a ideia do mistério como principal elemento da trama que engloba os eventos romeiros. Contudo, no lugar santo, cabe também o que não é santo. Nesse sentido, a romaria caracteriza-se também por uma programação que partilha, junto a espacialidade sagrada, aspectos do mundo secular. Uma conjuntura que permite pensar a espacialidade/temporalidade romeira como “tempo feito festa”, observando-se a iminência da magia em todos os cantos da festa religiosa.

Romaria é festa. Esta perspectiva assinala a viabilidade de pensar os eventos romeiros no tocante às práticas de entretenimento e diversão. Ao tempo em que a devoção se coloca como principal ponto, as ações voltadas ao entretenimento, acabam por não ganharem notoriedade diante do fenômeno. A magia da romaria não se apresenta apenas nas questões provenientes do sagrado, o secular também é romaria, também a constitui. As compras, a dança, a música, a paquera, as festas, os bares cheios, as serestas, os

parques, os passeios, as aventuras, todos esses elementos possibilitam a iminência de uma romaria.

Defendo, portanto, que a romaria, voltada ao lazer e ao entretenimento, caminha ao lado das práticas orientadas pela valoração dos aspectos religiosos. É tudo romaria. A conceituação de romaria construída por Sanchis (2006) implica também em atribuir aos eventos romeiros, um caráter festivo. O contato mais próximo com o santo permite o encontro com outros romeiros, com a dança, com as comidas e assim a romaria, compreendida como um tempo feito festa, contempla uma série de elementos que propicia ao evento uma singular conotação temporal e espacial. Tendo em vista que, assim como é um outro tempo, é também um outro espaço. Um espaço preparado, visitado e experienciado de uma maneira especial, tanto para devotos, como para os destituídos de devoção.

CAPÍTULO II – OS PASSOS DOS NÃO DEVOTOS: UMA LEITURA ETNOGRÁFICA

31 de outubro de 2021, uma manhã de domingo. Chegamos ao horto. Estou na companhia de Felipe e Nino. Felipe é pesquisador, estuda o campo das romarias e um grande amigo. Nino é um amigo que admira o nosso trabalho de pesquisa, portanto, decidiu nos acompanhar. A escada, próxima ao estacionamento, dá acesso ao monumento do Padre Cícero, e pareceu me intimidar. Estava cansada do dia anterior, andei muito e meus pés sentiram o desgaste. O sol, escaldante, tornou o processo ainda mais desafiador, e aquela escada parecia conseguir dimensionar o tamanho do meu cansaço. O trabalho de campo nas romarias oscila entre experiências que vão da exaustão ao fascínio. Naquele momento encontrava-me exausta. Felipe já estava praticamente na estátua. Nino, de maneira generosa e amiga, me ajudou a subir os degraus. E vamos para mais um dia de romaria.

Subimos. Felipe colocou a mão na cabeça, demonstrando que esquecemos os chapéus no carro. A minha cara é de quem não estava acreditando no fato. Quem desce aquelas escadas para buscar os chapéus? Ficou o questionamento. O chapéu de palha, tradicional símbolo dos romeiros, é indispensável num trabalho de campo que coloca o pesquisador em constante exposição solar. Nino se dispôs a descer até o carro e pegá-los. E mais uma vez teve a minha gratidão. Após resolvido o contratempo, resolvi dar uma volta pelo espaço do horto. Percebi um fluxo interessante. Em decorrência da pandemia da Covid-19, houve uma queda já esperada nos números de participantes, no entanto, apesar do contexto pandêmico, a romaria reuniu um volume significativo.

Medo é um sentimento que me acompanhou durante todo o trabalho de campo. Estou com a segunda dose da vacina contra a Covid-19, todavia, sei que os cuidados devem ser mantidos, sobretudo o distanciamento social. Sei também da importância da responsabilidade coletiva na contenção do vírus, mas infelizmente nem todos têm essa consciência. O número alto de pessoas naquele espaço com a máscara no queixo, revela isso. Partilho da dificuldade que é passar o dia inteiro andando pelas ruas do Juazeiro, visitando pontos acompanhados de um calor abrasivo, usando uma máscara. Contudo, tenho total convicção de que este protocolo é indispensável no que diz respeito às medidas de segurança que visam diminuir a infecção.

Enquanto andava pelo horto, deparei-me com dois rapazes sentados próximos a uma banca de souvenir. “Vocês são os donos da banca?” Interpelei, mesmo imaginando

que não se tratavam de dois comerciantes, foi uma forma de iniciar o contato. Recebi como resposta de um dos rapazes: “somos não”. Desenvolvi a interação argumentando estar gostando muito da romaria e perguntando o que estavam achando do evento. No decorrer da conversa me apresentei enquanto estudante e pesquisadora e falei brevemente do objetivo da minha pesquisa. Nesse momento uma moça chegou falante, e um dos rapazes afirmou, risonho, que eu deveria falar com ela. Assim como os dois sujeitos, Andressa não apresentou nenhum vínculo de devoção com o Padre Cícero. O grupo integrava dez pessoas da mesma família, do número de integrantes, apenas uma é devota do santo padre. A devota é a avó de Andressa.

Andressa é uma jovem simpática de 21 anos, natural de Juazeiro da Bahia, vestia um conjunto estampado de kimono e short, complementando o look com um top preto. A moça, de comportamento extrovertido e acolhedor, aceitou conversar comigo. O grupo foi bastante receptivo, o que me causou profunda alegria, visto que em alguns casos a realidade se apresenta diferente, o que é totalmente compreensível. Ao ser abordada por uma pessoa absolutamente estranha, é natural que a primeira ação seja de rejeição.

Um fato intrigante, no tocante ao processo de inserção ao trabalho de campo, diz respeito à acolhida do pesquisador pelos interlocutores. Felizmente nem todo pesquisador necessitou fugir de uma briga de galo para ter a aceitação do grupo (GEERTZ, 2015), em todo caso, os obstáculos em campo se apresentam para todo antropólogo. No que se refere a minha experiência, pude observar que ao abordar uma pessoa idosa e devota, a receptividade é mais tranquila. Tomada pelo desejo de testemunhar o alcance de graças, de contar a história de vida, os sujeitos que integram o grupo dos devotos do Padre Cícero aparentam mais disponibilidade. A questão do testemunho pode de certo modo justificar a fácil interação. Ao falar com o pesquisador, o devoto demonstra a força do poder de atuação do santo no momento em que relata os milagres alcançados por intercessão dele. Contudo, apesar de ter conversado com alguns devotos, não é este o perfil que interessa a pesquisa.

Sobre o grau de dificuldade no entrosamento com sujeitos que não apresentam vínculo de devoção, julgo que a disponibilidade de tempo seria um fator primordial. Na maioria das vezes são pessoas que estão muito apressadas, presumem perder tempo ao parar para contribuir na construção de um trabalho científico. Os *não devotos* integram um grupo de sujeitos que demonstram pressa em aproveitar tudo o que a romaria e o Juazeiro têm a oferecer. Além disso, diferente dos devotos, não tem testemunho a contar, não necessitam legitimar a figura do santo mediante relatos longos de fé. Andressa e o

grupo a qual faz parte, não demonstraram resistência, todavia, a pressa para viver a romaria estava notória.

No contexto do que estou denominando, *não devotos*, o desejo de viver as romarias se estende pela ambição de conhecer Juazeiro do Norte em todas as suas possibilidades. Realidade que se apresenta também aos devotos do Padre Cícero. A distinção é observada nos sentidos que são atribuídos. Juazeiro santo é também Juazeiro profano, festeiro, terra do comércio, da diversidade cultural. Para o primeiro grupo, à terra santa é crucial, para o segundo, o crescimento da cidade em virtude do seu caráter sacro é percebido como a oportunidade de sair do seu território, de viver experiências longe do cotidiano. Momentos de entretenimento marcam a vivência do *não devoto*, acarreta, portanto, um forte anseio de viajar, motivados não pela experiência com o santo, mas por tudo o que o santo viabiliza.

O cenário dos eventos romeiros é, primordialmente, um cenário de festa, uma festa que atrai, que deslumbra, uma festa que celebra o santo, mas também é celebrada por quem não é do santo. A hibridização é o que permite as concepções de romarias. O hibridismo se apresenta de várias formas, em muitas práticas. Na romaria, convivem, de forma complementar, os parques de diversão, os jogos de azar, os mais diversos gêneros musicais, as bancas de bebidas alcoólicas. A missa acontece ao mesmo tempo em que os bares, das redondezas, estão cheios. O trânsito é constante, as dinâmicas se voltam para a ideia de uma festa com a presença de variados produtos, apropriados conforme o que motiva os sujeitos a participarem.

Os jogos de azar são uma constante. Assim como a cidade abriga várias igrejas e a circulação pelas igrejas, no tempo de romaria, é intensa, percebe-se também uma movimentação, significativa, nas bancas dos jogos de apostas, assim como nos parques de diversão. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, no mesmo espaço. São realidades que se confundem e se complementam, demonstrando uma ausência no que se refere a pensar as delimitações, as fronteiras são pensadas como fronteiras móveis (CANCLINI, 2019). Os deslocamentos são facilitados pela percepção de que, apesar da romaria comportar produtos com finalidades muitas vezes contraditórias, são elementos que atuam de maneira correlacionada.



Imagem 1 - Jogo de azar. Fonte: registro feito pela pesquisadora.

Ao tempo em que as apostas estão acontecendo, as missas estão sendo celebradas, as crianças brincam nos parques, os bares recebem clientes e os comerciantes vendem suas mercadorias, além da dinâmica da prostituição. A prática da prostituição, no tempo de romaria, evidencia a emergência de pensar variadas percepções sobre o fazer romaria, conforme apontado no trabalho de dissertação intitulado: “Dar “close” nas romarias: percursos de vidas transexuais e travestis nas peregrinações e devoções a Padre Cícero”. Ao analisar a presença de transexuais e travestis nas romarias, o autor afirma: “a romaria agrega mais agentes, a pessoa que se prostitui e o que vai a procura da prostituição. Todos esses elementos em conjunto, formam uma nova perspectiva das romarias e de suas trajetórias trans(viadas) (CALLOU, 2019, p. 77).

Nesse sentido, o trânsito entre as mais diferentes concepções de romaria, entre os distintos interesses no que se refere ao que se vai buscar na romaria, alimenta a noção de

fluidez, instabilidade, uma romaria multifacetada. Romaria enquanto mercado, enquanto entretenimento, romaria pelo prisma da prostituição. Diante desse contexto, observa-se que as mudanças sociais, as transformações pelas quais as sociedades estão passando, contribuem na possibilidade de acesso a uma diversidade de mundos, conforme aponta Canclini: “a sociabilidade híbrida que as cidades contemporâneas induzem nos levar a participar de forma intermitente de grupos cultos e populares, tradicionais e modernos (CANCLINI, 2019, p. 354).

Os eventos romeiros, na contemporaneidade, podem ser lidos através de uma variedade de olhares e compreensões, sobretudo, no que se refere aos aspectos lúdicos da festa. Na ocasião de uma entrevista com um comerciante, as mudanças assinaladas ficaram evidentes quando questionado sobre qual o público que ele atende: “A maioria ainda são pessoas de idade que vem pela fé, são romeiros sim, mas com o passar do tempo vai se tornando, vai vindo pessoas mais novas e essas pessoas mais novas vem mais pra passear do que pra ser um ato de fé, de romaria”. Questionei o comerciante no sentido de entender o que o levou a esta afirmação, ao tempo em que respondeu: “o diálogo com eles mesmo, perguntando por lugares para conhecer, tanto do Juazeiro como da região do Cariri, é o principal fator, eles perguntam muito balneário e a noite opções tanto de restaurantes, como bares” (Jonas, 21 anos, Juazeiro do Norte. Entrevista realizada no dia 01 de novembro de 2021).

A procura por bares, por balneários, restaurantes, a curiosidade sobre o Juazeiro e as cidades próximas, elencadas na entrevista com o comerciante, surge também em outros relatos que serão apresentados neste capítulo. Assim como também o gosto por conhecer pontos sagrados, apropriados e percebidos distantes de uma lente sagrada, mas que são também de interesse dos sujeitos destituídos de devoção. Visto que, o trabalho de campo demonstrou um contexto de conexões, sujeitos agindo de acordo com seus interesses e motivações, apropriando-se, de maneiras distintas, do que o contexto de romaria oferece, nas romarias de Juazeiro “as fronteiras que separam o que é do sagrado e o que é do profano não funcionam exatamente como lugares de separação e definição de limites” (BRAGA, SILVA, MENESES, 2019, p. 286).

Distante do santo e perto do encanto: atravessada pela romaria

Andressa, interlocutora de Juazeiro da Bahia, anteriormente mencionada, se diz apaixonada por Piseiro³, “vamos pro Crato, dançar muito Piseiro nos paredão, tomar muita Ypióca.” Durante a entrevista com Andressa, a percepção de uma romaria voltada a momentos de diversão, da possibilidade do contato com elementos novos, visando, sobretudo, a oportunidade de sair da sua rotina, ficou bastante evidente. Ao fazer menção a cidade do Crato, município localizado ao lado do Juazeiro, a jovem retrata um fato mencionado anteriormente pelo comerciante Jonas, o desejo de conhecer outros lugares da região do Cariri. A percepção da romaria como uma forma de explorar lugares e realizar desejos, a exemplo do anseio de se divertir nas festas de piseiros do Crato, surgem como características do seu olhar sobre as romarias.

Pensando nesse sentido, o que atrairia os que não creem no Padre Cícero às romarias em nome dele, parte das multiplicidades de fatores que constroem as dinâmicas festivas. Aspectos plurais e heterogêneos, como a realização de festas, as programações nos bares, os piseiros, o fluxo intenso de pessoas dos mais variados lugares, as igrejas lotadas, o que oportuniza a realização de uma oração ou um momento para paquerar. Este contexto, sinaliza as romarias como uma ocasião de possibilidade de múltiplas vivências. Quando Andressa afirma que vai tomar muita Ypióca, seja no Crato ou mesmo no Juazeiro, a moça entende que essas sociabilidades se dão em virtude da viagem em romaria, entendo, portanto, que essas relações também se constituem como prática de romaria. Nessas imbricações, o sagrado é contaminado pela noção do profano, ao mesmo tempo, que o profano encontra fôlego no contato com o sagrado. Uma contaminação que implica na construção, ou melhor, na ressignificação dos eventos romeiros.

A romaria dos *não devotos* não nega os aspectos religiosos, tendo em vista as conexões entre os muitos elementos, ela se apropria desses aspectos. Ao tempo em que o conceito de turismo religioso pressupõe um deslocamento oriundo de anseios em graus menores, ou maiores, de elementos dotados de fé, a concepção do deslocamento para os *não devotos* apresenta-se de maneira fluida. Este caracteriza-se como um sujeito disposto a aventurar-se no deslocamento e, parece encontrar na romaria, uma aventura interessante. Afinal, são sujeitos que afirmam não possuírem ligação de devoção com o santo, portanto, viajam mediante outras aspirações. A partir da conversa com Andressa

³ O pernambucano Orlandinho do Piseiro contou que o ritmo surgiu através de uma festa chamada “Pisadinha”, que é uma espécie de vaquejada no meio do mato. O cantor disse que o nome original era “Pisadinha”, mas se tornou “Piseiro”. Fonte: <https://portalpopline.com.br/saiba-o-que-e-piseiro-o-ritmo-que-esta-dominando-o-nordeste-2/>

não seria correto afirmar que existem disposições religiosas que justifiquem o deslocamento dela e do grupo. Trata-se, portanto, de uma espécie de carona que a família da jovem baiana pegou na disposição religiosa da avó de Andressa. A carona seria entendida como uma possibilidade de ir até à cidade santa, e experienciar momentos como os piseiros, que poderiam ser vividos em outras localidades, no entanto, sair do cotidiano pode ser entendido como uma motivação.

O grupo de Andressa estava indo em direção à Igreja do Bom Jesus do Horto. Decidi acompanhá-lo. A moça extrovertida falava, reiteradamente, do seu gosto por piseiro. Poucas coisas pareciam chamar a atenção de Andressa como a ideia de que ela iria a um piseiro na cidade do Crato. Uma conversa descontraída exibia elementos interessantes para pensar os passos de um *não devoto* no sentimento da experiência lúdica. A vontade por viver muitas experiências no Juazeiro e nas cidades vizinhas animavam a jovem. A romaria enquanto festa religiosa angaria um público sedento por vivências que extrapolam as práticas de reafirmação da crença, justamente por ser ela tecida por traços multifacetados.

Em se tratando das festas religiosas do catolicismo popular brasileiro, estas revelam o seu o seu caráter polimorfo, cujas características evidenciam um complexo sistema de signos no qual se circunscrevem matizes de uma cultura híbrida, fundamentada numa multiculturalidade (ALVES, 2013, p. 27).

A romaria apresenta um caráter polimorfo, tanto na estética da festa quanto nas percepções sobre ela. O horto, por exemplo, lugar em que Andressa e o grupo estavam, pode ser pensado a partir de diferentes aspectos. Um espaço, de conotação sagrada, sendo um dos pontos mais relevantes aos participantes da romaria, pode ser visto pelo viés sagrado como também pela perspectiva estética, tendo em vista abrigar um dos maiores monumentos do Brasil. Além de ser também um ponto de comércio, considerando que uma variedade de produtos é comercializada naquela espacialidade, desde souvenir a bebidas e comidas.



Imagem 2 - Loja localizada no Horto. Fonte: registro feito pela pesquisadora.

A romaria, tomada pela perspectiva lúdica, pode ser compreendida através das misturas de signos, das conexões entre esferas, da dinâmica entre o sagrado e o profano, nas interações cômicas, como retratado na mensagem da figura acima. Os aspectos religiosos dialogam com muita naturalidade com elementos dotados de caráter cômico, por exemplo. O respeito atribuído aos símbolos religiosos, como o terço, divide espaço com uma piada sobre homens traídos. A romaria diverte, encontrando sentidos, para além do sentimento de compromisso com o anfitrião da festa. E também encanta. O encanto pode não ser apreendido na realização de uma oração, mas pode fazer sentido nas muitas garrafas de cervejas tomadas nos bares lotados em virtude da festa ao santo ou no momento em que se monta em um touro, como no caso de Andressa.



Imagem 3 - Interlocutora montada num touro, no Horto. Fonte: registro feito pela pesquisadora

O touro montado por Andressa, naquele contexto, é uma mercadoria, tendo em vista que a moça pagou uma quantia para ter o momento registrado. O touro é um atrativo, a quem desejar uma foto com o animal, basta pagar e montar. Ao vislumbrar o animal, Andressa ficou eufórica. Muito animada, subiu no touro e pediu para que um integrante do grupo registrasse o ensejo por meio de uma foto. Interessante pensar na ressignificação dos objetos, espaços e do próprio Padre Cícero. Para o *não devoto*, o Padre Cícero e o horto, são tomados por um sentimento distante da experiência com o sagrado, despertando

outras emoções e sensações, como as muitas gargalhadas da moça. Após o momento de diversão com o animal, seguimos para a Igreja do Bom Jesus do Horto. Ao chegarmos ao local a jovem falou sobre a programação do grupo:

Hoje nossa programação vai ser... vamos para uma praça aonde tá... tem alguns barzinhos, onde tem umas serestas e logo após a noite vamos no Crato conhecer a tal falada cidade que tem os clubes, aonde tem as festinhas clandestinas que a gente ama, sabemos que também temos que usar máscara mesmo assim, viu gente? Porque sabemos que nós tamo tomando a vacina, mas infelizmente o vírus ainda tá rondando no nosso país e em todo o mundo, então vamos se prevenir **(muito bem)**. E em questão das festas vamos curtir bastante, quero conhecer vários lugares aqui que ainda eu não conheço, mas vou pesquisar alguns lugares turísticos bem top para tirar fotos, pra mostrar pra amigos e fazer um turismo voltando pra Juazeiro do Norte só com amigos mesmo, pra gente curtir essa cidade que eu achei maravilhosa. (Andressa, 21 anos, natural de Juazeiro da Bahia. Entrevista realizada no dia 31-10-21).

No relato de Andressa, muitos pontos prenderam a minha atenção. A romaria é uma festa religiosa de dimensões incalculáveis, que atravessa espaços físicos e simbólicos. Em virtude da variedade dessa espacialidade, permite atrair um público plural em todos os aspectos. A jovem Andressa, integra um grupo interessado nos elementos que se distanciam das disposições religiosas. O que interessa como elemento principal da experiência da moça são os eventos lúdicos, são as práticas que se deslocam de uma perspectiva sacra. Ao se deslocar até o Crato, motivada pelo desejo de viver as “festas clandestinas”, a jovem baiana lembra que o itinerário de uma romaria não cabe em uma programação disponibilizada pela Igreja.

Os bares, famosos pelas serestas, são de interesse de Andressa, assim como dos demais integrantes do grupo, tendo em vista que a todo tempo ela fala de uma programação coletiva. Embora a avó de Andressa seja uma devota do Padre Cícero, interessada em outros aspectos, a programação dos demais evidencia uma seleção voltada, sobretudo, para festas, serestas, e o Crato, afinal é na cidade vizinha que a moça pretende desfrutar do piseiro. A noção de romaria como “curtição”, surge em várias partes do relato com Andressa, tanto no momento da entrevista, como também na ocasião em que desligo o gravador e ela continua falando que deseja curtir muito.

A romaria como uma maneira de explorar lugares e aspectos desconhecidos, mencionada em outro momento do texto, toma fôlego nas palavras de Andressa. Visto que, ela argumenta que vai fazer pesquisas visando encontrar lugares turísticos para fotografar. A ideia é vivenciar o momento e ostentar o momento que se vive. A *não devota* compreende as romarias ao Padre Cícero como uma oportunidade de curtir muitas festas,

de beber muita Ypióca, e de conhecer novos lugares e novas pessoas, de ostentar para os amigos. A romaria como uma saída da rotina, do espaço simbólico e geográfico. A romaria como uma fonte de lazer e ostentação.

Em todos os signos, atitudes e práticas, em todos os discursos que se exprime, o lazer vive da exposição e do exibicionismo de si próprio enquanto tal; vive da contínua ostentação, da marca e do reclame. Tudo se lhe pode tirar e suprimir, menos isso, já que é essa particularidade que o define (BAUDRILLARD, 1995, p. 168).

Ao compreender as conexões entre os discursos e as muitas maneiras de vivências de romaria, é indispensável apontar a necessidade de analisar o fenômeno distante da premissa de “autenticidade” (CANCLINI, 2019). A romaria experienciada por Andressa, nos auxilia na compreensão de que os eventos romeiros são tomados por imbricações que fogem da lógica puramente religiosa, precisamente pela ausência de eventos puros. “Parece que devem importar-nos mais os processos que os objetos, e não sua capacidade de permanecer ‘puros’, iguais a si mesmos, mas por sua representatividade sociocultural”. (CANCLINI, 2019, p. 202). O autor evoca a noção de que os fenômenos não devem ser analisados visando demonstrar uma caricatura pura, genuína, legítima de um fato social. A romaria apresentada por Andressa é atravessada precisamente por uma série de elementos que desmontam a noção de uma romaria autêntica.

Estou pensando na autenticidade no sentido da atribuição da prática romeira apenas a vivências oriundas de uma experiência religiosa. Se assim o fosse, a presença de pessoas como Andressa em uma romaria não seria possível. Parto do argumento que considera o itinerário da Andressa como prática de romaria, mesmo sem menção a devoção ou mesmo práticas de cunho religioso. A romaria, pensada enquanto realidades mútuas, permite analisá-la tomando como central os passos daqueles que não professam a fé no santo. O *não devoto* se sente confortável em um evento romeiro por conseguir enxergar naquela espacialidade elementos que conseguem chamar a sua atenção. Compreender um fenômeno social como as romarias, considerando olhares, além da visão do devoto, é entender as conexões e concessões como necessárias para a construção de uma romaria.

O quadro de romaria pintado por Andressa, aponta caminhos, como: serestas, bares, piseiros, balneários, bebidas, festas e muita curtição, esta é a ideia de romaria na percepção da *não devota*. A noção de romaria como um “campo de possibilidades” (VELHO, 1994), demonstra a capacidade dos sujeitos construir e reconstruir

espaços. Possibilidade que abarca um cenário muito maior do que a lógica alicerçada na condição de uma romaria voltada aos aspectos sagrados, afinal, a romaria é um fenômeno social total (MAUSS, 2004). As experiências dos *não devotos* manifestam um universo possível, um cenário que pode agregar muitos objetos imbricados por uma série de significados. O olhar de quem não está seduzido pelas graças e milagres alcançados por intercessão do Padre Cícero, permite compreender as muitas facetas de um mesmo fenômeno, como podemos verificar no significado da estátua do Padre Cícero, atribuído por Andressa.

De tanto o povo falar eu queria muito conhecer a forma que os devotos, as pessoas, conhecer em si a estátua que tanto falam do padre Cícero. **(O que você achou da estátua?)** Eu achei muito interessante, tirei altas fotos pra gente postar e a gente estamos conhecendo vários lugares, vários pontos turísticos daqui da cidade, um deles que a gente foi pra praça é basílica que é muito interessante, fomos pro lugarzinho ali que lá embaixo tem umas serestas, barzinhos, que é bastante interessante, gente super gente boa, gosta de interagir, pegamos um uber que disse que vai levar a gente pra conhecer vários lugares, já gostei dele (risos), porque eu não conheço nada em Juazeiro, então ele vai ser nosso guia. Quero voltar várias vezes para conhecer os parques aquáticos que tem aqui. o Arajara parque, o caldas, e conhecer outras igrejas também, gostei muito daqui, do museu, tem muita coisa interessante. (Andressa, 21 anos, natural de Juazeiro da Bahia. Entrevista realizada no dia 31-10-21).

O monumento do Padre Cícero, para quem vive a romaria, tomada por uma disposição preeminentemente religiosa, é de um caráter sagrado. Do ponto de vista da *não devota* supramencionada, diz respeito a um ponto turístico. A noção do registro fotográfico também é muito interessante. Na vivência das pessoas que não possuem uma relação de devoção, a foto é uma forma de manifestar, ou mesmo, ostentar, que esteve em um de credibilidade atrativa. As fotos também são feitas pelos devotos, inclusive muitos pagam pelo retrato aos profissionais que ficam no horto. Entretanto, o uso e o sentido do registro são feitos de formas distintas. Verifico, portanto, cruzamentos e conexões nas práticas realizadas entre os diversos grupos que compõem as romarias. A romaria, analisada na contemporaneidade, tem sido pensada propriamente para agradar e atrair o público mais diverso possível.

O horto, por exemplo, é um espaço de características heterogêneas. Um lugar que acolhe pessoas de todos os credos. É compreensível que as maneiras em que são agenciados os espaços alterem conforme o interesse de quem visita. Não se refere a um lugar fechado, rotulado para um determinado grupo. O número expressivo de pessoas que

participam de uma romaria, não é compreendido pela esfera exclusivamente romeira. Não são quinhentos mil romeiros em uma dada romaria, são sujeitos com particularidades, com inclinações variadas, atendendo a interesses plurais.

Ao questionar uma devota, em outra oportunidade, sobre o que mais gosta em Juazeiro, ela afirmou: “Ah, é subir ao horto mesmo (risos). É... eu vou até os pés de Padim Cícero, né lá? É... pedir graças pra minha família e agradecer.” (Marília, 27 anos, natural de Petrolina – PE. Entrevista realizada no dia 01-11-2018). Temos aqui o relato de uma devota sobre a sua prática no horto, demonstrando com isso, que um mesmo lugar pode ser apropriado de muitas maneiras. O horto como espaço que sofre constantes ressignificações. Ressignificar um espaço ou um produto é viabilizar o crescimento de possibilidades de viver o lugar. Assim é com a romaria na totalidade. Compreender que a presença dos *não devotos* em um evento romeiro é apropriado exatamente por ser ele, um fato social total.

Romaria pensada como campo de muitas possibilidades é propriamente a romaria na sua forma mais genuína: compreende as muitas disposições presentes na festa religiosa. Visto que, apreende a noção de que o evento deve ser caracterizado mediante as práticas dos sujeitos. A leitura da romaria apontada pela jovem Andressa, evidencia um caráter plural, multifacetado, sobretudo, infinitas possibilidades de compreender o fenômeno. Na compreensão do fato social pelo olhar de quem não professa devoção pelo Padre Cícero, observa-se a emergência de elementos que disputam protagonismo com o santo. A música é um exemplo disso.

A música é uma constante nos eventos romeiros. Brega, funk, forró são ouvidos por todos os cantos da romaria, as canções, sobretudo, voltadas aos aspectos profanos comunicam o caráter multicultural do fenômeno. As disputas, não apenas pelo gênero musical, mas também pelo volume das caixas de som encontradas nas ruas de Juazeiro, assinalam uma condição de festa profana. Nesse caso, as músicas do mundo assumem um papel importante nas festas religiosas. “A romaria enquanto um lócus multissonoro, possibilitando a presença do sagrado e do profano em um mesmo ambiente, por meio da música”. (SILVA, 2017, pág. 32).

Na dissertação de mestrado intitulada “FESTA DO CÉU NA TERRA: uma análise de experiências musicais nas romarias de Juazeiro do Norte, CE”, Silva (2017) discute a diversidade musical nas romarias de Juazeiro como um elemento central no que se refere a pensar a complexidade produzidas pelas interações entre os mais diversos sujeitos que constituem romaria. A romaria é também musical. Seja ela nos

benditos, nas orações cantadas, no funk tocando nas ruas da cidade, nas serestas que abrilhantam a noite. A música “contribui para que os aspectos mundanos se manifestem em sincronia com o sagrado durante as romarias” (SILVA, 2017, p. 17).



Imagem 4 – Carrinho de venda de pen drive. Fonte: registro feito pela pesquisadora.

Frente a um repertório atravessado por uma lógica que remete a premência de uma romaria voltada ao entretenimento, é importante considerar que, nos aspectos lúdicos esta não estaria totalmente distante das experiências adquiridas mediante a porta religiosa. Existe, conseqüentemente, uma interdependência entre os vários produtos que circulam e constroem a festa. Ao argumentar a noção da dinâmica da romaria pela ótica dos *não devotos*, não estamos concebendo a ideia de que os devotos não usufruem das mudanças

recorrentes no campo das romarias. É tudo romaria. O que merece atenção diz respeito a reconhecer que, a depender das motivações e disposições dos grupos, alguns elementos serão privilegiados em detrimento de outros. Para os devotos, por exemplo, a fé é entendida como motor de toda a experiência romeira.

“A fé, a fé é muito grande”. Resposta oferecida pela avó de Andressa ao ser interpelada sobre o que a trouxe ao Juazeiro. Emocionada, a senhora de 61 anos confessa que é romeira “desde o tempo da minha mãe”. Gentil e acolhedora, a devota conversa comigo logo após a entrevista realizada com a sua neta. Conversamos próximo à Igreja do Bom Jesus do Horto. Em um diálogo curto, pois o grupo estava desejoso de cumprir a programação, a devota do padre Cícero falou brevemente do alcance de uma graça. No decorrer da nossa conversa, não observei desconforto da senhora em decorrência do fato dos familiares não professarem a fé no padrinho. “Eles vêm só pra passear, vieram conhecer, primeira vez”.

A ausência de um constrangimento da parte da avó de Andressa, única devota do grupo, não é uma regra. Geralmente, as pessoas que leem a romaria pela lente do sagrado, desaprovam o comportamento dos que privilegiam outros elementos da festividade. Recordo-me de uma conversa travada na romaria de finados de 2018 com uma devota do padre Cícero. “Juazeiro representa assim, para nós romeiros: cidade santa. Então se você vem pra ir pra festa, pra ir pra banho, pra ir pra show, vai na tua cidade, mas venha e aproveita pra vim confessar, ir uma missa, comungar, isso é que ser romeiro” (Adriana, 46 anos, Picuí – PB).

Em vários momentos da entrevista com Adriana, a expressão “romaria religiosa”, foi frequentemente utilizada, seria uma romaria caracterizada pelo respeito e devoção. A devota encara a romaria a partir da noção de reverência, de respeito, de compromisso com o momento, com o santo e com a cidade. Estabelecendo e fortalecendo o vínculo com o Padre Cícero. Enquanto os devotos posicionam a figura sagrada de forma centralizada, os *não devotos* agregam como elementos centrais: a curiosidade, a diversão e o entretenimento. No tocante a pensar o contato estabelecido com o sagrado, ocorre uma interpretação alicerçada na concepção de uma atividade lúdica.

O trabalho de campo me permitiu circular por várias ambientações da romaria: igrejas, horto, praças, bares, as principais ruas da cidade. Esse trânsito oportunizou o entendimento de que as percepções dos *não devotos* da romaria como uma diversão, uma fuga do cotidiano se dá mediante a circulação pelos mais variados espaços. Estes sujeitos não estão apenas em bares e serestas, estão também, e, sobretudo, nas espacialidades

sagradas, pois são também lugares atrativos no que se refere ao que eles buscam, entretenimento, diversão e momentos longe da realidade cotidiana. Essa circulação possibilitou apreender melhor como se dá o contato dos que não se colocam na posição de devotos com os objetos e espaços sagrados. Mais adiante explicarei melhor esta questão.

Após as entrevistas com Andressa e a sua avó, ambas realizadas na Igreja do Horto, os integrantes do grupo começaram a ficar inquietos, afirmando precisarem ir, e caminhavam em direção à saída. A jovem e a sua avó foram em seguida, resolvi acompanhá-las. Fomos conversando informal e descontraidamente até acompanharmos o restante do grupo, e então nos despedirmos. Logo após, voltei à Igreja do Bom Jesus do Horto, e fiquei sentada com Felipe e Nino no banco da igreja, respeitando a distância exigida e sinalizada como medida de segurança para conter a Covid-19. Enquanto admirava a arquitetura da igreja, ainda em processo de construção, deparei-me com três pessoas sentadas no fundo da capela e resolvi ir até lá conversar um pouco. Tratava-se de duas mulheres e um homem.

Ao questionar o trio, referente a sua participação nas romarias de Juazeiro, uma das moças afirmou: “nem sempre, a gente só se juntou, estamos de férias, aí viemos dar uma voltinha no horto”. Os três são naturais de Juazeiro, e *não devotos*. Uma questão interessante a ser apontada faz referência, apesar de não ser o centro da minha problemática, ao grupo de juazeirenses que não são devotos do padre Cícero. Uma parte deles considera tumultuada a presença de romeiros, no sentido de apontarem características provenientes do tempo de romaria: o número expressivo de romeiros, acompanha, na perspectiva de uma parcela significativa de moradores de Juazeiro, dificuldade de deslocamento, ruas sujas, falta de água, e uma série de outras questões que incomodam o morador de Juazeiro. (CORDEIRO, 2010).

Não há possibilidade, contudo, de pensar os juazeirenses enquanto romeiros, tendo em vista a ausência do deslocamento. O que realmente merece um certo destaque refere-se a pensar que muitos juazeirenses não são devotos do Padre Cícero, não partilham do sentimento de devoção apresentado pelos romeiros. Existe, contudo, um imaginário que resume Juazeiro do Norte ao catolicismo e aos elementos de devoção. Juazeiro diz respeito a uma grande cidade, com um alto crescimento, rico culturalmente e de uma notória diversidade religiosa. Esse fato precisa ser considerado. Assim como nem todas as pessoas presentes em uma romaria são romeiras, nem todos os juazeirenses são devotos do Padre Cícero.

Caixão, flores e defunto: hora de velar o Padre Cícero

Quase meio-dia. Começamos a sentir fome. “Vamos almoçar por aqui mesmo”, disse Felipe. Após a minha conversa com os juazeirenses, caminhamos em direção ao restaurante que fica ali mesmo no horto. O calor estava insuportável. Entramos no restaurante. De forma quase automática, eu, Felipe e Nino nos dirigimos a uma mesa que ficava próxima ao ventilador. Ufa! Um ventinho e uma cadeira, tudo o que precisávamos. No local havia muitas pessoas, mas nada comparado ao observado em outras romarias, o restaurante lotado. O contexto pandêmico explica o esvaziamento no restaurante e também na romaria. O medo e a crise financeira, são fortes evidências na constatação da queda nos números.

Velório do Padre Cícero? Sim, estamos no velório do padrinho. Logo após o almoço, descemos do horto e fomos até a Matriz de Nossa Senhora das Dores. Próximo à igreja estavam velando o Padre Cícero. O cenário estava realmente montado: caixão, vela, flores, defunto. Ao me deparar com aquela cena, fui tomada por um misto que foi do cômico ao fúnebre, não consigo elucidar bem esse sentimento. Fiquei um tempo observando e aguardando a vinda das pessoas para tentar compreender o que sentiam ao se depararem com o cenário posto. O tempo em que fiquei lá só apareceu um casal com uma criança. Tiraram uma foto e saíram. É possível que alguns devotos do padre podem ter se emocionado, como muitos outros considerado a cena curiosa, ou seja, de algum modo foram afetados pela representação do velório.



Imagem 5 - Cenário do “velório do Padre Cícero”. Fonte: registro feito pela pesquisadora.

A romaria é de finados. A construção de uma cena que rememore a morte, ao mesmo tempo em que celebra a vida de padre Cícero, pareceu ser uma grande estratégia. Montar um cenário de velório na romaria se manifesta como um investimento na estetização (LIPOVETSKY, 2015). A estética sensibiliza, alegra, diverte, produz sensações. Apesar do fluxo pequeno de visitantes ao velório, no momento em que eu estava presente, julgo que, dificilmente uma pessoa não seja provocada, em alguma medida, pela cena, seja com tristeza ou mesmo através de um sentimento cômico. Visto que, me parece bem oportuno encenar o velório, tanto no que se refere a despertar sentimentos saudosos como também uma cena que não passaria despercebida.

A romaria faz alusão a um evento multifacetado por ter na sua composição uma coleção pautada num imaginário que consegue estimular os mais variados sentidos e sensações. A encenação do velório atrai vários olhares, a depender de quem vê, do que sente e do conhecimento que se tem da figura que está sendo velada. A romaria pensada

na multiplicidade de signos e sentidos permite a presença do que se compreende por tradicional ao tempo em que articula estratégias do moderno, e pincela um quadro admirado por um público cada vez mais plural. Velar o Padre Cícero soa como uma iniciativa interessante ao refletir o que isso significa, aliás, o interessante é pensar que esta cena implica em variados significados.

Em seguida caminhei em direção à casa do Padre Cícero. Um homem, localizado na porta, abordava a todos oferecendo álcool em gel. O lugar exibia grande movimentação, muitas pessoas circulando entre os cômodos. O trabalho de campo possibilitou refletir sobre a presença dos *não devotos* nos espaços sagrados. Estes, circulam por todos os lugares, na verdade, penso que umas das principais características desse grupo é a necessidade do trânsito, de conhecer a cidade e tudo o que ela tem a oferecer. Nesse sentido, é possível perceber uma forte presença desses sujeitos nos espaços que não os interessa pelo olhar devocional.

O não interesse se localiza nas questões voltadas à devoção. Os locais sagrados são também extremamente atrativos. Desse modo, é desconstruída a noção de que os *não devotos* estariam apenas em ambientes de festas profanas. Eles estão em todas as partes. A curiosidade, o desejo de conhecer todos os pontos, a vontade de saber sobre o padre Cícero, por tratar-se de uma personalidade icônica, justificaria o trânsito. “Viemos na intenção de tudo, tanto pra ir a igreja, né?! Pra acompanhar, como pra conhecer esse mundo aqui do famoso padre Cícero, né? E também porque o comércio tem uma fama muito grande também, o comércio daqui”, disse Karolyne. Natural de Serra Talhada-PE, Karolyne é uma jovem católica de 20 anos que não apresenta vínculo de devoção com o padre Cícero.

Através da hibridização é possível refletir sobre concessões efetivadas nos eventos romeiros. Em uma realidade pautada no ideal de romaria, estas seriam formadas por católicos, e devotos de um denominado (a) santo (a). Entretanto, a realidade se apresenta de outra maneira. Evangélicos se fazem presentes, como demonstrado por (MENESES, 2016) e pessoas das mais variadas religiões, católicos sem devoção ao Padre Cícero também abrilhantam a festa, pesquisadores, jornalistas, fotógrafos, um público cada vez mais variado. No trabalho que desenvolvi sobre a presença evangélica nas romarias de Juazeiro, o imaginário consolidado sobre a terra ser “terra do Padre Cícero” retrata um campo de conflitos, disputas e inseguras. Um campo que coloca o pesquisador, aos olhos da JOCUM, por exemplo, como uma ameaça.

Inicialmente, questionou-me se eu era “espiã da Igreja Católica”; indagação que me deixou constrangida e que demonstrou como, de certa forma, as pessoas poderiam estar me vendo. Respondi que não, que minha pesquisa não possuía vinculação com nenhuma religião. Entendo perfeitamente a insegurança dele. Apesar da Jucum atuar de várias formas e em vários lugares, no Juazeiro do Norte enfrenta uma grande particularidade. Eu diria que estão agindo em terras inimigas, visto que as lideranças do catolicismo no local não escondem a sua insatisfação com a presença deles e as autoridades da cidade parecem obedecer às exigências da igreja católica. (MENESES, 2016, p. 53).

Ser vista como uma espiã retrata que, como eu defendi em trabalhos anteriores, Juazeiro é um *terreno vigilante*. Tudo que foge das premissas pautadas no catolicismo e na devoção ao patriarca da cidade podem ser vistas como ameaça pela Igreja Católica. Do outro lado, pela perspectiva das demais vertentes religiosas, quem se propõe a compreender as dinâmicas e os conflitos que perpassam a religiosidade em Juazeiro, pode estar a serviço da Igreja Católica. A reflexão que cabe neste ponto é pensar em que medida os discursos que reforçam e legitimam a ideia do catolicismo e do Padre Cícero como única expressão de religiosidade na cidade contribuem para a intolerância religiosa, por exemplo.

Pensando sobre a importância de compreender a diversidade religiosa, atrelada a multiplicidade de vivências e as particularidades de trajetórias, a fala da pernambucana acima retratada, surge como uma forma de compreender uma diversidade também no que se refere a pensar os *não devotos*. Há os que não possuem denominação religiosa, os católicos, os evangélicos, um público múltiplo. O que de certo modo se apresenta como elemento padronizador no grupo privilegiado por este trabalho, refere-se ao fato de serem sujeitos que não se intituam como devotos do Padre Cícero, como romeiros. As motivações que os levam ao Juazeiro não dizem respeito às práticas devocionais, ao pagamento de promessas, ao encontro com a figura do padre Cícero, enquanto santo. O que torna peculiar este trabalho é o olhar para um grupo que tem construído e ressignificado as romarias e impulsionado o fenômeno social.

Pensar a dinâmica das romarias através dos que não professam devoção, é também uma maneira de compreender a amplitude da festa. Entender os que se deslocam até o Juazeiro com o intuito de conhecer a cidade, registrar uma foto do monumento, ir a bares e serestas, paquerar, é entender que, apesar de não registrado na programação oficial da igreja, são delineamentos planejados por quem não crê, e também por quem crê. Afinal de contas, nas excursões consta esta programação. Desse modo, esse itinerário é cumprido também por muitos devotos do padre Cícero. As percepções e impressões são variadas, mas muito desse itinerário é cumprido também pelos devotos do padrinho.

Cerveja, conversa boa e curtição

Ao sair da Casa Museu do Padre Cícero, resolvi andar pela Rua São José, a mesma do museu. A movimentação estava grande, pessoas subiam e desciam a rua. Naquele alvoroço, uma cena despertou a minha atenção. Na calçada de uma pousada estavam três homens sentados em meio a um isopor com cervejas. Bebiam tranquilamente enquanto conversavam. Gradualmente fui me aproximando dos rapazes. Depois de um tempo cheguei até eles e me apresentei como pesquisadora. Conversamos brevemente sobre os objetivos do meu trabalho e perguntei se poderiam me conceder uma entrevista, tendo em seguida uma resposta positiva. Expliquei a dinâmica da entrevista dizendo que falaria com os três separadamente, mas enfatizei que nada impedia a interação entre o grupo no momento das perguntas.



Imagem 6 Trio de Recife tomando cerveja na calçada de uma pousada. Fonte: registro feito pela pesquisadora.

Os três homens são de Recife-PE. As motivações que os levaram ao Juazeiro são variadas, apresentando em comum a questão de não efetuarem práticas de devoção. Em alguns momentos os relatos aludem questões sobre a cidade e as sociabilidades

provocadas pelo evento romeiro. Interessante pontuar o fato de a categoria “romaria” não aparecer na fala dos interlocutores. Ao se remeterem ao fenômeno falam na perspectiva de passeio, uma viagem que oportuniza a construção de práticas fluídas. Apenas um dos entrevistados do trio menciona pontos referentes à religiosidade, entretanto observei um discurso mais voltado para uma nostalgia no que se refere ao que viveu com a mãe, do que propriamente uma questão religiosa pessoal. Ao ser questionado se era romeiro, ele respondeu:

Não praticante. **(O que seria um romeiro não praticante?)** Que não vem com frequência, né? Eu vim quando era adolescente. **(Passou quanto tempo pra voltar?)** Pra voltar 50 anos. **(O que mais gosta de fazer no Juazeiro?)** Eu fui visitar o horto e quando eu vim pequeno, tava sendo inaugurado na época e me emocionei lembrando da minha mãe, chorei bastante. Que era a coisa que ela fazia todo ano. **(Ela era devota?)** Ela era devota praticante, vinha as vezes três, quatro vezes por ano, até de pau de arara ela vinha, se fosse pra viajar pro Juazeiro ela vinha até de bicicleta, se possível. Eu vim mesmo pra lembrar do passado, não vou dizer a você que sou devoto se eu disser vou tá mentindo, depois de cinquenta anos dizer que eu sou devoto tô mentindo, mas eu tenho uma admiração, uma crença muito forte por padre Cícero desde infância que fui acostumado com a minha mãe falando nisso e tô aqui porque eu quis mesmo de paixão, não foi de diversão não, eu vim pra fazer as duas coisas, pra curtir os passeio, ver as imagens que eu já fui hoje, padre Cícero, Nossa Senhora das Dores, fui na igreja e ver, rever o local, fazia muito tempo que eu não via. **(Tá gostando?!)** Adorando! É uma experiência muito boa, tudo diferente, a cidade mudou, evoluiu pra o que era, pra o que tá hoje, cinquenta anos evoluiu bastante, tô adorando o passeio. (Adenilson, 66 anos. Recife-PE. Entrevista realizada no dia 31 de outubro de 2021)

A categoria “romeiro não praticante” apareceu pela primeira vez durante o meu trabalho de campo. Curioso pensar sobre o que estaria na esfera de um romeiro não praticante, ou melhor dizendo, o que transbordaria dessa esfera. A conotação híbrida, fluida, heterogênea que marca o fenômeno das romarias propicia a manifestação de sentidos que extrapolam a lógica das categorias. Julgo não ser possível categorizar, de forma rígida, o que seria um romeiro não praticante, assim como existe a dificuldade em categorizar um romeiro, tendo em vista a multiplicidade de se apresentar como romeiro. São conceitos fluidos construídos por cruzamentos de práticas simbólicas que produzem uma infinidade de sentidos e significações que encontram sua genuinidade justamente na impossibilidade de pensá-las em sua rigidez.

Observa-se no contexto protagonizado pelos pernambucanos uma considerável compreensão da romaria híbrida. Homens na calçada de uma pousada, tomando cervejas, sem mencionar a denominação romaria, mesmo vindo em uma excursão com uma quantidade expressiva de romeiros, segundo os mesmos. Um deles menciona a expressão

“romeiro não praticante”, notoriamente demonstrando não fazer parte do grupo que opera a partir do que se espera de um romeiro praticante. Os demais enfatizam o caráter social do evento, as possibilidades de conhecerem pessoas. Talvez esses mesmos homens participem de alguma missa da programação estipulada pela excursão. É possível que algum sujeito que se denomine romeiro tenha descido da pousada e tomado um copo de cerveja com eles. É uma romaria hibridizada.

No momento em que o pernambucano Adenilson, reporta a experiência do choro ao se deparar com a espacialidade do horto, externaliza o sentimento nostálgico com a presença/ausência da sua mãe naquele lugar. Além de referenciar a curtição oportunizada pelos passeios, permite perceber que a romaria é um todo tomado por uma heterogeneidade indescritível. As categorias se cruzam, as práticas se confundem e a pluralidade de sentidos e sensações vão demonstrando a incapacidade de pensar a romaria na sua religiosidade e na conotação voltado ao entretenimento, mediante processos separados.

Analisar a romaria através dos *não devotos* não implica caracterizá-los mediante práticas e comportamentos exclusivos, tendo em vista que o caráter híbrido é o que dá fôlego à compreensão da romaria. Não seria correto afirmar que os *não devotos* apresentam certos comportamentos que jamais seriam assumidos pelos devotos. Como dito anteriormente, a heterogeneidade, marcada pelas concessões, assinalam os eventos romeiros. A distinção aqui colocada trata-se de enxergar as romarias não pelos olhos dos devotos, mas pelas experiências dos que também vivem a romaria e a constroem a todo tempo. O que propicia pensar a singularidade do grupo que não apresenta aliança com o santo, é a possibilidade de refletir, através desses sujeitos, a romaria como um fato social total.

Julgo, portanto, que os *não devotos* têm muito a nos dizer sobre o que compreendem por romaria, sobre suas escolhas e percepções. A ideia cristalizada sobre a romaria está fundamentada majoritariamente sobre as práticas religiosas. Mesmo entendendo o trânsito efetivado pelos devotos, no que se refere às muitas ações materializadas que extrapolam a lógica do sagrado, a narrativa consolidada compreende a romaria pela voz dos romeiros. Mas os romeiros não são atores exclusivos nas festas religiosas. Portanto, é necessário ouvir outras vozes, outros personagens.

“Eu gosto de passear, eu gosto de conhecer o povo e passear, né? Primeiro lugar”. Enfatizou o homem de 55 anos que integrava o trio. A ideia da romaria como entretenimento deve ser pensada a partir de dois elementos: a presença dos que não

devotam e das demandas que propiciam a atração pelo lugar. A romaria se apresenta como um evento com a finalidade de satisfazer as necessidades dos que se deslocam atraídos pelas atividades recreativas. O passeio implica uma manifestação de práticas que possibilita ao *não devoto* experienciar o fenômeno religioso mesmo distante da figura principal da festa, o santo padre. O que embeleza os olhos dos que são motivados pela curtição, passa então a ser demanda necessária visando aprimoramento do evento.

É a segunda vez que eu venho, né? Eu vim no ano de 2019, 2020 não deu pra vim por causa da pandemia e pra mim é tudo novo. Eu não sou um cara assim católico (**não é devoto do padre Cícero?**). Não sou, não sou, agora também respeito a cultura, respeito a religião, entendeu? (**Gosta de fazer o quê aqui?**) Aqui eu venho pra conhecer a cidade, ver a economia da cidade, o povo, gosto de interagir com a cultura, trocar experiência, entendeu? E é só assim, enriquecer a troca de conhecimento. (José Maurício, 50 anos. Recife-PE. Entrevista realizada no dia 31 de outubro de 2021.)

José Maurício engloba também o trio recifense de *não devotos*. Assim como os amigos supracitados, José veio ao Juazeiro do Norte desprovido de um sentido religioso. O que o atraiu à romaria foi o anseio por conhecer a cidade e viver experiências no âmbito do lúdico. Através das entrevistas realizadas com os três pernambucanos, podemos elucidar que há nas festas religiosas um público crescente interessado em elementos não religiosos da festa. Nesse sentido, chegar até esse público, compreender suas motivações e interesses é de grande relevância no que se refere a pensar a abrangência e fortalecimento do centro religioso juazeirense.

O trabalho de campo viabilizou considerar, em alguns relatos, a presença da noção de “embaraço” (GOFFMAN, 2014). O conceito de embaraço define situações que assinalam o indivíduo não atendendo às expectativas de uma dada realidade, refere-se a comportamentos que não legitimam uma representação. Desse modo, o indivíduo é colocado em uma posição de negação frente a uma construção social que fundamenta certos papéis na sociedade. Apesar das várias formas de se pensar umromeiro ou mesmo a romaria, há situações e comportamentos que atuam como legitimadores do quadro pintado como uma romaria, refletido no conceito de tipo ideal.

Dado o fato de o indivíduo efetivamente projetar uma definição da situação quando chega à presença dos outros, podemos supor que venham a ocorrer, durante a interação, fatos que contradigam, desacreditem ou, de qualquer outro modo, lancem dúvidas sobre esta projeção. Quando estes fatos perturbadores ocorrem, a própria interação pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa. (GOFFMAN, 2014, pág. 24).

O trio mencionado acima não demonstrou constrangimento, mas um embaraço ao falar sobre a ausência de pertença religiosa. Contudo, a ideia cristalizada de que o Juazeiro é do padre Cícero, e de que as romarias são construídas apenas por devotos, faz com que alguns interlocutores se sintam constrangidos em falar que não são devotos. Ao abordar uma mulher e um homem que estavam sentados também na calçada de uma pousada na Rua São José e questioná-los sobre a pertença religiosa, os mesmos argumentaram ser devotos do padre Cícero. O que me chamou a atenção foi o fato de mencionarem que em vinte anos de devoção nunca terem feito uma promessa para o Padre Cícero. Não penso ser este um requisito indispensável, contudo, a ideia de pagamento de promessa é um dado recorrente na trajetória de um devoto do santo padre.

Talvez a noção de “romeiro não praticante” se enquadre na vivência de romaria do casal. O fato é a observância de um constrangimento que demonstra uma ideia de receio em se diferenciar de um perfil tão consolidado e legitimado de pessoas que vão às romarias. A dificuldade em se afirmar enquanto não devoto do padre Cícero parece justificar-se pelo receio do estigma. A desaprovação do grupo visto como legítimo, que seria composto, portanto, pelos romeiros, dificultaria falar sobre práticas não devocionais. Pensar que está sendo entrevistado em uma romaria passa a sensação de que deveria falar sobre os aspectos religiosos da festa. É importante ressaltar que a maioria dos entrevistados não manifestou esse receio, mas a noção de embaraço surgiu em alguns momentos e chamou a minha atenção.

Santo Sepulcro e a foto no Instagram

1º de novembro de 2021, caminho do santo sepulcro. Um longo caminho! “Vamos fazer só um boomerang”, disse um rapaz que estava na companhia de outros. A espacialidade do santo sepulcro refere-se a um lugar dotado de sacralidade, mas que parece também ser um bom lugar para um registro instagramável⁴, na concepção do rapaz supracitado. O sagrado se confunde com a lógica do profano, e o que seria da esfera consagrada, vai se perdendo na concepção do supérfluo. O santo sepulcro passa então a ser concebido também como um cenário que propicia bonitos registros, como uma forma de embelezar o feed do Instagram.

⁴ Um ambiente com boas características para publicar fotos/vídeos no Instagram.

A fala do rapaz mencionado, demonstra que os *não devotos* estão também nos espaços sagrados, não se limitando, portanto, aos bares, clubes e serestas. Apesar de não ter tido a oportunidade de conversar com o grupo de jovens, ficou evidente não se tratar de devotos. Os romeiros também tiram fotos, sentem a necessidade do registro, todavia, não vão ao santo sepulcro apenas fazer um boomerang. Nesse sentido, consideramos a ressignificação dos espaços dotados de sacralidade pelo olhar de quem enxerga as romarias de Juazeiro pelo entretenimento. O percurso até o santo sepulcro é sagrado ao tempo em que é também, mediante a perspectiva dos que não se qualificam enquanto devotos, apenas um trajeto que propicia boas fotos.

Fizemos o percurso na companhia de três mulheres oriundas do Piauí. Encontramos o trio no início do itinerário. Caminhar ao lado delas foi muito agradável e tornou a caminhada tão longa, menos exaustiva. Conversamos informalmente durante todo o percurso. Entre risos, brincadeiras e histórias cumpríamos o trajeto. O trio era composto por uma devota fervorosa do padre Cícero e outras duas que não se colocavam enquanto devotas, mas que a convite da primeira estavam criando gosto pela romaria e por tudo o que ela proporcionava. Dayane, católica, está na sua terceira romaria, responde à indagação sobre a sua relação com o padre Cícero da seguinte forma:

Não diria uma devota, mas estou conhecendo a história, já aprofundei mais na história. **(Na história do padre Cícero?)** Sim. Não diria devota, mas também não descredito, já fiz pedido, realizou, a fé, né?! E conhecendo mais a história, quem sabe uma devoção maior possa vir a acontecer. [...] **(O que te chama mais atenção no Juazeiro, o que você não poderia deixar de fazer?)**. Com certeza a visita o horto, no horto e no casarão. Me encanta as histórias que têm no casarão, o monumento da estátua eu acho perfeito, eu acho um passeio ótimo. (Dayane, Santo Antônio de Lisboa-PI. Entrevista realizada no dia 01 de novembro de 2021),

Mais uma vez surge a noção de romaria enquanto passeio. Entretanto, como dito em outro momento, o grupo dos *não devotos* assume uma heterogeneidade que deve ser considerada. Ao contrário dos relatos dos rapazes localizados na calçada de uma pousada na Rua São José, os quais bebiam cerveja descontraidamente, Dayane realiza práticas com um certo grau de religiosidade. Não se coloca enquanto devota, mas diz, por exemplo, já ter feito pedidos ao Padre Cícero e tê-los alcançado. Em outro momento, ao ser questionada sobre o que gosta no Juazeiro, Dayane assegurou o seguinte: “De um tudo, eu gostei muito da cidade de Juazeiro, gostei de andar, de fazer as compras, das histórias, da religião, do local, dos mistérios, tudo bem interessante.”

A romaria, no depoimento de Dayane, apresenta-se como uma oportunidade de compras e a possibilidade de conhecer a historiografia do lugar. O cruzamento de práticas que dão sentido às experiências vivenciadas nos eventos romeiros se coloca de forma nítida nos relatos acima. Afirmar gostar “de um tudo” viabiliza perceber que os *não devotos*, se estruturam em relação aos devotos. Os devotos são a ponte para a imersão nos eventos romeiros daqueles que não creem. É importante ressaltar que os sujeitos que estamos categorizando, estão nas romarias, na grande maioria das vezes, em virtude de um convite de um romeiro, mediante relações atravessadas por pessoas que devotam.

Nesse sentido, há uma programação a ser seguida, programação esta que deve ser obedecida tanto por devotos como pelos sujeitos que não são orientados pelos códigos da fé. A ida ao santo sepulcro, exemplificando, faz parte do planejamento construído no que se refere às vivências na romaria. Entretanto, as maneiras com as quais os sujeitos se apropriam dos espaços, depende de variadas inclinações. A pedra do pecado, por exemplo, localizada no santo sepulcro, é agenciada de diferentes maneiras. Essa pedra compõe um quadro de crenças dos devotos de padre Cícero. Pessoas munidas de fé acreditam que, as pessoas que não conseguem passar pela pedra, são dotadas de muitos pecados, a pedra atua, portanto, como uma régua do pecado.



Imagem 7 - Pedra do pecado. Fonte: registro feito pela pesquisadora.

O momento em que fiz o registro acima, foi tomado por muitos risos e diversão. Ocorre que, os devotos do Padre Cícero assumem uma postura séria em respeito a sua fé. Eles acreditam que a pedra é uma ferramenta que sinaliza a presença ou a ausência de pecados. Os *não devotos*, no que lhe concerne, compreendem a pedra do pecado tomados por outro sentido. Para esses sujeitos, passar pela pedra é uma forma de se divertir. Nesse sentido, o que ocorre são risos, são apostas para ver quem passa e quem não consegue enfrentar o desafio. Esse símbolo, tido como sagrado para os devotos, passa por uma ressignificação no momento em que os *não devotos* atribuem um novo sentido à pedra, é só diversão. Para os que não compreendem como diversão, a pedra é sinal de penitência, como podemos verificar no relato veiculado no portal de notícias:

Uma romeira de Crateús, ficou presa em uma pedra no Horto, em Juazeiro do Norte. A idosa de 71 anos, participava da trilha do Santo Sepulcro, que possui 6km e que é um local que os romeiros usam para pagar penitências. Ela tentava passar entre uma rocha conhecida como “A pedra do pecado”, quando acabou prendendo a perna e não conseguiu sair do local. O Corpo de Bombeiros foi chamado e fez o resgate. Uma equipe do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) também foi acionada e fez o atendimento no local. A vítima não sofreu traumatismo e optou por não ser levada à unidade de saúde. O Santo Sepulcro é reconhecido como um lugar sagrado para os romeiros. O caminho é longo, cheio de pedras e areia. As rochas que ficam no local possuem aproximadamente 650 milhões de anos. Elas fazem parte do geossítio Colina do Horto e foram transformadas, pelos romeiros, em instrumentos da piedade popular. Já o ritual na Pedra do Pecado, é feito pelos romeiros por acreditarem que só consegue passar pelo local quem não tem pecado. Fonte: G1



Imagem 8 - Romeira que ficou presa na pedra do pecado. Fonte: Corpo de Bombeiros

Após a conclusão do percurso do Santo Sepulcro fui em direção ao monumento do Padre Cícero. No momento em que me dirigi até a escada que dá acesso à estátua, me vi impossibilitada de subir. Duas moças estavam tentando fazer um boomerang na escada. Enquanto uma das moças tentava, insistentemente, conseguir o movimento perfeito, a outra, fotografando, dava as instruções de como fazer. Em um dado momento as duas mulheres perderam a paciência e começaram a falar de maneira irritada. A moça que estava sendo filmada parecia não conseguir o movimento ideal para o boomerang, a que estava filmando, parecia não suportar mais as tentativas.

Depois de muita perseverança abandonaram a escada. No mesmo instante interpelei se seriam de Juazeiro, ao tempo em que responderam que sim, e se assumiram devotas. Curioso pensar no monumento do Padre Cícero apenas pela premissa de fé e devoção, sendo também um espaço instagramável. Subi até a estátua. Lá observei um diálogo. Uma mulher perguntou: “já bebeu hoje? Imediatamente um homem respondeu: “bebi não, mas já que você lembrou...Ao tempo em que outra mulher disse: “eu vou também”. O horto, o espaço da estátua, não é apenas um lugar de devoção e de criação de conteúdo para o Instagram, é também o local para articular uma bebedeira.

“Deixe eu acreditar, você acredita nas suas coisas”. Trecho de uma conversa, aos pés da estátua, que também chamou a minha atenção. Nesse caso, se tratava de um diálogo entre um casal. “São devotos?” Indago, “mais eu”, responde o homem. Percebi um desconforto em ambas as partes. Ela aparentava estar desconfortável com a crença do marido no padre Cícero, ele parecia irritado com a ausência de fé da esposa. O casal foi

se organizando para deixar o horto. Resolvi sair em busca de uma sombra e de um lugar para sentar. A caminhada do Santo Sepulcro provocou um forte cansaço.

O fluxo era grande. Uma fila estava sendo formada para descer a escada. Bem na minha frente estavam um senhor e uma moça. A moça com o celular na mão descia lentamente a escada, pois estava gravando um stories no Instagram, o senhor aparentava estar muito irritado com a protelação da mulher em pisar os degraus. Confesso que a irritação também me acompanhava, o sol estava abrasador, um calor insuportável, um cansaço exorbitante e a moça seguia tentando gravar o stories, enquanto aguardávamos, ansiosos, o sucesso da gravação, para assim conseguirmos descer.

A romaria compreendida pela perspectiva do entretenimento, a partir de uma sociedade cada vez mais digital, concebe a imersão dos códigos legitimados pelas redes sociais. Nesse sentido, a romaria não seria um evento apenas para ser sentido, é, sobretudo, um evento para ser ostentado. A emergência da selfie, dos stories, dos likes aparecem então como ferramentas importantes nas experiências, primordialmente, dos que estão fazendo romaria instigados pela ideia de lazer, na vivência dos sujeitos que se apresentam mediante uma posição em que esses códigos são aplaudidos. Não é apenas a relação do sujeito com o santo, é também a relação do sujeito com o público localizado nas redes sociais. Uma das características das redes sociais é a necessidade de ser visto.

Depois que desci a escada, encontrei um lugar para sentar. Estava precisando de uma sombra, água e de descansar um pouco as pernas. Ao meu lado estava uma senhora. Depois de algumas frases aleatórias, me apresentei como pesquisadora e expliquei um pouco sobre o meu trabalho. Perguntei se poderia entrevistá-la, ela respondeu que não. Então continuamos conversando informalmente. Ela reside em Juazeiro do Norte e estava acompanhando a enteada de Caruaru-PE. Ao ser questionada se era devota do padre Cícero, respondeu positivamente, mas disse que não participava das romarias. Ao ouvir a resposta, perguntei novamente se ela se considerava devota, “sou, nasci e me criei aqui”, declarou.

Noite do dia 01 de novembro de 2021. Passeio das almas. Velas, chamuscas e muita fé. Assim compreendi o memorável passeio das almas. Até então não conhecia muito bem do que se tratava aquele momento. Cumpri todo o passeio. Em meio a muitas orações, as palavras do terço e muita gente, cumpri o percurso. Confesso que senti um certo receio. Pessoas aglomeradas, espaço estreito, velas por todos os lados, e vidros de álcool em gel. Um cenário que me assustou e me causou uma sensação de pânico. É possível a presença de *não devotos* naquele espaço, a curiosidade é um fator relevante, mas não conversei

com ninguém com disposição que se distanciam da devoção. As poucas conversas que tive foram com pessoas que expressavam uma fé fervorosa.

Do corredor das almas ao Bar do Macarrão

Circulando pelo Centro de Apoio aos Romeiros, indo em direção à seresta que ocorre no Bar do Macarrão, vi dois homens sentados em um banco. Fui me aproximando e tentando um contato. A interação ocorreu no momento em que falei sobre as romarias tentando entender o que os trouxe ao Juazeiro. Com pouco tempo de conversa deduzi tratar-se de *não devotos*, ao tempo em que peço para entrevistá-los. Os rapazes demonstraram timidez e uma certa despreocupação, estavam sentados apenas contemplando a praça. Nada comparado à pressa de muitos *não devotos* que conversei. A programação da romaria parecia já ter sido cumprida para os rapazes, aliás estávamos praticamente no final do evento romeiro.

Ainda na conversa informal, antes de pedir a entrevista, Erinaldo, de Belo Jardim-PE, disse que a única coisa que o interessa na romaria é o parque aquático. Em seguida, peço para gravar a nossa conversa e ele assegura: “é o parque aquático do, esqueci até o nome **(Caldas?)** Isso! **(Mas além do Caldas... o que vocês fazem?)** Só o cotidiano, né!? Fazer visita aqui as igrejas e ficar um pouco aqui nas praças”. Erinaldo estava na sua quinta romaria e não demonstrava interesse pela programação religiosa, ficou evidente que as atividades voltadas para o lúdico seriam as motivações que faziam com que ele retornasse ao Juazeiro nos períodos de romarias. O relato do pernambucano demonstrou, mais uma vez, a ausência de uma disposição religiosa como motor da vinda às romarias.

O amigo de Erinaldo, Júnior, de 40 anos, também natural de Belo Jardim, já fez mais de 30 romarias, ao ser questionado sobre o que mais gosta no Juazeiro, respondeu: “rapaz, é essa área de lazer que a gente faz, Caldas e dar a volta, passeio por aí, pelas estátuas”. O monumento do padre Cícero, símbolo de sacralidade, se apresenta, na perspectiva de Júnior, como um lugar de passeio, distanciando-se assim da conotação sagrada.

Tendo em vista o fato de Júnior ter participado de mais de trinta romarias, tento entender a relação dele com o padre Cícero, interpelando sobre o seu grau de devoção. “Assim, sou muito de religião não, entendeu?! Assim, acredito em Deus, agora questão dessas outras coisas assim, não sou muito seguro não”. É interessante notar a assiduidade de Júnior nas romarias. Curioso pensar que as transformações no campo religioso, e nos

eventos romeiros, especificamente, tem atraído pessoas desprovidas de sentimento religioso, com tamanha constância. Sobre as disposições do grupo que os rapazes integram, voltadas para a romaria enquanto lazer, Júnior afirmou: “a maioria, a maioria vem, o pessoal vem mais fazer compra também, né? A parte das mulheres é mais pra fazer compra. Só quem visita mais é o mais de idade que é pai (risos)”.

Depois da conversa com os dois rapazes, segui em direção ao Bar do Macarrão. “Sair de que jeito, se nem sei o rumo para onde vou. Muito vagamente me lembro que estou. Em uma boate aqui na zona sul. Eu bebi demais e não consigo me lembrar sequer. Qual é o nome daquela mulher, a flor da noite da boate azul. A música “Boate Azul”, animava a noite dos que ali estavam. Sentei, pedi uma cerveja e contemplei o momento. A música estava boa, a cerveja gelada e o público bastante animado. Notei uma grande animação na mesa ao lado. Pessoas trajando blusas com estampas da foto do padre Cícero cantavam entusiasmadas.



Imagem 9 - Bar do Macarrão. Fonte: registro da pesquisadora.

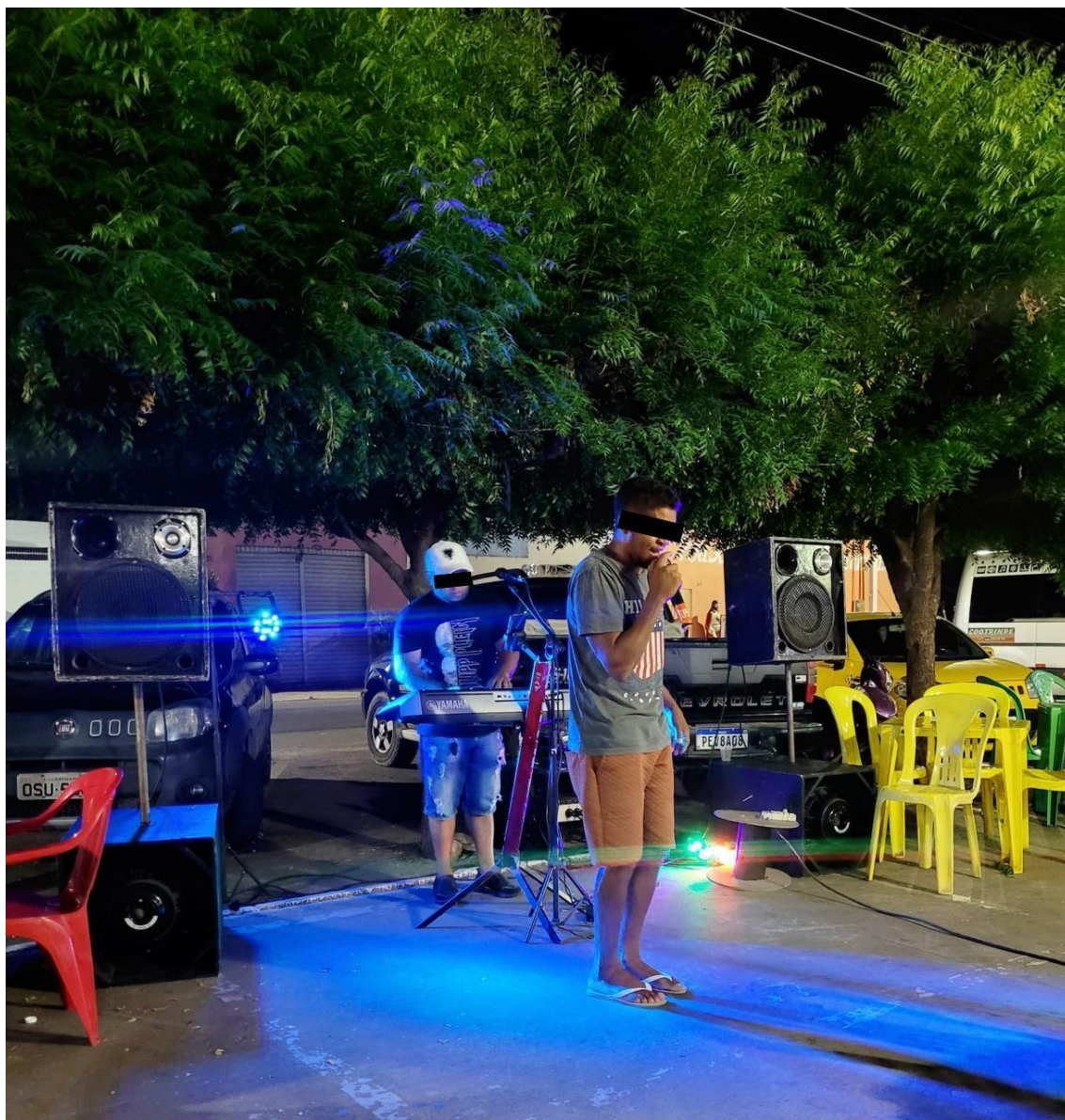


Imagem 10 – Seresta no bar do macarrão. Fonte: registro da pesquisadora

A mesa era composta por romeiros do Padre Cícero, como diziam as estampas das blusas e a confirmação do grupo. Felipe, de maneira extrovertida, interagia com os devotos. Enquanto bebíamos cerveja e apreciávamos o canto dos romeiros, que vibravam fortemente a cada canção, o cantor mandava “alô” para a caravana de Sergipe. Após uma provocação de Felipe: “as romeiras vão voltar tudo bêbada”, umas das devotas, de forma eufórica, respondeu: “reza de dia pra pecar de noite”. Entre gritos, cervejas, gargalhadas e muita música, a caravana de Sergipe vai se despedindo da romaria. A cena evidencia o esfacelamento das fronteiras entre o sagrado e o profano. Demonstrando com isso o cruzamento entre esferas que a princípio se colocam como contraditórias, e o contraditório se apresenta como a romaria no seu formato mais genuíno.

Na mesa do meu lado esquerdo, estava a jovem Graziela, de 22 anos, proveniente de Canindé do São Francisco. Evangélica, não gosta de devoção aos santos. Mas estava admirada com a romaria, e falou que pretende voltar. Na sua primeira vez ao evento romeiro, acompanhada de primos católicos, ela disse que veio “passear”. As transformações recorrentes no campo da religiosidade, acompanhada de um aprimoramento das romarias, no sentido de atrair um público crescente e diversificado, viabiliza o desenvolvimento da festa e consequentemente da região. Afinal, a romaria é um mercado, implica em lucro. O relato de Graziela sobre a romaria e a cidade, soa como um indicador de desenvolvimento socioeconômico.

Sou da igreja evangélica, não sou convertida, mas pra mim só existe um único Deus, não acredito em santo, mas eu curti muito a cidade, bastante, todo mundo é muito hospitaleiro, tudo muito organizado, calmo, não era, algumas pessoas diziam que era um alvoroço só, pelo menos eu não vi esse alvoroço todo, eu vi tudo muito organizado, tudo muito calmo, é muito tranquilo, pretendo vim ano que vem. (Graziela, 22 anos. Canindé de São Francisco - SE. Entrevista realizada no dia 01 de novembro de 2021).

A jovem menciona uma questão fundamental no que se refere à estrutura da romaria pela perspectiva de mercado. Um mercado que cresce, sincronicamente, com a valorização do lugar e dos elementos ofertados. Compreender a romaria através da ideia de um evento ordenado e sistematizado auxilia na valorização do Juazeiro como um referencial de centro romeiro. Nas falas dos interlocutores desta pesquisa, a noção de romaria como oportunidade de passeios, de compras, de idas aos parques aquáticos, de visitas aos bares da cidade, é recorrente. Nesse sentido, o aprimoramento desses serviços é imprescindível na construção de um olhar do Juazeiro e das romarias, como uma festa que apresenta uma estrutura que atrai pessoas de todos os credos.

Juazeiro apresenta uma riqueza de ambientes e símbolos com uma forte capacidade de ressignificação, oportunizando assim a atração de pessoas de todos os lugares do país. O horto, por exemplo, compreende uma espacialidade que reúne, em sua grande maioria, devotos, em atos de devoção, mas assume também um dos principais pontos turísticos da cidade. Nesse sentido, o público é ampliado de uma forma desmesurada. A romaria pela ótica da diversão funciona atraindo pessoas através de elementos que são ressignificados a partir das disposições que justificam o deslocamento. Pensar a romaria como lazer, é refletir sobre as ações efetuadas por quem se coloca na posição de *não devoto*, e também nas estratégias que visam prender a atenção desse público e, sobretudo, ampliá-lo.

Eu curti visitar o horto. Eu achei maravilhoso, visitei a igreja, não igreja não, museu, né? Do padre. Pra mim foi tipo, eu achei tudo tão lindo, tudo muito realista, eu gostei bastante, me surpreendeu bastante pelo fato de não acreditar em santo, mas é tudo muito, a pessoa se surpreende chega aqui pensa que é uma coisa e é outra, é muito, muito, muito maravilhoso. (Graziela, 22 anos. Canindé de São Francisco - SE. Entrevista realizada no dia 01 de novembro de 2021).

O relato da evangélica que não gosta de devoção aos santos, mas se surpreendeu positivamente com as romarias em devoção a um santo, é demonstrativo da grandiosidade dos eventos romeiros de Juazeiro. Graziela estava encantada, deslumbrada com tudo o que viu e viveu na cidade de Juazeiro. A jovem, educada em uma doutrina evangélica, achou maravilhosa a visita ao horto, achou lindo um espaço que agrega uma estátua de vinte e sete metros de um santo popular. A sergipense não estava no horto para pagar promessas, mas se percebia invadida por um sentimento de encanto. E sobre a seresta, o que disse Graziela: ótima, tá legal, tá maravilhoso. Com muita música e cerveja gelada, encerramos mais um dia de romaria.

CAPÍTULO III – JUAZEIRO DO NORTE E O CARIRI CEARENSE: OUTROS OLHARES

Outros olhares sobre romaria é também outros olhares sobre Juazeiro do Norte

A história de um lugar apresenta uma diversidade de fatos, episódios e personagens. Os elementos que fundamentam a construção de uma narrativa são elaborados atendendo a objetivos que na maioria das vezes não se apresentam de forma evidente. Nas narrativas de cunho oficial estão presentes manipulações, distorções e interpretações com alto poder de convencimento. Uma boa história é aquela que convence. Assim foi com a construção do imaginário brasileiro, a história do Brasil contada nos livros foi legitimada pela sociedade ao tempo em que é reproduzida socialmente, com pouca ou nenhuma reflexão sobre o que foi escrito. Ela convenceu.

Entretanto, boa história não é sinônimo de fidelidade aos fatos. Torna-se necessário compreender o jogo que se configura no “campo de poder” (BOURDIEU, 2011) que atravessa muito do que temos por oficialmente aceito. É preciso estar atento a quem interessa a ênfase em dados elementos e a omissão de muitos outros, é imprescindível refletir sobre quais os grupos beneficiados na construção de uma narrativa, é urgente a necessidade de compreender as articulações, manipulações, interesses políticos e distorções firmadas na história oficial. A insistência na história única, como ferramenta de explicação do mundo, extermina povos, culturas, emoções, expressões de religiosidade. Torna o mundo menor, alimentado por dispositivos de intolerância.

Pensar Juazeiro do Norte para além do Padre Cícero é também um esforço de pensar o Juazeiro antes da figura do padre. A cidade tende a ser vista como espaço de representação exclusiva dele e do poderio da Igreja Católica e, as romarias como um fenômeno que abriga sujeitos apenas com essa expressão de religiosidade. Uma visão hegemônica omite, por exemplo, que a construção religiosa da cidade “se deu sobre os escombros e o silenciamento de outras possibilidades de vivência da religiosidade e da fé” (MELO, 2004, p.29). No texto intitulado “O outro Juazeiro: história das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada”, Rosilene de Melo apresenta um debate interessante acerca da diversidade de práticas religiosas efetivadas no município. Uma discussão que permite compreender que a construção do discurso que indica Juazeiro como berço da religiosidade católica se deu a partir do silenciamento de outras expressões de fé. “Dentre

as práticas heterodoxas, a despeito das tentativas de controle, a ‘feitiçaria’ grassava em Juazeiro. (MELO, 2004, p. 34-35).

Portanto, a construção da cidade de Juazeiro do Norte como epicentro do catolicismo popular no Brasil é produto de um feixe de práticas e discursos que procuram utilizar a história e a memória como campos de saber. É fruto de uma operação historiográfica que toma a figura de Padre Cícero como marco inicial e único sobre o qual todos os acontecimentos da cidade se relacionam. O fenômeno do catolicismo popular, sob a liderança de Padre Cícero, aparece como única possibilidade de experiência religiosa, o que produziu o efeito de apagar e silenciar as outras formas e possibilidades de vivenciar a fé que tentaram se legitimar ao longo da história da cidade e que foram, sutil ou violentamente, ceifadas. (MELO, 2004, p. 39).

A interpretação da autora supracitada questiona a ideia do Padre Cícero como marco inicial e exclusivo para pensar a cidade de Juazeiro. As narrativas construídas legitimam a construção da cidade e da região como feitos do sacerdote, como iniciativas puramente dele e do catolicismo. Um discurso violento que elimina tudo o que veio antes, durante e depois do Padre Cícero. O Cariri já era um “oásis no sertão nordestino”. (PAZ, 2011, p. 45), é importante ressaltar. Existe Juazeiro do Norte para além das práticas católicas, assim como existiam outras manifestações religiosas antes de Juazeiro ser pensado como espaço exclusivo do catolicismo. O esforço de caracterizar o município como reduto de práticas voltadas apenas ao catolicismo custou um alto preço, muitas vidas e a morte de variadas expressões de fé. O silenciamento teve um preço e uma violenta eliminação de tudo o que apresentava-se como oposição aos mandos da Igreja Católica.

“O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. (ADICHIE, 2018, p. 12). Chimamanda Adichie, autora nigeriana, se intitula como *contadora de histórias*, assim, é conhecedora de muitas. No livro “O Perigo de uma história única”, Chimamanda mostra espanto no momento em que se dispõe a ler sobre a sua cultura, seus costumes e comportamentos, nas ocasiões em que é questionada sobre si. O espanto é movido pelo não reconhecimento, ela não se vê na história contada sobre a sua ancestralidade. Aos possuidores do poder, coube a função de relatar sobre as suas vidas, e a vida de outras pessoas, omitindo acontecimentos, acrescentando outros, manipulando fatos, construindo a história que interessa ao grupo dominante.

Juazeiro, popularmente reconhecido como terreno católico, parece não apresentar espaço para manifestações de cunho religioso que não esteja ancorada na prerrogativa do

catolicismo. A história contada sobre a cidade, predominante na bibliografia, se limita a pensar a presença da Igreja Católica. Entretanto, o que se conhece a respeito da história oficial se confunde com o real. Em Juazeiro do Norte, há registros da presença de pessoas que professam diferentes crenças para além do viés voltado à devoção ao Padre Cícero. Pontuar a respeito da diversidade de credos, é compreender a complexidade da cidade intitulada, “terra santa”.

O elemento mais peculiar do relato, no entanto, é a viagem não ser realizada somente pelos católicos, mas também por devotos que professavam religiões de matriz africana, como os pais e mães de santos. É importante notar que em Juazeiro havia numerosos praticantes desses cultos. Eram pessoas que enfrentavam preconceitos e perseguições, como se pode notar em reportagem de capa feita pelo Correio do Juazeiro em 1949. (TEIXEIRA, 2018, p. 263)

Assim como Melo (2004), o autor acima apresenta observações instigantes para refletir sobre manifestações de religiosidade que não se justificam pelo viés do catolicismo. A construção de Juazeiro como terra santa, ancorada nos atributos do Padre Cícero, se constituiu a partir da negação de outros credos. O que aparece como natural, espontâneo, como uma consequência apenas da fé dos devotos, é fruto de arranjos políticos, sociais e econômicos. Na construção de um santo, questões de ordem política são atravessadas e determinantes. O espaço ocupado na historiografia de Juazeiro, ou melhor, o espaço negado a beata Maria de Araújo, diz muito. A história oficial privilegia aspectos que considera importantes, e nega o que não é interessante na legitimação dos personagens que se tornam protagonistas.

Importante notar que desde 1949, já existiam registros da forte presença de religiões de matriz africana no município de Juazeiro. Considerando este fato, é importante, ao falar de Juazeiro, elencar toda essa diversidade que sempre existiu na cidade, uma pluralidade que não se remete a um contexto recente, mas que sempre esteve lá. Outra questão interessante nas observações feitas por Teixeira, faz referência ao fato de que as viagens eram realizadas não apenas por católicos, indicando que, desde os primórdios, as romarias de Juazeiro abrigava um variado público. A presença de pais e mães de santo, evidenciam que desde tempos remotos a romaria já se configurava enquanto um evento plural. No meu trabalho de campo, assim, como no relato colocado pelo autor, deparei-me com pessoas de outros credos, sejam evangélicos, sem religião, ou mesmo católicos dito não praticantes. A presença dos *não devotos*, não é um dado recente, entretanto, é uma realidade ainda tímida nos trabalhos científicos sobre os eventos romeiros na localidade.

Talvez esse fato esteja ligado à constante tentativa de fortalecer, mediante discursos institucionais, e interesses políticos, a ideia de que Juazeiro, como centro de romarias populares, não abriga outras expressões do sagrado. Juazeiro do Padre Cícero, é um Juazeiro lucrativo. Afinal, a romaria também é mercado. “O maior milagre do Padre Cícero sobre a cidade de Juazeiro foi o ‘milagre econômico’, ou seja, imprimir taxas de crescimento e expansão maiores que os índices registrados nas demais cidades da região”. (ARAÚJO, 2011, P. 93). Conferir ao Juazeiro o status de terra santa, passou a ser um bom produto. Produto este que sofreu muitas mudanças e que, unindo-se a outras características da região, permitiu o desenvolvimento da cidade. Juazeiro, continua, portanto, sendo um lugar de múltiplos sentidos e significados.

Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa

A XI Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa em Juazeiro do Norte, aconteceu no dia 20 de janeiro de 2023. O evento reivindica o respeito à multiplicidade de manifestações de cunho religioso, ao tempo em que reforça a presença de expressões de religiosidade negadas durante todo o seu processo histórico, como é o caso das religiões de matriz africana. Como dito anteriormente, não só Juazeiro, mas as próprias romarias, se configuraram e se configuram a partir da presença de uma diversidade de indicadores de fé ou mesmo da ausência de elementos dotados de devoção. A caminhada é o grito por respeito, pelo desejo de reconhecimento e de legitimidade, um grito que soa desde tempos remotos, mas que continua sofrendo tentativas de silenciamento.

A relevância do capítulo “outros olhares” está respaldada na urgência de olhares sobre Juazeiro que se debruce no entendimento da riqueza cultural, religiosa, lúdica, presentes na localidade, uma riqueza que não se limita aos códigos do catolicismo. Padre Cícero, liderança do catolicismo popular no Juazeiro, patriarca da cidade, deve ser compreendido também mediante aspectos de cunho político, a construção de um santo implica em questões que extrapolam os aspectos da fé e do sagrado. As reivindicações da caminhada pela diversidade religiosa denunciam os atos de intolerância vivenciados, sobretudo, pelas religiões de matriz africana. Parto do argumento que, pensar Juazeiro como espaço exclusivamente católico, invisibilizar outras manifestações é um ato de intolerância e, sobretudo, de violência.

Juazeiro é diverso, é rico, é plural. Caracterizar a diversidade religiosa que sempre esteve presente na região do Cariri é respeitar a ancestralidade. A caminhada exigindo

respeito só se faz necessária devido à imposição religiosa, a negação da diferença, a supremacia no que faz referência às relações de poder da Igreja Católica. Parto do princípio que assim como é possível pensar as romarias de Juazeiro mediante sujeitos destituídos de devoção, é também possível discutir a religiosidade católica no Juazeiro sem anular a pluralidade de crenças presentes na cidade.



Imagem 11 Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa. Fonte: Clécio Jamilson Santos

Esta foto é bastante significativa. O retrato das religiões de matriz africana caminhando no centro de Juazeiro do Norte, nas principais ruas da cidade, fala muito. Ela fala que os terreiros estão presentes no município, ela reclama direitos e reivindica um novo olhar acerca dos terreiros. Um olhar que respeite, que acolha, que compreenda. O Juazeiro é cidade santa, a ideia de sagrado necessita abarcar mais gente, mais grupos, mais religiões. Tem muita representatividade nesta foto. As ruas que abrigam romeiros, devem abrigar também o povo do terreiro, os pais e as mães de santo. A foto não

demonstra apenas a diversidade religiosa presente no município, tendo em vista que essa diversidade não é fato novo. Ela reivindica o direito de serem vistos, com olhos do respeito, não mais com a visão da ofensa e da negação.



Imagem 12 Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa. Fonte: Adriana Simião

A foto acima apresenta mais um momento da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa. A imagem representa setores e pessoas concentradas na Praça Padre Cícero, desejosas de lutar por um Juazeiro que respeita a pluralidade de manifestações religiosas. Pensar Juazeiro unicamente como terra de expressões católicas, tendo como um único símbolo de força sagrada, um líder católico, é violento. A cidade é mais do que isso. Ela abriga fatos sobre uma mulher negra, sobre resistência. A força feminina é calada. Ela esconde a história de luta dos povos Kariris, nega a presença de religiões de matriz africana e a presença evangélica. Silencia sobre a importância do reconhecimento dos mestres da cultura. Invalida manifestações religiosas que estiveram presentes naquelas terras antes da aparição do Padre Cícero.

Existe, contudo, trabalhos, ainda tímidos, dispostos a falar sobre outras histórias, a exemplo do evento que acontecerá em março de 2023. Alinhado ao tradicional Simpósio Internacional do Padre Cícero, evento acadêmico que discute o fenômeno religioso e, sobretudo, fatos da história de Juazeiro do Norte, com foco no personagem, Padre Cícero, realizar-se-á também o I Simpósio Internacional de Religiosidades e Espiritualidades. Estou na organização do evento e tem sido muito interessante acompanhar essa evolução. Será um importante evento no tocante ao reconhecimento da diversidade cultural e

religiosa. Com ele saímos de uma história única para discutirmos muitas outras expressões de religiosidade e fé. Na foto acima, a professora da Universidade Regional do Cariri – URCA, Dra. Adriana Simião, uma das coordenadoras dos dois Simpósios, está ao microfone falando dos simpósios que acontecerão em março e da importância do evento histórico que ocorrerá no Juazeiro. Um momento histórico que abriga na sua programação a pauta das religiões de matriz africana, dos povos indígenas, da Mãe Terra, entre muitas outras espiritualidades.

A terra já era sagrada

A coleção do estilista brasileiro, Ronaldo Fraga, intitulada: “*Terra de Gigantes*”⁵, apresentada no desfile virtual da São Paulo Fashion Week, no dia 24 de junho de 2021, retrata um Cariri Cearense realocando personagens negligenciados quando se pensa a historiografia da região do Cariri. Um vídeo de pouco mais de doze minutos resgata um saber que demonstra a riqueza da região. Tendo em vista a discussão que pauta as romarias e o Juazeiro como campo de possibilidades tomado pela hibridização, considero relevante analisar, mesmo que brevemente, a terra que o Ronaldo Fraga chamou de *gigantes*. Assim como é possível viver a romaria sem devoção ao santo, é importante refletir sobre a historiografia de Juazeiro considerando aspectos invisibilizados na historiografia oficial, ou seja, as muitas particularidades engendradas no processo. Visto que, os *não devotos*, pensado como público de romaria, não é uma novidade, estiveram sempre presentes.

A produção “*Terra de Gigantes*”, compreende os mecanismos adotados na construção de uma história única. No momento em que o estilista Ronaldo Fraga apresenta um Cariri Cearense que parece tão familiar e, ao mesmo tempo, estranho, evidencia-se a noção de que aquela região possui uma infinidade de histórias que não cabem apenas na concepção de um padre e o milagre da hóstia. Juazeiro do Norte, conhecido por milhares de pessoas, é um Juazeiro com profundos cortes, com marcas que, na obrigatoriedade do silêncio, choram. São lágrimas que regaram e regam a terra sagrada, são histórias de resistência e luta que não ganharam protagonismo, não pela ausência de feitos heroicos, mas pelo espírito colonizador daqueles que dominam.

⁵ Vídeo da apresentação da coleção “*Terra de Gigantes*” <https://www.youtube.com/watch?v=Rqbit0H9bqo>

Na análise do vídeo, uso como recurso metodológico, a etnografia de tela (RIAL, 2004). Trata-se de uma técnica que permite uma leitura de tela aprofundada e analítica de uma dada realidade. Carrega, assim como no trabalho etnográfico, elementos de análises que possibilitam ao pesquisador a capacidade de ler um fenômeno social com lentes mais apuradas. O método em pauta, responsável pelas reflexões apreciadas a respeito do vídeo que apresenta a coleção, fundamenta-se nas características da tão consolidada etnografia, associada a elementos do domínio da cinematografia. Nas palavras de Rial, a etnografia de tela diz respeito:

uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa metodológica, com a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente a televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo, etc; outras próprias da crítica cinematográfica (análises de planos, de movimentos de câmera, de opções de montagem, enfim, da linguagem cinematográfica e suas significações) e outras próprias das análises de discurso (RIAL, p. 31, 2004).

A partir da etnografia de tela analisei o vídeo “*Terra de Gigantes*”. Entre muitas coisas que chamaram a minha atenção, no sentido de relacionar com a problemática da minha tese, um aspecto ganhou protagonismo: a necessidade de compreender a participação e relevância de sujeitos que, mesmo não evidenciados na história hegemônica, são construtores da história. “Juazeiro do Norte é um lugar complexo de produção de signos sobre a cidade, sobre o Nordeste e sobre o Brasil”. (MARQUES, OLIVEIRA, 2015, p. 12). Este trabalho está debruçado em uma leitura das romarias que, ao contemplar experiências de romaria, para além das de cunho devocional, sinaliza também olhares sobre a cidade de Juazeiro ancorados em sentidos distantes do viés consolidado. A complexidade de Juazeiro, indicada pelos autores citados, sugere, portanto, uma atenção às questões de ordem cultural, religiosa e política. Penso, portanto, que a ideia de *terra de gigantes*, é apropriada quando se pensa uma terra com tamanha riqueza e complexidades.

Ao som da canção “*Está Escrito*”, de autoria do cantor e compositor brasileiro, Ednardo, a pele arrepia. Já nos primeiros segundos do vídeo que apresenta a coleção “*Terra de Gigantes*”, sou tomada por emoção. A música é seguida de um lindo raiar do sol, o que me causa profunda nostalgia. O sol, usado reiteradamente como ferramenta para desqualificar a região nordeste, desperta no meu íntimo sentimentos bons, memórias bonitas do que é ser nordestina. “Comece a história com o fracasso do Estado africano, e

não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente”. (ADICHIE, 2019, p. 23-24).

As narrativas, oficialmente aceitas e legitimadas sobre ser nordestina, dizem pouco sobre o que eu, enquanto nordestina, me identifico. As versões contadas sobre o Nordeste, na maioria das vezes, surpreendem quem é natural da região. São versões manipuladas que nos colocam sempre em posição de inferioridade e deboche. O Nordeste é muito mais do que o que contam, mais do que isso, o Nordeste tem pouco do que as narrativas construídas sobre ele, enfatizam. Nós não somos, por exemplo, “pé rachado”, tal expressão pouco ou nada fala a nosso respeito, contudo, é uma característica muito difundida.

“Pé rachado” é uma expressão que denota, de maneira estereotipada, o nordestino como um sujeito oriundo de uma terra seca, infértil, sem cultura, um lugar em que projeta pessoas como “queimadas do sol”. Interessante notar que a história oficial propicia a construção de características pejorativas que vão sendo tomadas como verdades, elementos distintivos de um povo, “estigmatizar sempre foi um exercício comum para a manutenção de poder” (NOGUEIRA, 2020, p.44). Quando uma nova narrativa se coloca contrária à historiografia oficial, apresentando outros fatos, um olhar e a voz daqueles que por tanto tempo foram oprimidos e silenciados, o estereótipo é questionado.

Quando o interlocutor, citado no segundo capítulo deste trabalho, argumenta não conhecer praticamente nada a respeito do Padre Cícero, nem mesmo da Igreja Católica, o estereótipo de romeiro é tensionado, a concepção hegemônica de romaria é colocada em dúvida. Se o mesmo interlocutor me diz que já fez mais de trinta viagens de romaria, mesmo sem relação com o Padre Cícero, está insinuando que a romaria, na percepção dele, está para além do santo padre. O sentido pode estar voltado, por exemplo, a ficar horas sentado em um banco da praça, condição em que o encontrei. Que romaria são os passeios no Caldas, parque aquático localizado em Barbalha. O interlocutor apresenta, portanto, outras possibilidades de interpretar e experienciar uma romaria, percepções que não cabem na visão cristalizada de romeiro ou mesmo de romaria.

As questões evidenciadas acima, corroboram com a fala do Padre Paulo César Andreilino. No contexto em que entrevistei o Padre Paulo César, ele era o Secretário de Turismo e Romaria de Juazeiro do Norte. Ao questioná-lo sobre a presença de pessoas que experienciam as romarias da cidade estimuladas por questões que fogem das premissas religiosas e, sobretudo, da devoção, o entrevistado apontou questões importantes para refletir a dinâmica de uma romaria. Entre muitos aspectos que chamaram

a minha atenção, a questão da autonomia e da subjetividade, no que se refere a vivência da romaria, foi um dado interessante para pensar, particularmente, os sentidos atribuídos às práticas de romaria.

Aí eu falo como psicólogo agora (risos). Veja bem, as pessoas quando elas buscam viver uma situação, um momento, elas buscam prazer, então as pessoas sentem prazer naquilo que lhe satisfaz, lhe compete, você vai a uma festa você escolhe a melhor roupa, você escolhe o melhor sapato, a melhor vestimenta para se apresentar naquele meio, então com essas pessoas quando vem a Juazeiro, elas vem para brincar, para se divertir, para se sentir feliz, para se sentir realizado, elas querem prazer e esse prazer se concretiza desde estar achando graça sentado na praça, correndo, dançando, comer no restaurante, ir a missa, sentar numa praça, tomar um açaí, comer uma pipoca, tirar uma foto, andar pelo comércio, a parte lúdica daquele que não vem especificamente para viver o fenômeno religioso, ele acontece de forma muito espontânea e muito subjetiva, porque é muito particular de cada um, cada um vive e expressa conforme o seu desejo e a forma como interage também com o meio. (Paulo César Andreilino. Entrevista realizada no dia 23 de março de 2022).

No momento em que Padre Paulo César Andreilino afirma: “porque é muito particular de cada um, cada um vive e expressa conforme o seu desejo e a forma como interage também com o meio”, a fala dele demonstra o que esta tese segue argumentando. Há várias maneiras de perceber e experienciar as romarias, formas que não estão alicerçadas necessariamente, como este trabalho está indicando, em práticas de devoção. Antes de proferir estas palavras, o padre César deixou evidente que falaria como psicólogo, formação acadêmica dele. Entendo o posicionamento do padre como uma maneira de não comprometer uma visão muito forte da Igreja, interpretação que parte da ideia de fiéis, devotos, romeiros e devoção como características da romaria.

A história única sobre romarias tende a invisibilizar personagens como os que estou denominando *não devotos*. O trabalho de campo me fez refletir para além dos estereótipos, ampliar a visão. Nos primeiros segundos do vídeo da coleção de Ronaldo Fraga, ele sugere também outro olhar sobre o sol e o Nordeste. O sol é tomado por uma magia indescritível, uma luz que permite a percepção do Nordeste pela premissa de terra fértil, lugar que abriga muitas culturas, culturas ricas, permeadas por histórias de luta, resistência e resiliência. A luz daquele sol me faz enxergar a riqueza presente na cultura nordestina, sertaneja. Aquele sol revela que a ideia de pé rachado foi construída na tentativa de invisibilizar e invalidar uma cultura esplêndida, permeada por símbolos dotados de sacralidade. Pé rachado é uma forma de ocultar que os pés nordestinos pisam terra sagrada.

Sobre terra sagrada e fértil, Fraga destacou: “para os índios que habitavam a região, o vale do Cariri Cearense já era território sagrado, antes que os primeiros colonizadores católicos chegassem para a conquista, a posse e o saque. Índios, negros e mestiços do Nordeste já conheciam o Cariri Cearense como à terra da fertilidade, como o chão sagrado, muito antes das pregações do Padre Ibiapina e da fama de Padre Cícero cearense”. Parto do argumento que resumir Juazeiro do Norte ao Padre Cícero é violentar outras narrativas.

Assim, todas as peculiaridades devem ser apreendidas na sua totalidade, pois, associadas às características ambientais e históricas, as manifestações culturais presentes no Cariri vão configurá-lo como uma região diferenciada. Por isso, as manifestações visíveis hoje em suas cidades devem ser consideradas como heranças dos índios que habitavam essas terras antes da chegada dos primeiros colonizadores, que juntamente com o povo negro, deram origem à sociedade da qual fazemos parte. (SOUZA, 2017, p. 26).

Na tese de doutorado intitulada “O Cariri e os processos de valorização da cultura popular” (2017), Otília Aparecida Silva Souza, analisa as estratégias de construção de um discurso que valoriza certas manifestações culturais na região do Cariri, sobretudo, nas cidades de Crato e Juazeiro em detrimento de outras manifestações. Quando se pensa, por exemplo, em Juazeiro e também nas romarias, a ideia é de que se tratam de realidades prontas, fechadas, isso se observa mediante o processo de naturalização. O que temos, contudo, é uma região marcada por vários fenômenos, por inúmeros elementos históricos. Pensar a herança indígena como importante marco para refletir a realidade que se apresenta hoje é compreender a totalidade através das peculiaridades históricas. O Juazeiro e o Cariri “não pode ser visto como se possuísse uma cultura estável e engessada, pertencente a um tempo pretérito e que foi cristalizada num presente inalterado” (SOUZA, 2017, p. 159).

A coleção *Terra de Gigantes* questiona esse Cariri cristalizado, parado no tempo, um Cariri orientado pela bússola da Igreja Católica. No quarto, deitada na cama, na casa do sítio dos meus pais, foi a primeira vez que assisti ao vídeo da coleção. Já era noite, minha mãe estava na cozinha preparando o jantar, meu pai, e minha irmã estavam debulhando feijão no alpendre e meu sobrinho de 3 anos fazendo travessuras. Continuava arrepiada, a cada cena. No momento em que ouvi as seguintes palavras “como o chão sagrado, muito antes das pregações do Padre Ibiapina e da fama de Padre Cícero”, “muito antes” com entonação na voz, percebi então a intenção do estilista. A ideia é demonstrar

a sacralidade do Cariri Cearense, não sendo uma prerrogativa dos feitos concretizados pelo Padre Cícero. A região do Cariri não é limitada ao catolicismo.

Após a fala de Ronaldo Fraga em que realça o caráter de terra sagrada, não como construção de Padre Cícero, mas de índios, negros e mestiços, surge a cena de uma senhora com um terço no pescoço e uma vestimenta marrom na frente de um altar com a imagem do Padre Cícero. O altar é sugestivo. Em um país majoritariamente católico é comum encontrar nas casas este tipo de devoção. Imagem simbólica que na minha perspectiva parte de um questionamento em refletir que o Cariri não deve se resumir às expressões de religiosidades fundadas na devoção ao santo padre.

A cena seguinte faz referência a uma indígena caminhando em uma estrada de chão, trajando um belo vestido com cores vivas, calçada em um tênis, e com uma mala na mão. A mala é de uma beleza indescritível, tem formato de nordeste, cor do sertão e tamanho ideal para carregar as lembranças de uma cearense. Uma moça de uma beleza exorbitante, o cabelo bem preto, liso e na altura do ombro, os olhos brilham e deixam transparecer a alegria de uma mulher livre. Que moça linda! Ao avistar um carro que vem em sua direção, ela dá a mão, é uma carona que a moça almeja. Na carona que o estilista Ronaldo Fraga oferece à modelo Suyane Moreira, muita história será contada.

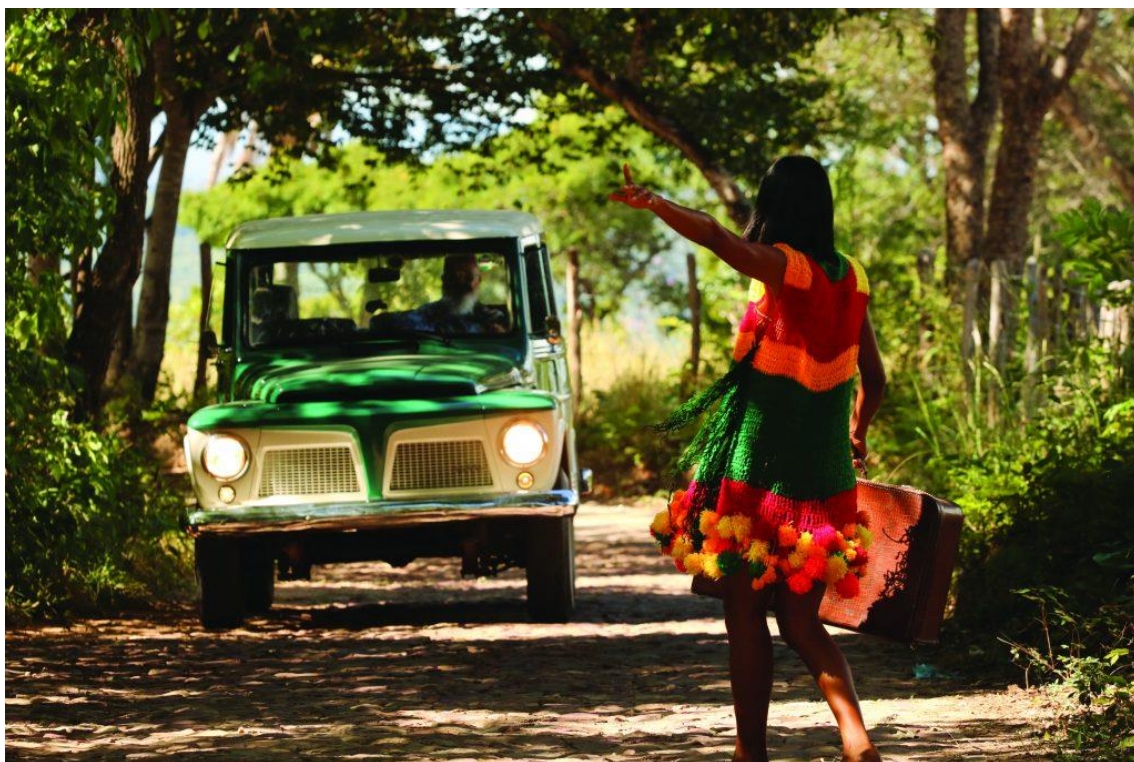


Imagem 13 Ronaldo Fraga e Suyane Moreira na cena do vídeo da coleção "Terra de Gigantes". Fonte: foto extraída da internet

“Aqui estamos, um estilista e uma modelo, ambos, sobrenome Moreira, herdados dos cristãos novos, judeus perseguidos pela inquisição, um mineiro mameluco e uma Cearense Cariri, nesse lugar mágico que é a Chapada do Araripe, senta que lá vem história”. Os dois seguem no carro pela Chapada e eu permaneço concentrada desejosa de ouvir as histórias que eles têm para contar. Estou certa que ao falar sobre a região do Cariri, Fraga apresentará um Juazeiro centralizando outros personagens, não se limitando às figuras católicas, e eu, estou pronta para conhecer.

Uma visão estonteante surge. É a Chapada do Araripe vista do alto. Que encanto! Enquanto contemplo seduzida aquela cena de um lugar com uma magia inenarrável, o carro conduzido por Ronaldo Fraga na companhia de Suyane Moreira segue destino naquela bela paisagem. E o letreiro “Terra de Gigantes” surge na tela. A aparição do letreiro nesse momento do vídeo em que a Chapada surge com tamanha beleza, diz muito. Aquela terra é terra de gigantes, a crítica é de que ela não deve ser resumida às expressões e imposições do catolicismo.



Figura 14 Chapada do Araripe apresentada na coleção "Terra de Gigantes". Fonte: foto extraída da internet

A Chapada do Araripe exhibe uma beleza exuberante, uma paisagem tomada por encantos inenarráveis. O Ceará compartilha essa riqueza natural com os estados de Pernambuco e Piauí. Legitimada enquanto ponto turístico, atrai pessoas desejosas de se

aventurar através de uma programação privilegiada por uma relação de intimidade com a natureza. O passeio na Chapada, além de deslumbrar os olhos, propicia também o conhecimento referente às questões históricas da região, uma rica atração cultural. Entre trilhas, cachoeiras e uma boa história, a Chapada do Araripe é um importante cartão postal, tornando a região ainda mais atrativa.

Situada ao sul do Ceará, a área engloba seis municípios da região do Cariri: Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Nessas localidades há um cardápio admirável de pontos com atrativos turísticos, uma vasta programação que abrange toda a região do Cariri. As atrações que contemplam, de maneira mais significativa, os pontos turísticos da Chapada do Araripe são: Geossítio da Colina do Horto, Geossítio Pontal da Santa Cruz, Geossítio Riacho do Meio, Geossítio Ponta de Pedra e Cachoeira de Missão Velha. Um roteiro que convida a desfrutar de sensações provenientes de um contato mais próximo com a natureza, e a tomar nota dos processos históricos e culturais da região do Cariri.

A câmera se volta para dentro do carro em que se encontram Fraga e Suyane Moreira, especificamente para o porta-malas, e mais uma vez sou agraciada pela imagem da mala, aquela que tem cor do sertão. Em seguida, Ronaldo Fraga vai contando as histórias que ele prometeu anteriormente. Fraga revela de onde surgiu o nome da cidade de Juazeiro do Norte. O estilista relata que no ano de 1827 um padre construiu uma capelinha, em frente a uma árvore chamada Juazeiro, o que explicaria a denominação do município.

No momento em que o estilista fala: “daí o nome da cidade de Juazeiro do Norte”, surge então uma filmagem do horto, gravada no alto. Interessante o que Fraga argumenta a seguir: “mas antes, muito antes, essa terra já era habitada pelos índios Kariris”. Nesse momento a câmera volta para as terras da Chapada do Araripe. Considero o jogo de câmeras revelador. Com a primeira cena, focando na estátua do Padre Cícero, localizada no horto, Fraga parece sinalizar a história oficial. Entretanto, a imagem que se segue é da Chapada do Araripe, e o discurso é revolucionário, antes do Padre Cícero chegar, à terra já era habitada, e tocada pelo sagrado.

“Mais tarde recebeu os cristãos novos, os judeus perseguidos pela inquisição, e mais na frente, os primeiros escravizados africanos vindos do norte da África. Daí explica muito esse lugar ou a cultura desse lugar, está sendo sempre desenhada pela festa e pela devoção”. Ao tempo em que Ronaldo Fraga vai narrando os fatos, imagens de uma diversidade cultural vão surgindo na tela. A cena é representada por uma imagem da

Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha, localizada na cidade do Crato. A igreja está coberta por bandeiras, embelezando ainda mais aquele registro.

A cena retratada acima é de um valor imensurável. Juazeiro do Norte é conhecido e reconhecido pelas romarias populares em devoção ao Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores. A história oficial me contou que o caráter de terra sagrada, a ideia de lugar místico, a cultura da cidade, são resultados dos feitos realizados pelo santo padre. Mas antes da notoriedade do sacerdote, já existiam grupos com expressões culturais brilhantes, com histórias fundadas na resistência, na alegria, no orgulho de suas raízes. A história oficial apagou elementos tão significativos na tentativa de representar Juazeiro do Norte na figura do Padre Cícero, no poderio da Igreja Católica.

Da mesma maneira foi feito com a beata Maria de Araújo, silenciada, colocada em uma posição subalterna. A protagonista do milagre da hóstia, se viu amordaçada. Na luta arquitetada no campo do poder, vence o mais forte. Força entendida aqui enquanto acumulação de capital simbólico. A beata Maria de Araújo não gozava de prestígio, foi humilhada, maltratada, envergonhada e aprisionada. O mesmo fato, ou seja, o milagre da hóstia, que condenou Maria de Araújo a impureza, a escória da história, fortaleceu Padre Cícero e fez dele a figura notória que conhecemos até o momento.

“Eu sou a flor do mamulengo, me apaixonei por um boneco”, ao som da canção “Flor do Mamulengo”, a modelo Suyane Moreira surge dançante pelas calçadas de Barbalha – CE. Dança de forma leve e sorridente. Demonstrando assim duas das características dos índios Kariris: amorosidade e festividade. A região do Cariri herdou dos índios essa cultura de festa, esse sentimento amoroso que permeia a cultura da região. A serenidade no semblante de Suyane traduz não apenas o talento de uma grande atriz, mas a alegria de uma mulher com descendência indígena que experiencia a riqueza da sua cultura, na liberdade de vivê-la, e, sobretudo, na possibilidade de contar a sua história.

Outra parte do vídeo que chamou bastante a minha atenção foi a cena em que Suyane surge retirando mais uma vez com uma mala, agora na calçada de uma igreja. Em questão de segundos ela surge dentro de uma igreja, trajando um vestido azul. Interessante considerar a aparição por várias vezes de igrejas católicas, afinal, a Igreja Católica tem um importante papel na visão construída sobre negros e índios. Ela refutou as culturas desses grupos e impôs de maneira sangrenta os valores que alicerçam a sua crença.



Imagem 15 - Suyane Moreira na calçada de uma igreja, cena da coleção "Terra de Gigantes". Fonte: foto extraída da internet

A modelo sai da igreja e surge entre pedras, como se estivesse subindo para um lugar muito alto. Com uma fotografia belíssima, ela aparece, na companhia de Fraga, usando outro vestido. Os dois estão em uma área alta da Chapada do Araripe. As cenas me chamaram muito a atenção. A primeira aparição de Suyane Moreira se deu na calçada de uma igreja, com uma mala aberta, manuseando seus pertences, ela estava ali na sua totalidade e cultura. Em seguida, surge dentro de uma igreja católica, já não está em companhia da sua mala, ali não era a sua casa, a sua cultura. Em seguida surge exuberante na Chapada do Araripe. Com as mãos para cima, um semblante sereno, um lindo sorriso, consigo enxergar liberdade, ela está falando sobre ser livre.

O vídeo segue apresentando outro cenário ao tempo em que Ronaldo Fraga fala da importância da arte contemporânea e da arte popular na cultura indígena e negra. No momento seguinte, usando um vestido longo na cor rosa, Suyane surge banhando-se em uma cachoeira. A cena seguinte é mais uma vez exaltando a Chapada do Araripe. Ao tempo em que a modelo anda pelos caminhos da Chapada, Ronaldo Fraga enfatiza elementos importantes sobre o que estamos discutindo neste capítulo. “Precisamos redescobrir as matizes da formação da nossa ancestralidade, dos laços com as nossas

essências, nossos saberes e fazeres, reinventar um novo mundo, reinventar um novo tempo. Precisamos uma nova escrita, sem repetir os erros de negação, exploração e extermínio das culturas originárias desse país”.

As cortinas se abrem. A cena é no palco de um teatro. Um teatro talvez cansado de produzir e realçar uma história única que negligencia e extermina povos. As cortinas se abrem e prometem contar outra história. Suyane Moreira encanta mais uma vez dançando, a canção é representativa “eu não posso mudar o mundo, mas eu balanço, mas eu balanço, mas eu balanço o mundo. Eu não posso mudar o mundo, mas eu balanço, mas eu balanço, mas eu balanço o mundo. Balanço só por balançar, balanço às vezes por querer, balanço só pra me amostrar, balanço pra sobreviver. Botei tudo na balança, amor, tô fechada pra balanço, desde os tempos de criança, só ponho a mão onde eu alcanço”.

Apresentar outra narrativa sobre a região do Kariri Cearense, uma história em que o padre Cícero não se encontra na posição de protagonista, expor um enredo prestigiando os mestres da cultura, os povos indígenas, os negros, é uma forma de balançar o mundo. O mundo é balançado no momento em que a escrita é questionada, a história única é contrariada e o extermínio das culturas dos povos silenciados, denunciado. A coleção de Ronaldo Fraga vem demonstrar os processos políticos que constroem narrativas, manipulam fatos e personagens como maneira de se sobrepor de forma profundamente opressora sobre outras culturas.

“Nesses tempos áridos que vive o Brasil é importante reverenciarmos os verdadeiros mestres, os verdadeiros mitos desse país”. Tomo como nota a entonação na voz de Fraga ao pronunciar a palavra “mito”. Isso diz muito. Ao tempo em que o estilista vai falando, cenas de mestres da cultura vão sendo exibidas, em seguida surge a cena de um casal na porta de uma casinha no meio do mato. Mito é resistência, são povos que de maneira bastante significativa construíram e constroem as histórias de nosso país, mito é a mancha de sangue deixada pelos povos de matriz africana, povos indígenas, grupos que resistiram e resistem até hoje a violência instaurada e legalizada.



Imagem 16 - Suyane Moreira dentro da igreja, cena da coleção da "Terra de Gigantes". Fonte: foto extraída da internet

O vídeo vai caminhando para o final no momento em que a modelo Suyane chega ao horto, vestindo uma bata preta. Vai em direção ao local onde ficam os ex-votos. Ali temos objetos como pernas, braços, cruz. Olhando atentamente, coloca no seu pescoço um cordão com uma cruz. Em seguida deixa aquele espaço, levando a cruz no pescoço. A cena seguinte é Suyane tocando as fitinhas do círio deixadas na estátua do padre Cícero. Ronaldo Fraga se aproxima, retira o colar com a cruz do pescoço dela, enquanto questiona: “com quantos quilos de medo e culpa se faz uma tradição? Perguntou um dia o poeta. É passada a hora de descatequizar o povo brasileiro para que ele tenha liberdade de ir de encontro com os seus verdadeiros deuses”.



Imagem 17 - Suyane Moreira no Horto, cena da coleção da "Terra de Gigantes". Fonte: foto extraída da internet

A cena no horto, a bata preta que veste a modelo, a cruz no pescoço. São elementos que demonstram o processo violento de catequização que se deu por meio da Igreja Católica. No Juazeiro do Norte, a violência se apresenta com o extermínio dos povos kariris. A história única nos fez acreditar que Juazeiro se resume a figura mística do padre. Juazeiro, como eu nunca vi, retira o protagonismo do padre Cícero e coloca os povos Kariris na posição que merecem. A história única assassinou povos na tentativa de fortalecer e manter o poderio da Igreja Católica.



Imagem 18 - Ronaldo Fraga e Suyane Moreira, cena da coleção da "Terra de Gigantes". Fonte: foto extraída da internet

Assim foi em Juazeiro do Norte, assim foi no Brasil pensado na totalidade. Discuti aqui os processos efetivados na construção do Padre Cícero como figura legítima pautada na autoridade e mecanismos de devoção. Como se constrói um santo? Defendo, sem, contudo, ofender qualquer questão ligada à crença, que a concepção acerca da figura de Padre Cícero foi construída. O que preliminarmente se apresenta enquanto uma relação dotada de significados incompreensíveis por partir da esfera do sobrenatural, das relações mais íntimas entre o fiel e o seu santo, é percebido como construto social. A figura de padre Cícero reconhecida e legitimada perpassa por processos políticos que adquirem legitimidade justamente por surgir como processos naturais.

Segundo Geertz, “a cultura de um povo é um conjunto de textos” (2015, p. 212), esses textos são construídos ao tempo em que os sujeitos atribuem sentidos e significados ao que vivem. Os indivíduos, dotados de uma capacidade de produzir sentidos para suas ações, permitem uma interpretação sobre determinados contextos. A romaria, para quem a compreende como um campo possível para a prática da prostituição, assume determinado sentido. Para quem enxerga a possibilidade de alcance de uma graça, o sentido é outro, entretanto, os significados imbuídos nessas experiências, nos apresentam elementos interessantes acerca das percepções sobre a romaria.

Torna-se necessário, portanto, compreender o jogo que se configura no “campo de poder” (BOURDIEU, 2011). Um jogo em que privilegia certos acontecimentos na tentativa de construir uma narrativa que se coloque enquanto voz efetiva. Entretanto, a história de qualquer lugar apresenta uma abundância de fatos que permitem interpretações variadas. No momento em que os olhares estão voltados apenas para os episódios manifestados enquanto legítimos e, dotados de grande prestígio social, a história é limitada. Não estamos nos referindo, contudo, a questão do recorte de pesquisa, processo metodológico tão importante no campo da ciência. Estamos reivindicando a necessidade de enxergar outras coisas, a ideia é olhar o que não se vê.

Observamos, portanto, que a cidade de Juazeiro, além de caracterizada como um reconhecido centro de romarias, está incorporada em uma região que se destaca por sua beleza natural, angariando assim proeminência no campo da cultura, do ecoturismo e da economia. A região do Cariri desfruta de notoriedade por abranger uma área que se distingue em virtude da presença de sítios paleontológicos, fontes naturais, grutas e uma ampla riqueza pautada na cultura popular. Estamos nos referindo, portanto, a uma região que assume protagonismo não apenas por questões voltadas à religiosidade, mas também por fazer parte de um rico território.

Juazeiro integra o aglomerado denominado CRAJUBAR. Apesar de a Região Metropolitana do Cariri ser composta por nove municípios, são as cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha que ganham notoriedade, legitimando-se enquanto centro econômico e cultural do Cariri. As cidades aludidas se destacam, cada uma, a seu modo, a partir de elementos específicos. “Enquanto as cidades de Crato e Barbalha estariam amparadas pela tradição familiar, nas monoculturas de cana-de-açúcar e algodão, e na pecuária” (MARQUES, 2011, p.48), Juazeiro seria pensado através da religiosidade, por meio da concepção de “capital da fé”.

Juazeiro está sitiado, portanto, por duas cidades que reverberam enquanto espaços de relevância na historiografia do estado do Ceará. No tocante a refletir sobre lugares que chamam a atenção não apenas de visitantes, curiosos e turistas, mas também de devotos, Barbalha ganha notabilidade em relação ao Crato. A cidade de Barbalha acomoda parques aquáticos convidativos, o balneário do Caldas é um exemplo de um ponto turístico muito visitado em tempo de romaria. Desse modo, os pontos com expressões turísticas não se restringem apenas ao Juazeiro do Norte. Barbalha, sobretudo, ponderado nos parques aquáticos, engloba a programação da romaria.

A região do Cariri, segundo Marques (2011), revela territórios e sujeitos carregados de grande complexidade. A complexidade apresentada não se encerra na explicação do que seria o Cariri pela perspectiva do imaginário construído. Quando o autor propõe “pensar o Cariri de forma a não estancar as narrativas dos sujeitos” (MARQUES, 2011, p. 62), possibilita apresentar análises em que os agentes se percebem na narrativa produzida sobre eles. Nesse sentido, o Cariri passa a ser muito mais do que se revela, seria nas práticas dos sujeitos que muitos elementos da região se apresentariam, reafirmando a noção de identidade do lugar ou contrariando os instrumentos que alicerçam essa identidade.

Não diríamos que é um outro Nordeste, antes que é um também Nordeste. Um Nordeste de limites incertos por sua porosidade e capacidade de agregar diferenças. Dessa forma, os espaços aqui descritos parecem estar também à margem da definição usual da região do Cariri e se distanciar de determinada leitura sobre Nordeste a partir de noções como comunidade, cultural popular ou mundo rural, leituras bastante difundidas no Brasil. (MARQUES, 2011, p. 61).

Ao analisar a romaria pelo olhar dos *não devotos*, através de ações e sentidos embutidos, compreendo não ser ela uma outra romaria, mas também romaria. No momento em que coloco em cena personagens que não alimentam de maneira enfática o

fenômeno da romaria na sua forma tradicional, o faço por entender tratar-se de sujeitos que por meio de estratégias e práticas atribuem novos significados ao fenômeno. Os *não devotos*, nas romarias de Juazeiro, não são sujeitos com a atuação recente, desde os primórdios observa-se a presença de pessoas sem vinculação com o catolicismo nos eventos romeiros. Assim, pensar as romarias através desses agentes enriquece o fenômeno romeiro e o próprio Juazeiro do Norte.

CAPÍTULO IV – DISTÂNCIAS E APROXIMAÇÕES: É TUDO ROMARIA

Conforme Bourdieu (2011) o campo religioso é um espaço social de tensão, alicerçado em estratégias e disposições. O campo no qual o teórico insere a religiosidade é composto pela criação de produtos que atendem a demandas das mais variadas possíveis, um esforço que visa angariar um público. De acordo com esse processo, é interessante refletir sobre os interesses e disposições que alimentam o jogo social, e reforçam a força de um dado campo. As romarias são alimentadas por uma série de arranjos que engendram relações, as interações podem operar em conformidade, como também viabilizar a criação de conflitos.

Este capítulo tem por finalidade pensar em como se articulam, nas romarias, práticas e comportamentos distintos, estimulados por fatores que se distanciam no que se refere a pensar os diferentes sentidos de romaria atribuídos pelos sujeitos. Nesta tese defendo que as práticas de romaria desvinculadas da perspectiva de devoção também se configuram enquanto romaria. As ações justificadas pela fé e pelos atos de devoção dividem espaço com outros estímulos e sentidos e constroem a romaria na sua dinamicidade e fluidez. Nas interações, contudo, observa-se a presença de conflitos que tendem a promover uma disputa de narrativas sobre a vivência de romaria, são estas interações que “determina a estrutura do espaço social” (BOURDIEU, 2011, p. 30).

Esta disputa pode ser caracterizada a partir do momento em que os devotos do Padre Cícero atribuem maneiras, lidas como tradicionais, de viver a romaria. Recordo-me de uma conversa travada na romaria de finados de 2018 com uma devota que afirmou o seguinte: “Juazeiro representa assim, para nós romeiros: cidade santa. Então se você vem pra ir pra festa, pra ir pra banho, pra ir pra show, vai na tua cidade, mas venha e aproveita pra vim confessar, ir uma missa, comungar, isso é que ser romeiro” (Adriana, 46 anos, Picuí – PB). Em alguns momentos da entrevista com Adriana, apareceu a expressão “romaria religiosa”, caracterizada pelo respeito e devoção. A devota encara a romaria a partir da noção de reverência, de respeito, de compromisso com o momento, com o santo e com a cidade.

As interações que produzem a romaria permitem pensá-la por muitos ângulos. Esta pode ser caracterizada enquanto reverência, pagamento de promessas, como pode ser curtição, noitadas, paqueras ou todos esses elementos atuando simultaneamente. Entretanto, a romaria é também disputa. Disputa por lugares, por práticas, disputas no

âmbito político, cultural e religioso. Estas disputas configuram o campo da romaria. A perspectiva desenvolvida neste trabalho, assinala, primordialmente, que os interlocutores da pesquisa são tomados por uma experiência de romaria que descentraliza a figura do santo. Enquanto os *não devotos* dispensam, nas interações com o santo, um tratamento voltado ao âmbito sagrado, os devotos posicionam a figura sagrada de forma centralizada, por exemplo, a apropriação feita do registro fotográfico como uma forma de resguardar a experiência:

Você tirar uma foto, mandar pra o seu parente, tudo bem, mas pra tá botando em redes sociais? Isso não é, digamos, uma exposição pra você ganhar isso e aquilo, não... a gente tá vindo numa romaria, coisa de Deus, pra Deus e não uma exposição para o mundo, de tal forma achando vou ganhar seguidores que eu tô em tal canto, isso não é um jogo, isso é uma romaria. (Adriana, 46 anos, Picuí – PB).

Constata-se, no entendimento da devota a respeito do registro fotográfico, uma maneira de blindar a experiência e não a ostentar para ganhar visibilidade nas redes sociais. O interessante a pensar sobre este ponto é a reflexão que, apesar dos posicionamentos divergentes, em relação às fotos ou mesmo presença/ausência nas missas, são realidades presentes e construtos das romarias. A confluência permite compreender os “processos ambíguos de interpenetração” (CANCLINI, 2019, p. 275). Ao destacar a premissa da romeira sobre a finalidade das fotos, não estou encorajando uma ideia de oposição, no que se refere a pensar a prática de publicizar as experiências nas redes sociais, mas reforçando a concepção de que a romaria é um fenômeno híbrido, em que práticas distintas atuam no mesmo espaço. Desse modo, a presença de *não devotos* é possível por encontrar possibilidades de arranjos sociais.

Para Steil “a romaria é constituída pela multiplicidade de discursos” (STEIL, 2003, p. 250). Esses discursos são materializados em práticas distintas baseadas em variados sentidos de vivência. Há, portanto, grupos com diferentes motivações, crenças, pertencas religiosas, ou seja, modos distintos de viver o sagrado ou mesmo experienciar o sagrado distante do sagrado. Isso implica dizer que o *não devoto* ao entrar em contato com questões de ordem sagrada delimita fronteiras no momento em que constrói maneiras particulares de interação com o santo. Da mesma forma, os devotos, como no caso da Adriana, tendem a impor limites no que se refere aos espaços que devem ser acessados. Todavia, trata-se de fronteiras borradas, como destaca Steil:

Percebi, deste modo, que, se do ponto de vista dos grupos particulares trata-se de demarcar fronteiras, afirmar suas crenças, realizar os seus rituais, proclamar seus discursos, desde uma perspectiva “universal”, tinha-se aí uma situação onde estas fronteiras se apresentavam extremamente diluídas e porosas. (STEIL, 2001, p. 122).

A romaria atua na esfera do campo religioso. Um fenômeno situado, é imprescindível que se diga, imbuído das características de uma sociedade dinâmica e complexa. Na realidade das sociedades contemporâneas “coexistem diferenças sem que se exploda a totalidade que as contém”. (SANCHIS, 1987, p. 17), as diferenças atuam mediante uma lógica de complementaridade, alimentando um campo imerso em um contexto situacional. A ideia de campo pressupõe a emergência de conflitos que atuam como força motora nas relações fixadas em uma determinada posição. A pluralidade de sujeitos e, a heterogeneidade das práticas, permite a percepção de uma romaria fluida, dinâmica, instável, uma romaria que acompanha o ritmo da sociedade moderna.

O olhar hegemônico, ancorado na percepção, sobretudo, da devoção, é atravessado por questões que compreendem a existência de um compromisso entre o fiel e o santo da devoção. A legitimidade encontra respaldo no momento em que é oficializada pela Igreja por meio de itinerários religiosos, e reafirmada pelos devotos de Padre Cícero nos relatos de fé. É sabido que mesmo o devoto fervoroso realiza práticas que estão para além de atividades de cunho religioso. Todavia, o sujeito em questão cumpre, por perceber enquanto obrigação com o santo, o percurso religioso, mais do que isso, o cumprimento desse itinerário muitas vezes é apreendido como a forma correta de fazer romaria.

A viagem ao Juazeiro, a chegada na cidade, são captadas, pelos afilhados do Padre Cícero, como gestos dotados de sacralidade. Para os que creem, significa a chegada à terra santa. Este fato explica-se, sobretudo, pelo imaginário construído mediante uma simbologia que identifica a cidade de Juazeiro através de dispositivos provenientes do sagrado, como explícito na fala do romeiro, José Targino, 58 anos, natural da Paraíba: “a gente vem pras igrejas, vem olhar as coisas que Padre Cicho fez, deixou, né!?. (Entrevista realizada no dia 01/11/2018). Durante a conversa com Targino, o mesmo demonstrou sua devoção pelo Padre, o paraibano identifica sacralidade em todas as experiências derivadas do acesso ao Juazeiro e ao que ele representa. O deslocamento é orientado pela fé e a fé viabiliza a percepção de que em Juazeiro do Norte tudo é santo, tudo é do santo.

As romarias são tomadas, sobretudo, pelos devotos, por um alto teor de afetividade, a amorosidade ganha um sentido maior no tocante à relação devoto-santo. Os

fiéis detêm carinho e gratidão pela santidade, sentimentos que são externalizados mediante abraços, beijos, e toques em imagens sagradas. Nas romarias de Juazeiro é muito comum os devotos beijarem, abraçarem imagens atravessadas pela sacralidade. O monumento do Padre Cícero, localizado no horto, é exemplo de toda essa relação permeada por afeto. No momento, contudo, em que apresento ao debate a performance do romeiro, é imprescindível afirmar que, a categoria romeiro não deve ser concebida como um dado cristalizado.

Há várias maneiras de conceber-se romeiro (CORDEIRO, 2010). Este não deve ser pensado como uma realidade fechada, é ilusório acreditar na existência de um único script e um único papel social destinado ao devoto. Visto que, o devoto, o romeiro, o *não devoto* experienciam as romarias de formas distintas, apreendem o fenômeno conforme o seu interesse, nesse sentido é importante pautar a dinamicidade frente às relações entre o devoto e o santo. O que ocorre e deve ser considerado refere-se à dimensão espiritual que rege a conduta do fiel, o sentimento de devoção que atravessa as práticas, mas não uma única forma de se perceber o romeiro. “Há várias romarias dentro da romaria, assim como há várias formas de ser romeiro” (CORDEIRO, 2010, p. 92). O que torna o fenômeno possível é justamente a possibilidade de experimentá-lo de modos diferentes, de concebê-lo pelo prisma que melhor atenda a necessidade de quem o procura e o constrói.

No tocante a pensar as muitas possibilidades embutidas no fazer romaria que enseja a condição de várias romarias, é interessante pontuar que todas elas, mesmo apresentando singularidades, caminham juntas num processo de complementaridade. Os eventos romeiros são construídos perante matizes que operam na presença de elementos que disputam protagonismo diante de uma lógica de dependência e não de anulação. Os aspectos atravessados pelo âmbito sagrado são realçados ao tempo em que questões do domínio profano são tomadas como complementos, não recebendo, muitas vezes, notoriedade. Como o campo religioso necessita, de forma estratégica, reiterar a valorização das forças sobrenaturais, os elementos lúdicos tendem a obter menor relevância.

Este capítulo discute, portanto, como convivem, numa mesma espacialidade, as várias interpretações de romarias, pressupondo que todas as vivências viabilizadas por esse fenômeno são percebidas como práticas de romaria. Visto que, são emoções e sensações viabilizadas pelo fenômeno. Os espaços são então negociados e o que teoricamente poderia ser observado enquanto lócus de orações, preces, passa a ser também lugar de folia, festa, desocupação. No que se refere a pensar a heterogeneidade

de espaços e entretenimento possíveis, os eventos romeiros se colocam como uma espécie de um cardápio rico em opções, atendendo aos gostos de numerosos e distintos grupos.

Com a ideia de cardápio estou concebendo a romaria no âmbito religioso e na esfera voltada ao domínio lúdico. Amaral (1988) ao analisar as celebrações festivas como fomentadoras de sentidos múltiplos e interligados de valores nacionais indica que “a grande maioria delas permanece sendo de caráter religioso” (AMARAL, 1998, p. 36), lembra, contudo, a mistura desse religioso com elementos profanos e o interesse de muitas pessoas pelo lado do entretenimento, “pois muitas vezes a participação popular se dá mais pelo aspecto turístico, do divertimento e alegria, do que pelo aspecto puramente religioso (AMARAL, 1998, p. 36). Compreendo, portanto, as conexões entre os muitos lados da romaria, operando a partir de conflitos, mas não de anulações. Por se constituir a partir de uma diversidade de sujeitos que apresentam distinções no que se refere a pensar os interesses mobilizadores da prática, verifico nesse cenário, distanciamentos e aproximações. O que, de certo modo, distancia esses sujeitos, são interpretações diferentes a respeito do fenômeno, implicando, na efetivação de práticas dessemelhantes. O que aproxima, contudo, é o fato de todas essas práticas resultarem na concepção de que as muitas apropriações se configuram como romaria.

Cordeiro (2010) aponta que os romeiros praticam tanto o itinerário sagrado, como o profano, dando atenção a ordem de prioridades. Desse modo, os atrativos da romaria atuam seduzindo o romeiro que concebe as práticas de entretenimento também como romaria. Não há, portanto, barreiras que indiquem o que é ou não da ordem da festividade religiosa, o que há são lugares com características particulares e experiências distintas. As maneiras pelas quais os sujeitos experienciam os produtos ofertados, depende dos interesses que mobilizaram a viagem. No caso dos devotos, o impulsionador refere-se à devoção ao Padre Cícero. Nesse sentido, sua conduta será movida, principalmente, pelas questões de cunho devocional.

Por ordem de importância, os romeiros realizam o itinerário religioso (túmulo do padre Cícero, Colina do Horto, igrejas); a seguir uma espécie de roteiro turístico relacionado à visita de praças, museus e ao reconhecimento espacial da cidade; fazem compras; e buscam lazer e diversão. (CORDEIRO, 2010, p. 187).

Conforme indica Cordeiro, as atividades do romeiro não se restringem a uma programação puramente religiosa. São intercaladas por momentos de diversão oportunizadas pela festa religiosa, demonstrando com isso que programações voltadas a

busca pelo entretenimento se constituem também como romaria. Entretanto, estes sujeitos estão atentos ao grau de importância das atividades, o que predomina são ações que validam a devoção. Observa-se, portanto, um cenário assegurado por alianças entre o campo da cultura, do comércio, da religião, garantindo a permanência, no mesmo lugar, de elementos díspares. A exemplo da Praça Padre Cícero, ponto central de Juazeiro, o sagrado e o profano alimentam-se mutuamente e vão construindo a ideia da romaria como festa do povo e para o povo. No contexto de romaria, a música é uma constante, canções religiosas e não religiosas abrilhantam o espaço da praça, o público louva ao santo e também levanta copos de bebidas com teor alcoólico, muitos dançam para Jesus, para o Padre e outros dançam ao som de “Wesley Safadão” e outros tanto realizam as duas práticas.

Na Romaria de Finados de 2021, uma cena chamou a minha atenção. Uma tenda branca e espaçosa estava montada na Praça Padre Cícero. De lá ouvia-se uma voz cantarolando uma música do gênero sertanejo e muitas pessoas contemplando. Resolvi me aproximar e apreciar o talento. Quando cheguei na tenda deparei-me com uma criança cantando, o garoto cantava muito bem e tinha uma boa desenvoltura, atraindo uma plateia significativa. Ele cantava em troca de dinheiro que deveria ser depositado em um chapéu, localizado no chão. Mais do que a voz bonita da criança, o que mais chamou a minha atenção foi o fato dele cantar sensualizando.

Enquanto o rapaz cantava, sensualizava e conversava com a plateia, as pessoas depositavam moedas e notas de dois reais no chapéu. Um homem e uma mulher que estavam na tenda, operavam como os responsáveis pela criança, fui tentar um contato, mas não obtive sucesso, recebi apenas a informação de que eram os pais do garoto. Interessante a dimensão de uma romaria e como apresenta elementos semelhantes a uma festa de cunho profano. As conexões e os arranjos impossibilitam traçar uma linha que identifique o que seria da esfera do sagrado e propriamente do profano, romarias são festas e como toda festa a agitação, o tumulto e a musicalidade são imprescindíveis.



Imagem 19 - Criança apresentando um show musical na Praça Padre Cícero

A praça não se caracteriza como o único espaço em que esta dinâmica é observada, em todo o itinerário romeiro, deparei-me com essas associações. Jogos de azar, parques de diversão, shows religiosos e profanos, evangélicos fazendo trabalho de pregação, entre muitas outras coisas ocupando os mesmos espaços, constituindo, portanto, a paisagem de uma romaria. Esta é festa, riso, celebrações, encontros, partilha, romaria, é, portanto, aglomeração. Aglomeração que engendra uma teia de sentidos e significados (GEERTZ, 2018). Nas minhas andanças pelos pontos de fluxo significativo, o cenário da romaria está muito bem colocado, trata-se de uma paisagem que contempla elementos que vão do que santifica ao que condena, nos termos da Igreja.

O quadro que é possível pintar das romarias de Juazeiro contempla variados panoramas. No quadro é possível visualizar igrejas lotadas, assim como bares cheios, pessoas embriagadas, senhoras com chapéu de palha e terço na mão, grupos de jovens pouco preocupados com uma vestimenta puritana, pessoas nas calçadas das pousadas tomando cervejas e conversando, uma infinidade de outras fazendo compras. Podemos ver também gente apostando em jogos de azar, mulheres levando crianças ao parque de diversão, música em todos os cantos da cidade, para todos os gostos, em volumes baixos

e altos. Ônibus descendo e subindo a Colina do Horto, congestionamento no centro da cidade, é possível ver operando simultaneamente: o caos e uma ordem caracterizada pelos rituais.

O caos e a ordem, representativos do fenômeno, comunicam visões distantes e, muitas vezes, contraditórias, contudo, são perspectivas que coexistem e estruturam a romaria, ou melhor, as romarias. Interessante pensar na condição híbrida do fenômeno como alianças e combinações. Essas conexões habitam os mesmos espaços como “lugares de intersecção” (CANCLINI, 2019, p. 336) viabilizando a romaria nas associações. As tensões, mediante os encadeamentos, atuam enquanto motor do fenômeno. Visto que, são as disputas de narrativas, relacionadas com as vivências dos sujeitos, que constituem a romaria como um evento plural e dinâmico. É preciso, portanto, uma atenção às narrativas, aos confrontos de interpretações sobre o viver a romaria.

A romaria é um campo minado, um vulcão em erupção. Faíscas por todos os lados demonstram não haver possibilidades de afirmar ou mesmo categorizar o que seria uma romaria. Existe, evidentemente, esforços no sentido de apresentar elementos hegemônicos que de certo modo apresentam uma “cara” ao evento. Mas há uma real dificuldade em defini-la, devido à característica híbrida, elemento central na sua constituição. Romaria implica em deslocamento, deslocamento acarreta sensações, motivações, estímulos que se distinguem a depender dos interesses que mobilizam a ação. São percursos traçados e objetivados perante uma tessitura social que não se limita em uma dada estrutura. Uma visão hegemônica construída sobre peregrinações, romarias e festas religiosas, assinala a busca pelo sagrado, a corrida que viabiliza o encontro com o sobrenatural.

Ao chegar em Juazeiro em tempos de romarias, os sentidos são aguçados. A percepção é de que tem tudo e todos naquela espacialidade. O observador, não deve ser entendido como um sujeito que simplesmente observa e não se deixa afetar pelo que escuta, vê, toca, uma vez que, ele também vive as sensações propiciadas pelos acontecimentos. Ao vivê-la é possível compreendê-la em sua complexidade. A romaria é tomada por uma estrutura que se assemelha ao carnaval. Seria uma analogia desrespeitosa, sendo o carnaval a festa mais profana existente? Julgo que não. Assim como no carnaval, nos eventos romeiros localiza-se variados comportamentos e possibilidades. Talvez seja essa semelhança, no tocante a estrutura de uma festa, que atrai uma quantidade significativa de pessoas *não devotas*.

O contexto de hibridização, claramente retratado nas romarias, fragiliza a ideia de barreiras e divisões, existe, portanto, uma flexibilidade nas fronteiras entre os campos (CANCLINI, 2019). A exemplo do fato dos *não devotos* serem atraídos também pelos produtos de conotação religiosa, afinal, “olhares turísticos, religioso, cultural, étnico e esportivo podem se entrelaçar”. (STEIL, 2008, p. 108). Outros significados são atribuídos a esses elementos, agenciados diante da perspectiva do entretenimento, este fato, contudo, não invalida a relação que o *não devoto* constrói com esses aspectos. Pensar as romarias pela dinâmica dos eventos carnavalescos é compreender que assim como no carnaval, na romaria muita coisa é possível. Como um campo de possibilidades propicia a vivência das mais variadas situações. Quem já esteve, compreende o leque que se abre no que se refere às formas de apreender o evento, compreende o universo que se manifesta.

As relações híbridas estabelecidas neste contexto, expressam que a presença dos *não devotos* não é apenas tolerada, mas fundamental. Há toda uma programação voltada a esse público, existe um interesse por parte dos poderes governamentais e também eclesiásticos, pela presença desses atores. Como um campo interconectado, é interessante pontuar que, a programação voltada para os que não possuem uma primordial intimidade com o santo é também aproveitada, de outras maneiras, pelos que possuem. A questão é esta: os *não devotos* mostram uma cara da romaria muitas vezes negada, mas sobretudo, apropriada pelos mais diversos grupos. A exemplo da quantidade expressiva de bares localizados nos arredores de pontos estratégicos da festividade religiosa.

Os *não devotos* levam a caminhos que viabilizam a construção de um novo olhar sobre as romarias. Quando um devoto do Padre Cícero, ao sair da missa, senta em uma mesa de bar e toma uma boa cerveja gelada, este comportamento parece apartado da realidade do evento, pois o olhar viciado percebe esse gesto como algo distante da realidade romeira. No momento em que um *não devoto* executa a mesma prática e a compreende como sendo romaria, observamos de maneira inteligível que esta é um todo que comporta uma infinidade de possibilidades. Devotos e *não devotos* ocupam, muitas vezes, os mesmos espaços, apresentando, nitidamente, intensidades distintas. Contudo, o *não devoto* possibilita pensar as romarias a partir de fatores tão essenciais como os de ordem religiosa, como um momento de entretenimento. As festas religiosas apresentam infinitas características e finalidades, desde tempos remotos.

As festas e procissões, na Colônia, permitiam não só o divertimento, a fantasia e o lazer do povo, mas ainda estabelecer vários sentidos para o papel aparentemente irrelevante da festa. A distribuição de comida e bebida, por

exemplo, e o investimento em espetáculos, das doações recebidas, podem ser entendidos como concentração e redistribuição de bens, o que também acontecia (através do critério da participação dos mais diversos grupos sociais), com os bens simbólicos, permitindo a inclusão, na cultura da festa brasileira, de diversas visões de mundo (AMARAL, 1998, p. 85).

A autora menciona um fator importante para se pensar a ideia de festas, a inclusão de várias culturas, de vários elementos. As diversas visões de mundo são um ponto central na complexidade das relações que constituem a romaria. Ao comparar a romaria a um carnaval, o esforço vai no sentido de compreender que, assim como o carnaval, a romaria é um campo de possibilidades, é uma festa inclusiva. A profanação tem espaço neste quadro, instigando a visita de quem não é do santo. Os *não devotos* se apropriam, de algum modo, dos espaços sagrados, ressignificam esses espaços, ao tempo em que buscam entretenimento tanto nas características lúdicas da festa como também na dimensão religiosa. O fato de a experiência com elementos sagrados não serem captadas por esse viés, não anula o processo de sociabilidade e participação na romaria. Assim como também não anula as disputas de narrativas e interpretações sobre o fazer romaria.

“Peca, peca, peca...vieram quase tudo nu”

Ao voltar do Santo Sepulcro, na Romaria de Finados de 2021, deparei-me com a seguinte cena: uma senhora trajando uma saia longa, uma blusa de mangas compridas, um lenço cobrindo o cabelo e um pano tampando praticamente todo o rosto, deixando apenas os olhos expostos. O pano, parecia cumprir a função de uma máscara, tendo em vista que naquele contexto a pandemia da Covid-19 ainda apresentava grandes riscos. Eu estava um pouco distante da senhora, percebia que ela proferia algumas palavras, mas não conseguia assimilar.



Imagem 20 - Devota do Padre Cícero, no Horto

Contudo, pessoas vestidas dessa maneira, no contexto de romaria, não causa estranheza, apesar de ser muito comum ver também pessoas usando shorts, saias curtas e blusas decotadas. A partir deste fato, recordei-me de outra situação experienciada na romaria datada do ano de 2019. Estava no Horto e percebi a chegada de uma jovem. Ela estava vestida com a indumentária de Nossa Senhora. Assim como a mulher mencionada acima, a moça estava vestida dos pés à cabeça. Ao conversar um pouco com ela e também com a sua mãe, fui informada de que a jovem estava pagando uma promessa feita pela mãe dela. A promessa era subir todo o percurso do horto a pé, vestida daquela forma e também realizar o itinerário do Santo Sepulcro, uma longa caminhada. A moça, contudo, tinha um semblante sereno, não demonstrava traços de cansaço, parecia feliz e realizada.

Ela ainda não tinha realizado o percurso do Santo Sepulcro, obtinha conhecimento da longa caminhada, sabia que se tratavam de seis quilômetros de caminhada, três para ir e mais três para voltar, esse fato, contudo, parecia não intimidá-la. Continuava serena. A jovem e a sua mãe, integram o grupo dos devotos fervorosos do Padre Cícero, compreendem a romaria como uma maneira de relacionar-se com o padre e depositar

confiança no santo, agradecendo aos pedidos alcançados, no caso, ao pagamento de promessas. Elas enxergam o momento como uma oportunidade de pedir graças e agradecer pelas bençãos recebidas. A leitura da romaria feita por elas, parte da concepção voltada aos ideais de religiosidade, do respeito e das práticas de devoção, uma leitura legítima, mas não a única.

Nas duas situações referidas acima, concebe-se a imagem de romeiras devotas do Padre Cícero, com percepções acerca da romaria distantes da ideia de romaria como entretenimento. Voltando a cena da Romaria de Finados de 2021. A senhora, segurava, na mão direita, um guarda-chuva, andava de um lado para o outro, movimentando o guarda-chuva. Ao me aproximar da romeira, observei, através dos gestos e do tom de voz, sentimento de indignação, ela parecia inconformada com algo. Entendi o motivo da revolta ao ouvi-la afirmar: “peca, peca, peca, a humanidade vieram tudo quase nu, é homem, é mulher, tudo...quase nu, quem descobre isso aqui (apontando para o cotovelo), quem descobre o joelho, tá nu, a humanidade vai sofrer, padrinho Cícero vai tá aqui”.

A postura da senhora chama a atenção não apenas para a concepção de uma romaria religiosa, remete a ideia de que esta forma de vivenciar a romaria deve, necessariamente, obedecer a algumas premissas, no caso expressado pela senhora, o cuidado com a vestimenta. O comportamento dessa devota compreende que, na perspectiva dela, existe uma forma correta de vivenciar a romaria. Nesta perspectiva, é necessário estar atento ao que vai vestir, as expressões que vai utilizar, os ambientes que podem ser acessados, entre outras coisas. Embora não seja este o comportamento de todos os romeiros, dos devotos do Padre Cícero, afinal, romeiro é uma categoria fluida. Todavia, há um certo consenso entre os devotos, no que se refere ao manejo com questões da ordem do sagrado, questão esta que não se observa nos sujeitos destituídos de devoção.

A romaria na sua condição religiosa, expressa na interpretação de um devoto fervoroso do Padre Cícero, atribui aos que não assumem uma performance ortodoxa, o lugar de desvio. “se um ato é ou não desviante, portanto, depende de como outras pessoas reagem a ele” (BECKER, 2008 pág.24). Neste contexto, os devotos do padre Cícero, assimilam, como desviantes, as práticas efetivadas pelos *não devotos*, interessante observar que a não devoção já pode ser entendida como um desvio. Ao se deparar com sujeitos que aproveitam da temporalidade romeira para ir a festas, paquerar, conhecer os lugares badalados da região, frequentarem cine homoerótico, os devotos tendem a não aprovar muitos desses comportamentos.

Frente a esse cenário, o devoto apreende como desviante o comportamento dos que negam a caminhada ancorada pelos valores sagrados, de respeito. Estamos considerando, contudo, os devotos que negam as transformações em curso, esclarecendo que, no grupo de devotos, há pessoas que lidam de maneira tranquila com os diversos comportamentos. Aos que rejeitam a presença e as práticas dos que não se colocam como devotos do padre Cícero, estão sustentados por valores impostos pela religiosidade popular e pelos mandos da Igreja. Nesse caso, renegam os sujeitos e as ações que constroem itinerários de romaria que desconsideram um “repertório de conhecimento” (BECKER, 2008) advindos do olhar marcadamente religioso.

O comportamento desviante, diz respeito às condutas que se contrapõem ao esperado do sujeito que faz romaria. A partir da leitura dos devotos fervorosos, o fazer romaria deve obedecer, obrigatoriamente, um direcionamento, de forma especial, às questões de ordem sagrada. A leitura feita desse fenômeno por parte de quem não apresenta uma relação de intimidade com padre Cícero ou mesmo dos que secundarizam esta relação, é marcada por uma ausência de pertencimento. Assim, o momento viabiliza experiências que vão desde a assistir uma missa até a satisfação sexual em um cine homoerótico, ou mesmo uma noite em um piseiro na cidade do Crato, noite regada a muita Ypióca, como almejado pela interlocutora Andressa, retratada no segundo capítulo desta tese.

Para Becker (2008) o desvio não assume um caráter individual, não resulta de questões voltadas ao comportamento particular do sujeito rotulado de desviante. O desvio apresenta uma posição genuinamente social, é, portanto, no social que se encontram os pontos de compreensão a respeito do que se entende por desvio. A rotulação parte dos grupos que se sentem autorizados, a partir da posição que ocupam, de determinarem quem é o desviante, quais regras foram burladas. Diante desse cenário, a noção de desvio é nada mais do que a aplicação de elementos de coerção, por parte grupos que criam regras de comportamento, aos que se negam a obedecer a uma visão hegemônica.

Não observei afrontas ou desrespeito com elementos munidos de uma imagem sagrada, percebo, contudo, maneiras diferentes e curiosas de se apropriar do repertório sacro. A fala da senhora supracitada, reverbera às mudanças em curso tanto no campo da religião, como nas romarias, especificamente. A revolta gerada pela vestimenta que, segundo a romeira, não é coerente com o momento, revela que na contemporaneidade não é mais possível pensar apenas na romaria como o contato com o santo. Assim como não é mais viável a ideia de que existe uma indumentária apropriada para se apresentar ao

santo. Há, contudo, perfis de romeiros que ainda consideram importante levantar esta questão, mas há também um público grande que não apresenta preocupação com a roupa que está vestindo, ou melhor, ignora esta e outras pautas.

Os sujeitos que compreendem a romaria enquanto entretenimento, não são chamados pela fé no Padre Cícero e também não atendem ao chamado de Nossa Senhora das Dores. Muitas vezes são pessoas que acompanham devotos do santo padre, outras que nunca estiveram em Juazeiro, mas sentiam curiosidade em conhecer o lugar, atraídas por coisas que tinham ouvido falar a respeito da cidade. Interessante ouvir esses relatos e captar modos diferentes de perceber um único fenômeno, um fenômeno que propicia a emergência de outras romarias, outros sentidos. Entender que, apesar de a romaria ter sido analisada, na maioria das vezes, pelo olhar do devoto, o *não devoto* também tem experiência de romaria, também tem o que falar:

Então, desde pequena o pessoal lá da cidade vinha pra cá, né? E aí eu sempre quis vir e tal, só que minha família não vem, não é romeiro, não tem nenhum romeiro, só que a minha vó ela costumava vir, tal, e aí esse ano ela quis vir novamente e minha mãe quis vir também. E aí ela convidou e tal, assim ela sempre religiosa, eu não... eu sou batizada na igreja católica só que... eu me denomino como católica só que...E viemos na intenção de tudo, tanto pra ir a igreja, pra acompanhar, como pra conhecer esse mundo aqui do famoso padre Cícero, né? E também porque o comércio tem uma fama muito grande também, o comércio daqui, pelos valores, por ser universal assim encontrar muita coisa e aí pronto, até então de ontem mesmo que eu cheguei, a única coisa que a gente fez até agora, conheceu poucas coisas, a gente ficou num hotel e tal, só saímos pra cá, também fiquei sabendo que tem muitas igrejas, não sabia, achei que era uma igreja só, são muitas igrejas. Até agora a gente só achou duas, não conseguiu achar as outras, a gente só achou duas que foi a do Perpétuo Socorro e Nossa Senhora das Dores. Vamos ainda nas outras e tem o famoso horto que eu não fui ainda, o pessoal tá dizendo que é melhor ir na segunda-feira e fiquei sabendo assim que no último dia que é no dia realmente dos finados tem uma missa de encerramento que o padre abençoa os carros dos viajantes, dos romeiros, que abençoa, que benze pra que o pessoal volte pra suas cidades, né? E é isso. **Relação de devoção com o Padre Cícero você tem?** Não, não, não. **O que você achou, por exemplo, desse museu?** Assim é muita coisa interessante, essas moedas, os livros, as roupas que até marcas de uso e tudo na roupa, e chega a ser assim, né, tem gente que não acredita que realmente é, mas quem tem fé acredita de verdade, acho também impressionante essa questão desse pessoal que acredita porque eles trazem as coisas, botam na cama, né tem uma tradição, não sei se chama tradição, não sei o que é, que colocam lá na cama pra abençoar, pra benzer, não sei como é que diz também. Não faço parte disso, mas estou acompanhando e tô gostando, tô gostando sim. Vamos pra várias missas, vamos acompanhar esse cronograma aí, vamos pras missas (**você participa das missas?**) Sim. A gente foi pro ofício das almas, fomos pra missa de manhã, vamos pra outra agora de três horas e a noite. E além disso a gente vai também, tá fazendo plano de ir pra um balneário que tem em Barbalha, estamos pesquisando que a gente não sabe direito. E aí pronto, vamos pegar de tudo, vamos rezar, vamos aproveitar, vamos comprar. (Karoline, Serra Talhada – PE, 20 anos. Entrevista realizada no dia 30/10/2021).

A narrativa de Karoline auxilia no entendimento das barganhas que viabilizam a viagem ao Juazeiro. Ela não se reconhece enquanto religiosa, se diz católica, mas, na sua fala, sinaliza fazer parte de um grupo expressivo de católicos: os não praticantes. A romaria para ela não se limita ao Padre Cícero, padre este que ela não reconhece o caráter santo, “famoso Padre Cícero”. Esta expressão revela o desejo de conhecer alguém do qual já ouviu falar muito, mas nada atrelado à concepção de um intercessor de graças, santo que realizou muitos milagres. O padre, no relato dela, é captado como uma celebridade, com as características terrenas, distante de um fervor religioso. Karoline aponta os eventos romeiros como uma chance de “pegar de tudo”. O tudo destacado pela pernambucana, vai de um cronograma que contempla visitas às igrejas, ao horto, até os passeios aos balneários.

Karoline se denomina católica, mas não reconhece o vocabulário desse universo, confirmando integrar o grupo de não praticantes. “Botam na cama, né, tem uma tradição, não sei se chama tradição, não sei o que é, que colocam lá na cama pra abençoar, pra benzer, não sei como é que diz também”. A respeito do sentido religioso situado nas romarias a partir das práticas devocionais ao Padim Ciço, como as ações de devoção efetivadas no Museu do Padre Cícero, Karoline pouco conhece. A jovem pernambucana, durante a entrevista, deixou evidente a ausência de devoção ao santo, entretanto, destacou o sentimento de realização com a programação estabelecida para viver aquele período. Demonstrando com isso, o fato do *não devoto* não se caracterizar como o a-religioso, mas como um sujeito que, destituído de devoção ao santo padre, experimenta-o através do entretenimento.

Conforme apontado por Mircea Eliade “o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziados dos significados religiosos” (ELIADE, 2018, p. 166). Pensar no *não devoto* é refletir, precisamente, esse homem que preserva a conduta do homem religioso, mas de uma maneira ressignificada, portanto, exaurida de sentido religioso. Em conformidade com esta questão, as experiências assinaladas por Karoline, atestam que as romarias são realidades híbridas capazes de gerar sensações e emoções nos sujeitos profanos, mas sem os colocar em oposição ao religioso. Afinal, como verificado na narrativa da jovem, é possível viver a experiência sem conhecimento e interesse na dimensão religiosa.

O entendimento dos principais elementos que compõem a romaria na condição religiosa, o sentido que os devotos atribuem ao vivenciá-la, são importantes no que diz respeito a entender como avaliam aquilo que não compartilham, lendo como práticas

desviantes. Os distanciamentos e as aproximações surgem como a condição do caráter dinâmico. Revelar a trajetória dos devotos e desconsiderar os passos dos demais grupos é limitar o campo de atuação do acontecimento. Apreciar outros itinerários é apreender a romaria como uma categoria fluida. Abaixo, deixo registrada as expectativas de Laura, conforme apontado no trabalho de (BRAGA, SILVA, MENESES, 2019) a respeito do que seria uma romaria, sinalizando a riqueza do depoimento no tocante a pensar expectativas e realidades:

A gente idealizava assim, né? Que era tudo só rezas, acampamentos, na minha mente era isso... Aí ele disse (o marido dela) vamos parar o carro, vamos procurar saber de alguém onde é que fica a estátua, né? Pra gente saber, porque todo mundo tirava foto e a gente pensava que era um acampamento, uma coisa totalmente diferente, aí paramos o carro, olhamos, aí a gente ainda sem entender nada... Procuramos um lugar primeiramente pra se hospedar, né? Fomos passear na praça e ainda sem eu entender o que realmente era, eu queria realmente saber era o que o povo falava de antigamente. E o que era de antigamente? (Fiz a pergunta). A história da pedra que a gente tinha algum pecado, (risos) e a gente não sabia nem onde era isso. No outro dia, né? No outro dia fomos, aí quando chegou lá eu achei uma maravilha, assim a estátua, aí a gente assistimos a missa e eu vi que não era o que a gente idealizava de antes que era aqueles acampamentos, que na minha mente era acampamento. (Laura, 45 anos. Entrevista realizada no dia 31/10/2018).

Apresento o relato de Laura como uma maneira de validar as variadas narrativas sobre o fazer romaria, além de evidenciar as transformações que atravessam todo o fenômeno. Muitas coisas chamam atenção neste depoimento: a ideia de que romaria se limita a rezas, um cenário que reporta a noção de acampamento, o deslumbramento com a estátua e, principalmente, que, relatos como este, não estão contemplados nas interpretações dos romeiros sobre o fenômeno em contexto. Apresentar o olhar dos *não devotos* é uma investida instigante, pois a leitura que eles oferecem, favorece a percepção de que romaria é o que os devotos dizem, mas é também o que eles não dizem.

Ao imaginar a romaria como um espaço apenas de rezas, Laura estava imersa na leitura hegemônica sobre o fenômeno que tende a centralizar a discussão nas questões da ordem do sagrado. Certamente ouviu de muitos devotos de Padre Cícero relatos atravessados por conotações de cunho religioso. Mesmo sabendo do caráter híbrido das relações romeiras, oportunizadas por outras vivências, é no caráter religioso que o devoto se apegar. Por incorporar o grupo predominante, a narrativa acaba por ganhar não apenas legitimidade, ela é legítima, ocorre que ela passa a ser percebida como uma experiência única. O que desconstruiu esta premissa na visão de Laura? A ida ao evento. Ao se deparar

com a romaria, a interlocutora observa que o evento romeiro é reza, mas não se limita a essa circunstância.

A ideia de acampamento remete ao pensamento de uma estrutura precária. Parte de um entendimento de desordem, pessoas tumultuadas, acampadas em qualquer lugar em condições degradantes. Ao se deparar com a estrutura romeira, Laura percebe que é “uma coisa totalmente diferente”. Existe uma logística que trabalha no sentido de oferecer boas condições aos que chegam, muita coisa ainda precisa passar por melhorias, mas o fato é que a ideia de uma ausência total de organização, não existe mais. A romaria passou a ser percebida também como um mercado, nesse sentido, há vários incentivos políticos que visam aperfeiçoá-la como uma estratégia de aumentar o público, uma lógica que perpassa os valores mercadológicos.

Diante desse panorama, uso como exemplo a presença dos comerciantes ambulantes. Em tempo de romaria a cidade é tomada por muitos, estes comercializam uma variedade de produtos. O Centro de Apoio ao Romeiro, que se configura enquanto centro de comércio, surgiu como uma iniciativa econômica, pautada em uma preocupação referente à estética da festa. O poder público considerou interessante viabilizar um espaço comum de vendas como uma maneira de organizar melhor os espaços. A iniciativa visou, sobretudo, oferecer uma “cara” melhor ao comércio da romaria. Entretanto, temos percebemos contendas por parte dos ambulantes, como ressalta Carla, comerciante do Centro de Apoio ao Romeiro.

Porque a gente trabalhava lá na rua, ao lado da igreja, tudo na rua, parecia uns favela, parecia umas favelas. Aí o governo foi e resolveu fazer isso aqui, que dizia que isso aqui era obra do governo, que a gente ia trabalhar aqui, que ninguém não ia pagar nada, aí houve esse negócio de fazer essa associação ali pra gente pagar por 29 mês, aí ninguém sabe onde era que ia, sei que a gente pagava... Se a maioria dos camelô fica tudo nas calçada, na Rua São Pedro, na Rua São José, aqui na Padre Cícero trabalhando, aí dizem que aqui pra baixo não tem nada, como é que eu vou abrir meu ponto, ficar aqui aberto, eu vou vender a quem? Me diga aí? (Carla4, 42 anos. Entrevista realizada em Juazeiro do Norte, 02/11/2018).

O relato da comerciante Carla, indica uma preocupação, por parte do poder público, no tocante à estética da romaria, além de evidenciar uma clara disputa entre quem vende no Centro de Apoio e quem comercializa nas ruas da cidade. O cuidado com a imagem da festa manifesta a ideia de Juazeiro enquanto espaço de fé e também de mercado. O romeiro é um agente de consumo, assim como os demais grupos que integram a festividade. O *não devoto*, portanto, é, conseqüentemente, um consumidor também. O

desejo pela compra, aspirações a respeito de um ideal de Juazeiro voltado a questões referentes a um centro comercial, foi muito presente nas conversas que obtive com os interlocutores.

Estamos inseridos em uma sociedade de consumo (BAUMAN, 1999), o campo religioso reconhece bem esta característica. As romarias, entendidas mediante um viés de comércio, são tomadas pelo cálculo mercadológico, reverberando na concorrência que se manifesta na disputa por consumidores. Na fala de Carla fica perceptível o entendimento da “romaria como mercado”. Na concepção da comerciante de 42 anos, a festa religiosa é a oportunidade de angariar fundos para o sustento da família. Além disso, há uma clara disputa entre os que comercializam. Viabilizar uma visão mais agradável da cidade, que não “pareça uma favela”, são leituras regidas pela lei do mercado: oferecer uma boa imagem da cidade, estimular o consumo.

Nas experiências dos ambulantes, a romaria pode se configurar, primordialmente, como um mercado. Interessa pensar que, esta não opera, perante um processo de anulação, atuam de forma interligada. A romaria protagonizada pelo comércio invade a perspectiva de romaria do *não devoto*, assim como também a do romeiro. Nesse sentido, os comerciantes também fazem romaria, são produtos e produtores dela. O “fazer romaria”, apresentado pelos sujeitos que movimentam os bens materiais, sinaliza que os comerciantes também são atores importantes no ritual. Assim como os que propiciam e possibilitam o consumo de bens simbólicos, no caso, as autoridades eclesásticas.

A discussão não aponta uma leitura de que os atores – produtos e produtores das romarias operam diante de polarizações. Parto do entendimento da negociação, de concessões que viabilizam pensar a romaria na sua totalidade. O devoto fervoroso, possui uma maneira de viver a romaria em que a devoção se sobressai, o comerciante manifesta outras preocupações, os *não devotos* enxergam o festejo pelo entretenimento, quem estaria, portanto, fazendo romaria? Qual a romaria correta? A seu modo, tudo e todos constroem interpretações distintas do fazer romaria.

Na ocasião de uma entrevista realizada com um repórter do Juazeiro, o profissional demonstrou descontentamento ao verificar que muitos romeiros não conhecem questões básicas da história de Juazeiro e, sobretudo, do Padre Cícero. O interlocutor em pauta, revelou que, ao convidar uma caravana de romeiros para participar do seu programa, observou, com tristeza, a ausência de conhecimento histórico a respeito do santo padre por parte dos convidados. Eu ouvia atentamente o depoimento do homem e mentalizava o que seria uma “caravana de romeiros”. A ideia do repórter sinalizava que

todas as pessoas que estavam na caravana eram romeiros, partindo da concepção de que eram todos devotos que partilham o sentimento de devoção.

Indiscutivelmente, muitos romeiros, como muitos juazeirenses, desconhecem fatos históricos ligados à cidade e ao santo de devoção, entretanto, não é este o ponto que quero levantar. Desejo destacar que, rotular de devotos uma caravana de quarenta pessoas é empobrecer as trajetórias, nem todos são romeiros, nem todos estão interessados na concepção de Juazeiro como terra santa, nem todos têm interesse pela figura do padre na condição de santo. Retomo uma fala evidenciada no segundo capítulo que demonstra o que chamo a atenção. Ao perguntar a um rapaz que fazia a sua trigésima romaria e estava em um grupo com mais onze pessoas, sobre o interesse dele e do grupo, ele afirmou: “a parte das mulheres é mais pra fazer compra. Só quem visita mais é o mais de idade que é pai (risos)”.

Este interlocutor fez menção ao pai para indicar o mercado como maior mobilizador da viagem, sendo o pai o único a cumprir o itinerário religioso. Nesse sentido, a frustração do repórter se dá devido a uma visão hegemônica de romaria que tende a apresentar todos os agentes como romeiros, fiéis ao Padre Cícero. No momento em que damos atenção às trajetórias que desconstroem esta perspectiva, verificamos outros elementos e interesses. Ao constatar que as caravanas não se resumem a presença de devotos, constata-se também a presença de várias romarias operando simultaneamente e atendendo a interesses particulares.

Eu senti na pele isso, em virtude de, a gente tem um quadro, em um programa chamado “no ritmo com César Filho”, que eu mesmo apresento no final de semana, aos sábados, e a gente tem nesse quadro lá, chamada gincana, envolvendo as unidades de ensino aqui do Cariri, e por ocasião da romaria de setembro, eu convidei uma caravana de romeiros pra nos visitar no programa e lá aplicamos a gincana com o tema romaria, o que eles conheciam da cidade de Juazeiro do Norte e assim, eu acredito que a gente tem que trabalhar muito mais isso, isso vai ficar aqui um recado para as autoridades, pra aqueles que fazem a cultura a história dessa cidade que muitas vezes não é nem conhecida por nós que somos juazeirense, e não podemos cobrar isso do romeiro, perguntas assim tão fáceis como, qual foi o dia do nascimento do padre Cícero? Teve romeiro que não soube responder. Que é devoto do padre e não saber, ficou na dúvida, se era 20 de julho, se era 24 de março e muitos sequer chegaram a sufragar a data. Então, enfim, tem muitos dos romeiros até porque, geração trabalhando geração, muitos que vem pra cumprir a sua devoção, pagar a sua promessa, mas muitos também tão incluídos nessa que você me fez na pergunta, nessa de vou passear em Juazeiro, ele vem passear e aos poucos começa a gostar da cidade. (Entrevista com César Filho, realizada no Juazeiro do Norte, no dia 02 de novembro de 2021).

A entrevista com César Filho apresenta questões cruciais no tocante a pensar o que se entende por romeiro e romaria. Para Cordeiro (2010) é imprescindível a desconstrução da categoria romeiro como um único retrato, uma única forma, a autora destaca os vários perfis de romeiros. Ao mencionar a ideia de caravana e o que se espera dela, o que se revela é a perspectiva de um romeiro enclausurado no tipo ideal. Com manifestações de devoção, práticas, sentimentos e conhecimento muito bem definidos e percebidos como uma única coisa, uma única maneira de ser/viver a romaria. Esta visão empobrece o fenômeno e nega outras expressões.

Ao entrevistar o interlocutor Carlos, natural de Floresta – PE, a respeito da sua forma de “fazer romaria”, ouvi o seguinte: “é bom! É bom porque sai do lugar da gente, aí vem passear, conhecer outras coisas, também é bom assim, é porque romaria todo mundo acha bom, né”. Carlos tem trinta e dois anos, faz romaria há três anos, mesmo sendo filho de pais romeiros que sempre visitam o Juazeiro. Ao questioná-lo a respeito do que o levou a não acompanhar os pais durante a trajetória romeira, obtive como resposta: “a gente pensa que não é bom, mas quando começa a vim aí não quer parar mais não” (risos).

Durante a conversa com Carlos percebi que a devoção ao Padre Cícero não era o motor da sua vinda ao Juazeiro “é bom porque sai do lugar da gente”. O sair de casa para outro lugar parecia encantá-lo. No decorrer da entrevista, Carlos gargalhava e o seu semblante revelava um encantamento com o momento que estava vivenciando. O interlocutor parecia deslumbrado com o que a romaria propiciava a ele. Conceder entrevistas, conhecer pessoas, ir a bares, restaurantes. A romaria para ele se configura como uma espécie de fuga do cotidiano.

Nessa fuga do cotidiano, Carlos experimentava tudo que a romaria pode proporcionar. O sair do local de origem, a oportunidade de conhecer novas pessoas, à paquera, a participação em missas, à visita aos pontos sagrados, à ida a bares e restaurantes. Ao ouvi-lo ficou evidente que todas as práticas mencionadas faziam parte do que ele compreendia por romaria. No perceber e vivenciar de Carlos, a romaria engloba todas as experiências que o fenômeno oportuniza. Ao indagá-lo, a respeito da visita a bares e clubes da cidade, aos risos, afirmou: “faz parte da tradição”.

Romaria para ele incorpora o viés do entretenimento. Ele não considera a visita aos bares como algo fora do “fazer romaria”, para ele a romaria é também frequentar os restaurantes da cidade, tomar cerveja nos barzinhos, conhecer os clubes aquáticos, faz parte da programação romeira. O Carlos que apresenta tal interpretação é também o que

diz: “o que nois mais gosta de fazer mesmo é visitar as igrejas”. Romaria para o rapaz de Floresta contempla as práticas voltadas à devoção e incorpora as atividades que se distanciam do viés religioso.

Entender as interações sociais de maneira posicionada é a preocupação da sociologia das ocasiões (GOFFMAN, 2011). Esta sociologia apresenta como preocupação a compreensão dos mecanismos que alicerçam os processos da interação entre os sujeitos ocorrida em microssituações. Uma sociologia que viabiliza a interpretação dos indivíduos considerando situações concretas. A performance assumida, naquele contexto, por Carlos, difere da que ele assume em uma igreja. A sociologia ocasional permite compreender que performatizar oportuniza a interação do sujeito com vários grupos e situações. A sociologia das ocasiões nos auxilia no entendimento de que os sujeitos nem sempre estão dispostos a encarar as regras impostas pelo grupo. Novamente recorrendo ao interlocutor Carlos, chamo a atenção para um determinado sobre o deslocamento de Carlos até as romarias de Juazeiro.

Carlos veio acompanhado de dezessete familiares, a maneira com as quais os irmãos, mãe, pai, sobrinhos, vivenciam a romaria, difere da maneira como ele a encara. A sociologia das ocasiões revela a concepção de que, mesmo os sujeitos que compartilham das mesmas regras de um dado grupo, podem, em diversos contextos, assumirem uma postura que não condiz com o esperado. Os sujeitos são performativos, o indivíduo executa vários papéis sociais e a performance depende do papel que está sendo executado. É evidente a influência do grupo sobre o sujeito, mas não o total domínio sobre este sujeito. Da mesma maneira, são evidentes as influências dos valores que orientam a romaria hegemônica, mas é fato que os sujeitos organizam, a seu modo, as maneiras de vivenciá-la.

Partindo do argumento a respeito do sentimento do indivíduo nem sempre se manifestando coletivamente como característica do grupo, uso como exemplo a postura assumida pelo familiar de Carlos que estava ao seu lado. Ele preferiu não conversar comigo, não me deu atenção, não considerou aquele momento relevante como elemento narrativo da sua experiência na romaria. Enquanto Carlos enxergava aquela situação como algo inusitado, interessante, o outro membro do grupo não compartilhava do mesmo sentimento, preferindo se retirar. Nesse sentido, a situação gera uma expectativa, no entanto, não gera a mesma expectativa em todos os membros do grupo, este dado deve ser considerado.

Compreende-se a necessidade de enxergar menos as estruturas que alicerçam o fenômeno religioso e a partir da fala, da forma de sorrir, dos gestos, entender as singularidades dos atores. Questionando assim a padronização concebida aos sujeitos. Um evento como a romaria, um fenômeno de proporções significativas, não pode ser entendido simplesmente como milhares de pessoas prestando devoção a um santo. As experiências dos sujeitos são diversas, portanto, há uma infinidade de olhares sobre ela. Um olhar que deve estar atento às ações dos sujeitos, não os percebendo enquanto fantoches de uma dada estrutura, mas observando o caráter dialético das relações.

Ao considerar o que os sujeitos têm a falar, o peso das estruturas é reduzido, e as certezas colocadas em questionamentos. As singularidades tornam rica a pesquisa justamente por confrontar verdades padronizadas e impostas. Conceitos e tipologias têm muito a contribuir, no entanto, já são dados prontos. Há significados (GEERTZ, 1978) que uma tipologia não revela. Uma análise minuciosa é precisamente a que está disposta a refletir sobre o não dado.

Em entrevista com Aparecida, natural de Itamaracá – PE, a mesma assegurou gostar muito do período romeiro, o que denominou de “festa”, são vários os elementos que chamam a atenção da senhora de 65 anos. “O ritmo deles, né? O modo de tratar, de andar, aquelas roupas cumpridas que nem frade (risos). A tradição deles, né? A terra da gente não faz isso, eles são romeiro, são natural daqui, são sertanejo mesmo”. Aparecida percebe a romaria a partir do entendimento de festa e confessa uma vontade de realizar compras: “pra gente vim pra cá tem que trazer muito dinheiro, pra tudo que a gente ver querer comprar. Nos relatos da senhora de Itamaracá, Padre Cícero surge como uma figura secundária, no que diz respeito às motivações do deslocamento ao Juazeiro, mesmo assumindo-se enquanto devota.

Alexander (1986) defende a perspectiva de uma síntese teórica no que diz respeito às análises micro e macrosociológica. Entendendo “o esforço de juntar novamente a teoria sobre a ação e a estrutura” (ALEXANDER, 1986, p. 13). Assim, as romarias de Juazeiro, pelos olhos dos que não devotam, apresentam uma relação dialética entre agentes reflexivos e as estruturas. Estas, exercem uma influência no tocante a pensar o comportamento do agente social, este agente, todavia, dispõe de uma capacidade reflexiva para atuar. A habilidade dos agentes em projetar e produzir ações por meio da relação entre estes e o mundo social, também surge como uma preocupação dos autores Berger e Luckmann (1978).

É importante acentuar que a relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. O produto reage sobre o produtor. A exteriorização e a objetivação são momento de um processo dialético contínuo. (BERGER, LUCKMANN, 1978, p.87).

A estrutura comunica o repertório semântico de uma romaria, as maneiras com as quais os sujeitos realizam a leitura dessa semântica constrói novos sentidos por meio de uma relação dialética. Estamos demonstrando, através das trajetórias dos *não devotos*, esse processo em ação. Aqui, estamos considerando comportamentos que não invalidam o caráter sagrado do evento romeiro, na verdade, levantam pontos para refletir sobre outras possibilidades de leitura. As tensões entre os grupos em pauta, na minha perspectiva, não diminuem os processos de sociabilidade, ao contrário, colocam no centro da discussão, diferentes narrativas que cooperam na construção da romaria como um fenômeno híbrido.

Apontar que há, nos eventos romeiros, sujeitos com longos relatos de fé, alcance de graças, infinitas promessas pagas, sentimento de gratidão, respeito e devoção pelo Padre Cícero, ações voltadas, sobretudo, as questões sagradas, são de suma importância nas análises sobre romarias. Evidenciar também outras trajetórias, percepções que não se sustentam na relação devoto-santo, é também relevante. A romaria distante da compreensão de devoção abriga a oportunidade de compras, a ida a piseiros, bares, as sociabilidades traçadas no itinerário religioso, a curiosidade por conhecer Juazeiro e o que ele pode oferecer, como também práticas de cunho sexual.

Cinema Homoerótico

Tomei conhecimento da presença de um Cinema Homoerótico, popularmente chamado de “Cine”, na cidade de Juazeiro do Norte. O lugar está localizado entre a Praça Padre Cícero e a Igreja do Coração de Jesus, especificamente no bairro Salesianos. “No tempo da romaria lá fica lotado, os caras deixam as mulheres fazendo o percurso religioso, eles também fazem, mas vão pro cine pra pegação com outros homens”. Esta fala partiu de um sujeito que visitou o Cine algumas vezes. Estimulado pela minha problemática de pesquisa, achou interessante fazer o relato de uma prática, segundo ele, recorrente nas

romarias da cidade. Perdi o contato com o rapaz, mas não o interesse de compreender essa sociabilidade que, no meu entendimento, não sinaliza apenas uma prática realizada nos eventos romeiros, mas sobretudo, uma prática de romaria, isso também é romaria.

No momento em que as pessoas se deslocam de suas cidades até o município de Juazeiro, na temporalidade romeira, sinalizam, verbalmente, que estão indo fazer romaria. Ocorre que este “fazer” implica numa série de dinâmicas constituintes como práticas de sociabilidades que possibilitam pensar os eventos romeiros através da trajetória, em construção, desse sujeito múltiplo e inconcluso. O relato acima instiga refletir sobre uma espacialidade/temporalidade que oportuniza pensar a construção de itinerários de eventos romeiros atrelados às transformações de uma sociedade cada vez mais dinâmica e líquida (BAUMAN, 2007). “Não é possível pensar as romarias acontecendo à margem das mudanças mais amplas que ocorrem na vida social”. (BRAGA, SILVA, MENESES, 2019, p. 273).

A presença de um Cinema Homoerótico no Juazeiro, a geografia do lugar, tendo em vista estar localizado entre duas espacialidades importantes do itinerário de romaria, Praça Padre Cícero e Igreja dos Salesianos, surge como um dado relevante na minha pesquisa. Até então, eu não tinha conhecimento do Cine, a informação partiu de um rapaz que visitou o lugar algumas vezes. O homem mencionado não faz romaria, mas me fez tomar conhecimento de que homens que fazem romaria integram na sua programação a visita ao espaço destinado a práticas homoeróticos. Reforçando, portanto, a tese da romaria enquanto categoria fluida, operando num constante cruzamento de experiências e práticas de natureza híbrida (CANCLINI, 2019).

No que se refere ao caráter híbrido, observamos as conexões entre o que seria da ordem econômica, do campo da cultura, da religiosidade popular, de atividades com a finalidade de entreter, operando no mesmo espaço e na mesma temporalidade. O aumento do fluxo de visitantes ao Cine, em períodos de romaria, sinaliza que os campos atuam diante de uma lógica de mutualidade. “No movimento da cidade, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais”. (CANCLINI, 2019, p. 301). Os eventos romeiros são retratados como fenômenos tomados de uma dimensão expressiva, por constituírem-se como processos que se articulam com questões históricas, econômicas, artísticas, religiosas, como processos combinados, “produtos híbridos” (CANCLINI, 2019).

O trabalho de campo realizado nas romarias, possibilitou o contato e a vivência com pessoas que, mesmo destituídas de vínculos de devoção ao padre Cícero,

compreendem que viajaram para a romaria e que as vivências, fundadas a partir das experiências angariadas naquela espacialidade/temporalidade, é romaria. “Não é uma experiência de trânsito entre um polo e o outro porque a dimensão tempo está implicada” (CORDEIRO, 2010, p. 229). Nesse sentido, as práticas que fogem de uma ação ortodoxa, ou melhor, de atividades que não estão contempladas na programação oficial dos eventos romeiros, não devem ser percebidas como algo fora dele. Visto que, estas práticas estão na romaria, construindo romaria e atribuindo maneiras de se perceber e experienciar os eventos romeiros do Padre Cícero.

No tocante ao grau de devoção ao Padre Cícero por parte dos frequentadores do Cine, é um dado em aberto, tendo em vista a dificuldade do contato direto com esses homens. Importa saber que as experiências desses homens rompem, ao tempo em que também constroem, maneiras novas de pensar o fazer romaria. Um fazer romaria que não está ancorado, necessariamente, na perspectiva da devoção como prerrogativa. O homem que vai ao Cine, na temporalidade romeira, o faz por compreender que este contexto oportuniza as relações ali estabelecidas. Do mesmo modo que o pagamento de promessa no horto, por exemplo, é um fazer romaria para o devoto, a visita ao Cine, naquele contexto, é viabilizada pela romaria.

No momento em que tomei conhecimento do Cine e, sobretudo, do fluxo significativo de pessoas em tempo de romaria, fiquei bastante curiosa para conhecer o local, instigada em compreender as dinâmicas produzidas naquele campo. Consegui acessar o perfil do Cine no Instagram e deparei-me com a seguinte informação: espaço exclusivamente masculino. Naquele momento abriu-se um abismo: geograficamente próxima e, ao mesmo tempo, absurdamente distante do lugar. Em virtude de um recorte de gênero não seria possível entrar no local. A minha condição de mulher não me autorizava a adentrar aquele espaço, aliás, o fato de ser mulher, colocava-me numa situação de proibição, mulher não pode entrar.

A página do cine na internet apresenta informações a respeito do endereço, do telefone para contato, valor da entrada e horário de funcionamento. O cine funciona de domingo a domingo, nestes horários, respectivamente: segunda, quarta, quinta e sexta: 11 às 21h. Terça: 11 às 18h. Sábado e domingo: 14 às 21h. Feriados: 14 às 21h. Ao me deparar com os horários de atendimento, observo tratar-se de uma agenda que atende a um público que necessita de uma certa cautela, sigilo, e atendimento nos horários vazios de responsabilidades de caráter familiar, profissional, por exemplo. Nesse contexto, parto

da premissa que o público alvo diz respeito a homens comprometidos, seja um compromisso com uma mulher, ou mesmo um compromisso moral.

Em conversas com um amigo que coleciona experiências a respeito de ambientes de entretenimento adulto, pude perceber alguns indicativos sobre as relações prescritas nesses locais. Questões em torno de discrição, sigilo, anonimato, receio da exposição, verificam-se como uma constante nas conexões travadas nessas espacialidades. Um terreno vigilante parece definir o que seria aquele lugar, o que ele representa. Interessante pensar as muitas emoções mobilizadas a partir de um contexto que nega ao tempo em que afirma. As práticas efetivadas em um cine homoerótico podem ser lidas como liberdade, no cenário descrito, e aprisionamento, no momento em que há um rompimento das paredes do lugar.

Trata-se, portanto, de um cenário que abriga “segredos indevassáveis” (Goffman, 2014, p. 156). As práticas sexuais que constituem vínculos entre homens, naquele contexto, são tomadas por um pacto do silêncio, acompanhada de conexões momentâneas, com um prazo bastante curto de validade. São percebidas como relações frágeis, mas não superficiais, visto que o acesso ao cine homoerótico oportuniza a vivência de experiências negadas no âmbito da esfera pública. Desse modo, as práticas corporificadas, instituem uma lógica pautada no segredo, atuam como operadores de um processo marcado por negações e afirmações.

A teoria de papéis sociais, desenvolvida por Goffman, retrata o movimento dessas relações, “papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social” (GOFFMAN, 2014, p. 28). Nesse sentido, a forma como o sujeito está posicionado em uma determinada situação definirá o seu comportamento, a sua ação. A interação com outros indivíduos será pautada na compreensão do sujeito a respeito das condições das relações estabelecidas na conjuntura específica. Papel social não implica, contudo, na assimilação de uma farsa, em ações movidas por mentiras, mas no entendimento de que, uma determinada situação exige a mobilização de procedimentos que reforçam a legitimidade do papel. O conceito de embaraço como “fatos que contradigam, desacreditem ou, de qualquer outro modo, lancem dúvidas sobre esta projeção” (GOFFMAN, 2014, p. 24)

A estrutura de funcionamento de um cine exige a apresentação de um dado papel e o abandono deste no momento em que o homem se retira do ambiente, uma vez que, outros papéis precisarão de um agenciamento a partir de outros contextos. A postura que o homem aciona nos espaços de entretenimento adulto, são negadas em outras situações.

Nas conversas que tive com um amigo, mencionado anteriormente, essa ideia ficou muito evidente. O abandono de uma postura, os segredos deixados no cine e a possibilidade de assumir uma outra conduta, são captadas no relato descrito por um amigo que observou a saída de homens de um Cine na cidade de Natal.

Eu já vi, tem um ateliê lá em Natal que (nome do ex-namorado dele) ia muito e, é um primeiro andar em frente a um cine, os homens entravam sempre assim, e a gente ficava olhando e a gente dizia, eita, esse aqui é casado, olha ali a aliança, eles entram correndo, olhando de lado, olhando pra trás, sai do mesmo jeito, subindo as calças, é uma coisa assim escondida, por isso esse tabu do cine, por isso esse tabu até de quem foi ou que já foi e nega, tudo bem que eu realmente nunca fui a um cine, mas sei como funciona porque dentro de sauna tem cine, pra você ter ideia já fui a uma sauna, dentro da sauna tem um cine que é uma televisão com cadeiras pra eles assistirem e se masturbarem igual um cinema, ficam se masturbando.

Os dados levantados acerca do cine e dos lugares destinados a atividades de práticas de cunho sexual, se deram através de conversas com homens que em algum momento das suas vidas tiveram essas experiências. Meu primeiro contato com essa realidade se deu a partir de uma breve conversa com um sujeito da região do cariri e depois com um amigo que não reside na região. Outra maneira de levantar elementos sobre o contexto assinalado ocorreu a partir da página do Cine na internet. Essas fontes foram muito importantes no entendimento da dinâmica desses lugares, do perfil dos frequentadores e da compreensão a respeito dos códigos que direcionam os comportamentos desses sujeitos posicionados.

A visita ao site do cine, permitiu-me coletar algumas informações preliminares e também, em certa medida, superficiais. Como amante de trabalho de campo, eu desejava ir além, almejava, sobretudo, adentrar na espacialidade que eu conhecia apenas através das descrições disponibilizadas na internet e dos demais relatos. Precisei, então, pensar em estratégias que me colocassem numa condição de maior aproximação com aquele campo. Entrar no cine não era possível, já estava conformada, mas precisava pensar em circunstâncias que me aproximasse, de alguma forma, daquela realidade. Uma realidade que conheci por acaso, a partir de uma fonte que me apresentou a informação, mas não me deu bases para pensar de maneira mais aprofundada. A fonte desapareceu, mas o desejo de entender as dinâmicas daquele lugar como uma prática de romaria, não. Eu precisava entrar no cine, mesmo sem entrar no cine.

Diante de todo esse cenário, eu visualizava um campo rico e muito desafiador. O acesso direto ao cine, não seria possível. A possibilidade de entrevistar homens com

disposição de relatar as vivências construídas naquele contexto, seria complicado. Dificilmente algum homem tornaria público uma prática que deve ser mantida no sigilo, uma prática que só é possível no anonimato. Diante desse panorama e, apesar de tantas limitações, pude refletir sobre como as muitas e múltiplas experiências dos sujeitos que constituem a romaria a tornam híbrida, fluida e possível. Uma conjuntura que trouxe elementos da possibilidade de um fazer romaria contemplado na realização de desejos sexuais, tendo em vista que a temporalidade romeira seria uma oportunidade para a efetivação desses anseios.

Nesse contato com os meus amigos, consegui, através de um deles, o número de WhatsApp de um rapaz que já frequentou o Cine. Entrei em contato com o moço, que foi muito solícito, falei um pouco da minha pesquisa, e ele me deu alguns elementos para pensar a presença, naquele ambiente, do público da romaria. “Olha, no domingo que fui lá no tempo de romaria, tava bem badalado, entrando e saindo bastante gente, no tempo que eu fiquei lá diria que entraram em torno de 70 homens”. A fala desse rapaz comunicou o mesmo que foi dito pelo sujeito que me falou inicialmente do cine, o fluxo intenso nos períodos de romaria.

A nossa conversa aconteceu por mensagens de texto do WhatsApp. Ao questionar sobre a presença de homens no Cine que estão fazendo romaria, ele disse: “tem alguns, a gente não é muito de se comunicar verbalmente. A comunicação acontece muito a moda antiga, pela troca de olhares. O pouco que a gente fala, sempre percebe que tem alguém de fora pelo sotaque”. O relato desse interlocutor, que se configura como alguém que esteve no Cine e esteve na temporalidade romeira, demonstra a presença de homens que, ao visitarem o cine gay de Juazeiro em períodos de romaria, estão fazendo romaria. Fazer romaria ganhou, na contemporaneidade, novos sentidos e significados. A visita ao Cine pode ser compreendida como parte da programação romeira desses homens que se dispõem experienciar sociabilidades naquele espaço.

Diante do cenário exposto, concebo duas premissas importantes. A primeira refere-se a pensar a urgência de análises que envolvam questões não explícitas, não postas, não ditas. A necessidade de refletir sobre o que não está posto encontra relevância quando percebemos que essas questões também constroem a ideia do fenômeno, no caso, da romaria. A segunda premissa parte de uma consequência da primeira, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos” (ADICHIE, 2018, p. 14). Na perspectiva que conduzi a pesquisa, evidencio que as romarias, como um fenômeno inconcluso, é muito mais do que está

posto e que, Juazeiro do Norte, acompanha a ideia que pauta as romarias: um território heterogêneo e indefinido.

QUE VENHAM OUTRAS ROMARIAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A romaria de Juazeiro do Norte, aos olhos dos *não devotos*, revelou a carência de investigações comprometidas com trajetórias camufladas no olhar cristalizado sobre o fazer romaria. Os olhos dos *não devotos* indicaram também inúmeras possibilidades de olhar o Juazeiro por variadas expressões de sentimentos despertados por uma cidade cosmopolita. Ao diminuir o volume das estruturas foi possível sentir os eventos romeiros e, conseqüentemente, o Juazeiro, a partir de novos sentidos. Relatos que colocaram no centro da discussão questões postas como secundárias frente a visão dominante. Esta tese, auxilia no entendimento de que romaria, ou melhor, romarias, são cenas sem conclusão, não há possibilidade da elaboração de um desfecho, são inacabadas, dinâmicas, fluidas, romarias não se encerram.

Não se encerram também as visões sobre Juazeiro do Norte. O que é o Juazeiro? Para quem? Quais as emoções que essa cidade desperta? Terra santa, para quem? A ideia de terra santa não responde muitos questionamentos quando levamos em consideração a narrativa de grupos que não percebem a cidade por esse viés. A ideia de terra santa não dá conta das experiências desvinculadas de um teor religioso, ou mesmo das que apresentam questões da ordem do sagrado, como observado em trabalhos que realizei anteriores sobre a presença de evangélicos no Juazeiro do Norte. Para estes, a terra não é do Padre Cícero, é a presença de Jesus Cristo que eles evidenciam, como tanto ouvi nas observações feitas nas igrejas neopentecostais.

Com isto não quero deslegitimar a narrativa oficial, apenas problematizar. O interesse é chamar a atenção para um Juazeiro visto por outras lentes, sentido por outros agentes. A minha trajetória acadêmica, como discutido no tópico que trouxe os meus passos, me fez enxergar um Juazeiro de possibilidades. O município com destaque na Educação Superior, tendo em vista as universidades e faculdades que conferem ao lugar um polo educacional. Um lócus de diversidade religiosa, de disputas por reconhecimentos, de resistência das religiões de matriz africana e do confronto protagonizado por lideranças evangélicas que, na tentativa de assumir protagonismo, operam invalidando a atuação do Padre Cícero.

Esta tese é fruto de muitas observações frente ao trabalho de campo realizado nas romarias de Juazeiro do Norte. Este trabalho é também consequência de muitas angústias, inseguranças e medo, muito medo. Um medo que ganhou uma dimensão indescritível quando a pandemia da Covid-19 assolou o mundo. A sensação de impotência invadiu o

meu ser e fez morada no meu quarto, lugar que encontrei abrigo para fugir do vírus e de tudo que ele representava. Além da infecção, o vírus trouxe à tona uma evidente desigualdade social, como apontou Boaventura de Sousa Santos (2020) no livro “A cruel Pedagogia do Vírus”. O meu quarto, e a possibilidade de ficar dentro dele, jogava na minha cara os privilégios que me cercam. A escrita da tese foi paralisada, substituída por uma empatia que me fazia sentir o sofrimento das pessoas mais vulneráveis.

Ao retomar o trabalho de campo continuei a reconhecer as muitas romarias que definem o que chamamos de romaria. No primeiro capítulo desta tese debrucei-me também numa reflexão sobre a religião. Uma análise indicando, inicialmente, o papel da religião como instituição social e as maneiras com as quais esta instituição afeta a todos, inclusive, os que não professam uma pertença religiosa. Ela é social (DURKHEIM). Ao falar de religião nos remete, automaticamente, à Igreja Católica, considero então indispensável uma abordagem que apresente elementos que pense nos instrumentos utilizados na validação do catolicismo hegemônico. Uma discussão que pautou a violência simbólica e física utilizada pela Igreja Católica como aparelhagem de afirmação.

Apresentar uma tese que confronta a leitura hegemônica sobre romarias, me fez confrontar também visões cristalizadas sobre o Juazeiro do Norte e também a respeito do catolicismo. O esforço indica uma necessidade de desnaturalizar pontos sobre os eventos romeiros e, conseqüentemente, viabilizar uma desconstrução sobre o Juazeiro, que reverbera na pauta da Igreja Católica. Não julgo ser possível pensar uma romaria aos olhos dos *não devotos* sem colocar na discussão questões importantes na construção de um discurso dominante sobre romarias/Juazeiro/catolicismo. Os pontos elencados no primeiro capítulo referentes ao domínio da Igreja Católica validam o que construí nesta tese.

A categoria *romaria fluida* surgiu como uma forma de demonstrar as múltiplas maneiras de vivenciar uma romaria, ela é fluida, escapa do controle institucional da Igreja, como também foge dos domínios de setores mais populares desta Igreja. Ela é fluida por ser constituída na trajetória dos inúmeros sujeitos, por encontrar sentido nas vivências de agentes que apresentam modos diferentes de fazer romaria. Na ausência da rigidez, a romaria escorre, esquia-se das estruturas que tendem a colocá-la como uma única coisa. Romaria fluida sugere uma atenção maior ao não posto, não dito, não evidenciado. Recomenda um olhar para os sujeitos que, ao não reforçarem uma vivência centralizada

na visão dominante, apresentam curiosas visões e percepções sobre o fenômeno em contexto.

O segundo capítulo desta tese tem um caráter especial, é o trabalho de campo retratado em palavras. Tentar traduzir em palavras tudo o que vi, ouvi, senti, foi desafiador. Digo, contudo, que foi também encantador. Preciso confessar, não com tristeza, a minha incapacidade de registrar todos os momentos vivenciados nas romarias, foram muitos, foram muitas romarias. A incapacidade revela não uma incompetência, mas a riqueza do campo. Romaria não se prende, nem mesmo em palavras. Ela assume uma dimensão que incapacita o registro e a análise de tantas questões apresentadas pelo campo. O campo surpreende e ao surpreender comunica a emergência de problemáticas que necessitam de um olhar, de uma compreensão.

Nunca tive a ilusão de abarcar a totalidade do evento romeiro, tenho total convicção da impossibilidade desse feito. Quando, nas primeiras páginas desta tese, apresentei os seguintes questionamentos: “o que ver? Como ver? O que não ver?”, eu já sinalizava a dimensão grandiosa que caracteriza as romarias. Eu vi muita coisa. Entre as muitas coisas que vi, o meu olhar foi direcionado às experiências do que denominei de *não devotos*. Eu vi que estes compreendem a romaria pelo viés do entretenimento, vi que frequentam bares, piseiros, serestas. Presenciei pessoas buscando informações sobre festas, lugares badalados, paqueras e o acesso ao Caldas. Os *não devotos* acessam também os espaços sagrados, mas com um olhar e a experiência de um *não devoto*, daqueles que assumem compromisso e não pedem a benção ao santo.

O trabalho de campo mostrou, portanto, ou melhor, desconstruiu uma pré-noção de que os *não devotos* integram grupos que apresentam interesse apenas pelas questões profanas da romaria, o campo indicou um interesse também por lugares sagrados. Todavia, as maneiras com as quais esses espaços são agenciados demonstram um contato singular com a dimensão do sagrado. A cena, retratada no segundo capítulo, onde um rapaz diz: “vamos fazer só um boomerang”, referindo-se a chegada ao Santo Sepulcro, expressa a maneira como aquele espaço é agenciado. O Santo Sepulcro, para os devotos, é lugar de respeito, reverência, para o rapaz mencionado, lugar de um bom boomerang para postar no Instagram. Dito isto, os espaços são acessados e ressignificados.

No terceiro capítulo contextualizei a cidade de Juazeiro do Norte por meio de vários parâmetros. Senti a necessidade de evocar pontos para pensar o contexto histórico não contemplado na narrativa oficial do município. O discurso hegemônico foi mencionado no texto, a partir da ideia do milagre da hóstia, neste sentido, fazia-se

necessário uma discussão apresentando outras narrativas. Destaquei que a concepção de terra santa ganhou força, entre outras coisas, por meio do silenciamento de outras expressões de cunho religioso. Afirmei, portanto, a construção de um script que embasou a consolidação do catolicismo como a religião dominante, demonstrando com isso que, no Juazeiro não se deu de maneira diferente. Atentei para a presença de religiões de matriz africana na cidade desde os primórdios, confrontando um discurso muito forte que coloca Juazeiro como uma cidade apenas católica, silenciando outras manifestações de caráter religioso.

Pensar a romaria fora da caixinha é refletir um contexto que viabiliza a construção dos festejos romeiros e a dimensão tomada por estes. Neste sentido, a construção desta tese destacou características das romarias e do Juazeiro negligenciada pela narrativa hegemônica. A região do Cariri abriga uma riqueza inenarrável, a exemplo da Chapada do Araripe. Apresentei as cidades de Crato e Barbalha como municípios importantes que cercam a cidade. Barbalha, sobretudo, é roteiro certo nas programações elaboradas pelas caravanas, o balneário do Caldas é uma atração famosa, sempre aparece nos relatos dos interlocutores a vontade de se divertir nesse balneário.

A Coleção Terra de Gigantes, do estilista Ronaldo Fraga, é uma leitura do Cariri cearense pelos olhos dos povos originários, dos Índios Kariris. Além de um retrato colorido, com cores reafirmando a existência de muitas culturas, muitos mestres, variadas manifestações culturais. O imaginário sobre Juazeiro do Norte é lido e validado a partir dos feitos concretizados pelo padre Cícero. Todavia, na trama que originou a história oficial, observam-se lacunas e silenciamentos. E a beata Maria de Araújo, não seria ela merecedora dos atos de devoção? Por que ela aparece tão sutilmente na historiografia? Juazeiro do Norte é mesmo terra só do padre Cícero? E os índios kariris? Os negros? E as demais manifestações populares e religiosas?

Evidentemente não respondi estes questionamentos, também não me propus respondê-los. Entretanto, a escrita deste capítulo explanou questões importantes para pensar a nossa problemática. A leitura que realizei das romarias e, consequentemente, do Juazeiro e do Padre Cícero repensa estruturas, posições, coloca no debate trajetórias que passam despercebidas. As lentes da visão privilegiada são os olhos do poder. O que se denomina história oficial parte de um único olhar sobre fatos que na maioria das vezes encontram-se imersos em processos complexos, atendendo a interesses escusos, transformando-se em uma história única. É preciso contar outras histórias (ADICHIE, 2018).

A ideia de contar outras histórias atravessa esta tese. Outra história sobre a romaria foi contada no momento que indicamos, por exemplo, a presença, no cine homoerótico, de homens que fazem a romaria. Entendo que o fazer romaria para esses sujeitos pode abarcar uma infinidade de experiências, inclusive, as de cunho sexual. O fluxo expressivo de homens no cine na temporalidade romeira sugere que aquele espaço integra o itinerário romeiro de muitos homens. São narrativas possíveis de serem alcançadas mediante a disposição de sair de uma visão estrutural do fenômeno e adentrar às práticas dos sujeitos, olhar e dar voz a esses sujeitos.

Isso tudo é romaria, é uma maneira de validar as ações de quem vivencia o fenômeno. Ações que, distantes de comportamentos esperados e legitimados por um formato de romeiro, compreendem-se como agentes de romaria. Quando visualizamos o cenário de uma romaria percebemos que se trata de um retrato multiforme, um retrato com pontos em evidência, em destaque e com muitos outros encobertos. Nesta tese estamos chamando a atenção para os elementos que não estão em evidência, estamos sinalizando a necessidade de interpretações consideram quem é do santo e também quem não é, a terra é do padre Cícero e pode ser de muitas outras coisas, mas é preciso olhar, é preciso ver essas outras coisas.

Pelos olhos dos *não devotos* eu consegui me ver. Eu sou uma *não devota*. Sou alguém que apreende o Juazeiro do Norte por perspectivas não ancoradas no sentimento de devoção, na relação afetiva com o padre Cícero. Já fui à romaria sem ter noção alguma do que a santa ou o santo representavam, e eu gostava da romaria e eu fazia a minha romaria. Pelos olhos dos *não devotos* pude perceber que é possível traçar caminhos, sem necessariamente andar pelos que já foram traçados. Percebi, na verdade, que ao construir caminhos abrem-se oportunidades jamais vistas no pensamento consolidado.

Escrevendo estas palavras, entendidas como conclusão da tese, não me passa a sensação de final. Sinto, confesso, uma alegria e, sobretudo, um alívio impossível de descrever em palavras, afinal estamos tratando de um processo realizador, emancipador, mas também doloroso. O que sinto é que estou encerrando uma etapa da minha vida, concluindo um doutorado, isso me enche de felicidade. Mas não estou encerrando esta discussão, estou abrindo caminhos para outras interpretações, outros olhares, outras leituras, outras vozes. A voz dos *não devotos* revelou itinerários, concepções de romarias que não se contrapõem a visão dominante, muito pelo contrário, externa outras visões, enriquece o fenômeno.

Este trabalho não nega a romaria dos devotos, o carinho que os afilhados do padre Cícero nutrem por ele. Não nega também o caráter múltiplo do que compreendemos por romeiro. Durante o texto tentei deixar isso evidente por saber que, quando nos dispomos enxergar para além das estruturas, nos deparamos com uma certa resistência. Uma resistência que tende a negar ou invalidar as interpretações que se apresentam como dominantes. Mas eu, como amante do trabalho de campo, sempre confiei no que o campo me apresenta, sempre gostei da forma como ele me surpreende. Nesta tese, o campo me apresentou uma problemática original, um olhar interessante, eu não poderia fechar os olhos para isso.

Débora Leitão no texto “A arte de sensibilizar o olhar ou por que ensinar antropologia?” deixa um recado de sabedoria e sensibilidade sobre enxergar o mundo pelo olhar antropológico: “é, entretanto, ir além da visão crítica. É desafiar, sem temores, nossas próprias crenças e certezas (e as dos outros) mas, antes de tudo é perceber a enorme gama de elementos que compõem a realidade”. (LEITÃO, p. 4). A realidade das romarias não cabe nesta tese, como também em nenhuma outra, o que coube aqui foi um olhar, sensível, de uma interpretação que desafia certezas, que coloca em dúvida paradigmas, revelando que, as romarias de Juazeiro do Norte estão cheias de histórias para contar, espero que tenha muita gente disposta a contá-las.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. Companhia das Letras, 2019.
- ALEXANDER, Jeffrey C. (1986). O novo movimento teórico. Tradução de Plínio Dentzien. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.02, n.04, p.05-28, jun. 1987.
- ALVES, Rubem. Religião e Repressão. Juiz de Fora, MG: Editora Siano, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. 44 Cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BECKER, Howard. Outsiders: estudos de Sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. 1º ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas: A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 36. Ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina.
- BRAGA, Antônio. Devoção, lazer e turismo nas romarias de Juazeiro do Norte, CE: reconfigurações romeiras dos significados das romarias a partir de tensões entre as categorias turismo e devoção. PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1, 2010, p. 149-161.
- _____. Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Porto Alegre, 2007.
- BRAGA, SILVA, MENESES. Romeiros, turismo e devoção nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Estudos de Religião, v. 33, n. 2 , 271-290 , maio-ago. 2019.
- CAMURÇA, Marcelo. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica das eleições presidenciais de 2018. Estudos de Sociologia, vol. 2 n. 25. Recife, 2019.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORDEIRO, Maria Paulo Jacinto. Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza, 2010.
- COVALESKI, Rogério. Conteúdo de marca e entretenimento: narrativas híbridas. In: Comunicação, Mídia e Consumo, 2015.
- DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. São Paulo: Paz e terra, 1976.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa; tradução de Vera Joscelyne. 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Dualidade da estrutura: agência e estrutura. Oeiras: Celta, 1989.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUERRA, Lemuel. “AS influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações da Igreja católica. In REVER n. 2, ano 3 – 2008. www.pucsp.br/rever/rv2_2003. (Acessado em 20.11.2021).

HERVIEU-LÉGER. Danielé. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEITÃO, Débora. A arte de sensibilizar o olhar ou por que ensinar antropologia?

LIPOVETSKY. G. & SERROY, J. A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARZANO, Marco. Uma Igreja carismática, pessoal e digital? O catolicismo pós-pandemia. Revista IHU on-line, 2020.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. Loyola: São Paulo, 1999.

MARQUES, OLIVEIRA. Juazeiro do Norte: um lugar para as Ciências Sociais. Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais. Nº 8. Crato -CE, 2015.

MARQUES, Roberto. Comunidade sem portas: imaginando o Cariri a partir de um bar de fim de noite. Campos 12(2):45-68, 2011.

MELO, Rosilene Alves de. O outro Juazeiro: história das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada. Tendências: Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri. Crato: URCA, v. 2, n.1, p. 29-40, jul. 2004.

MENESES, Itamara Freires. Terreno vigilante: compreendendo as ações dos Jovens Com Uma Missão (JOCUM) em Juazeiro do Norte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFRN, Natal, 2016.

NOBRE, Edianne S. Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. / Edianne dos Santos Nobre. – 2014. Tese (Doutorado) – UFRJ/

Instituto de História/ Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15, São Paulo Editora UNESP, 2000.

ONOFRE, Manoel Júnior. O desafio das palavras. Natal: 8 Editora, 2020.

PAZ, Renata Marinho. Para Onde Sopra o Vento: a Igreja Católica e as Romarias de Juazeiro. Juazeiro do Norte: Imeph, 2011.

PINHO, Fátima. O milagre da transformação da Hóstia Sagrada, em sangue, nas páginas do jornal O Apostolo, do Rio de Janeiro (1889-1898). XX Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: novo e velhos desafios. Florianópolis – SC, 2015.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. Santa Catarina, 2004.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. In: Ciências Sociales y Religión, Porto Alegre, ano 8, nº 8, p. 85-97, outubro de 2006.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, Modernidade e Tradição: transformações do campo religioso. Ciências Sociales y Religion/ Ciências Sociais e Religião, n.3, p. 115-129, Porto Alegre, 2001.

SILVA, Amanda Priscila. Festa do céu na terra. Uma análise de experiências musicais nas romarias de Juazeiro do Norte, Ce. Dissertação de mestrado. UFPE: Recife, 2017.

SPYER, Juliano. Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VELHO, Gilberto. (2003). Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: Metodologia das Ciências Sociais. São Paulo Cortez.